ANNO XXV — N.º 51
Rio, 19 de Dezembro de 1931
PREÇO: 1$000

...Insubstituivel

ASSIM como não se substitue a personalidade, assim tambem, pela pureza do seu fabrico, pela sua rapida e absuluta efficacia e por ser de todo inoffensiva, a

CAFIASPIRINA

é unica e insubstituivel.

Por isso é ella, no mundo inteiro, considerada

o producto de confiança

Allivia e cura promptamente todas as dôres, de cabeça, de dentes, de ouvido; nevralgias, enxaquecas, colicas de senhoras, etc., produzindo um bem estar geral.

Exija-se-a emballagem original: tubos de 20 comprimidos, envelop-pes de 2 e discos de um comprimido.

O conto brasileiro

CABARET

Por

MAURO BARCELLOS

Era num subterraneo...

Alta noite, o noctivago desprevenido que passesse por alli pararia attonito e enlevado, ouvindo uns accordes melodiosos, que não saberia explicar de onde provinham...

Mas, para André, não havia mais segredo. Elle parára ha dois annos, tambem, como qualquer passeante nocturno, naquelle mesmo logar, ouvindo aquella mesma musica. E, curioso, indagára...

Foi numa noite de chuva. No céo negro, as nuvens corriam céleres. O trovão ribombava ao longe e o raio, zigzagueando, de minuto em minuto dividia o ether em dois pedaços tristes que se disputavam em horror. Fazia frio.

— Entremos, André!

O rapaz accedeu. E, com o amigo, penetrou através da porta envidraçada, que se fechou após elles.

No "hall" de uma deliciosa obscuridade, deixaram os chapéos e as capas nas mãos de uma menina pallida com olheiras romanticas.

— Vem, André. Desçamos.

— Sim, desçamos...

E elle todo fremia na espectativa do desconhecido. Imaginava homens de casaca, mulheres lindas, vinho, musica...

A' porta parou, deslumbrado. Em redor, mesas. Homens e mulheres que fumavam displicentemente. No fundo, um grupo de negros que se agitavam sem cessar, ao rythmo da musica que executavam. E, ao centro, alguns pares que se arrastavam.

— Sentemo-nos.

Escolheram uma das mesas mais retiradas.

— Que queres, André? Faz frio...

— Qualquer coisa...

O "garçon" encheu as taças de crystal, que reverberavam á luz polychromica das lampadas.

Depois veiu uma mulher... Depois, outra.

— André, não conheceu?...

Ellas não conheciam.

— André, o poeta! André, o divino cantor de "Alma", o psychologo subtil dos corações femininos!...

André sorriu aos elogios do amigo. E não se falou mais em poesia...

Georgia era linda. Tinha os olhos negros e mysteriosos, onde se reflectia a tristeza de sua alma... Tinha o corpo esguio, de curvas voluptuosas... E, tinha, sobretudo, um sorriso... Um desses sorrisos mysticos, que parecem um mixto de dôr e de luxuria... Inexplicaveis, mas sublimes...

A musica era dolente, evocativa e melancolica como uma canção nostalgica...

O "champagne" espuma nas taças... A fumaça azulada dos cigarros odorantes perdiam-se no ar em espiraes caprichosas... Um perfume esquisito errava pela sala...

André voltou na noite seguinte. E depois... E depois, ainda...

Trocou as musas por Georgia. Immolou a poesia ante o altar pagão de seu corpo branco. Trocou a penna pelo copo. Os livros por seus beijos de fogo...

Mas, tudo passa... E André passou tambem na vida de Georgia. Que representava, agora, para ella? Uma carteira vasia, exhausta... e nada mais!...

Implorou um dia. Gemeu. Soluçou beijando os seus cabellos perfumados, acariciando-lhe as mãos alabastrinas...

Em vão... Georgia foi implacavel.

Voltou ainda. Viu, desesperado, ella sorrir com o mesmo sorriso mystico de cortezã e de monja, falar com a mesma vóz acariciadora, dizer as mesmas palavras ternas e cheias de encantamento que tivéra para elle, a um outro homem...

Foi preso, depois. Um dia, quizera entrar á força no logar em que lhe prohibiam accesso... E, ouviu, pállido, allucinado, aquella bocca que o beijára, outrora, dizer á policia:

— Vadio... Desordeiro... Bebedo...

Desilludiu-se da vida...

A vida? Que era a vida?

A vida para elle era Georgia...

— Georgia morreu... morreu... — dizia, obstinado. — Ella me amou tanto...

E continuou a beber...

A's vezes, tinha momentos de lucidez:

— Georgia?... Ah! Georgia...

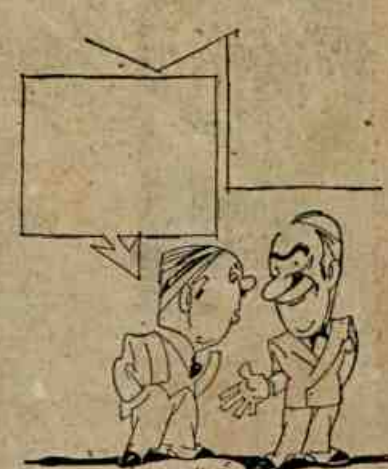
E ria...

— Olá, senhor francez!... Mais "champagne"! Não vê que a Georgia está commigo?!...

E deixava a cabeça cahir pesadamente sobre a mesa, murmurando numa gargalhada dolorosa:

— Georgia... Eu era poeta... Como te amei!...

— Desde a época da guerra, não me pagas siquer um tostão. Não reconheces a divida?

— Sim; mas, não penso dar-te um tostão. Acolho-me aos beneficios da proposta Hoover.

EXTRAVAGANCIA. — O medico prohibiu-me que comesse lagostas: essa é a tyrannia. Mas eu como e me indigesto: essa é a liberdade.

— Não sabia que liberdade e indigestão fossem synonimos.

SOZINHA

REGINA CELIA acabou de ler a missiva que lhe foi entregue e ficou assim... como si lhe houvessem tirado a alma... muito quieta, sem o menor estremecimento, olhando o infinito sem nada ver.

Regina Celia era noiva; entretanto, ao seu noivo, que a amava loucamente, ella dedicára, apenas, uma amizade muito grande, mas que se não podia chamar amor.

E' que ella se sentia incapaz de amar alguem, quando su'alma não era mais que uma enormissima chaga cancerosa e o seu coração jazia morto dentro do peito. Contrariada em seus amores, muito cêdo, tornára-se noiva sem amar. Tinha necessidade de um amparo; o rapaz era bom, e a queria demasiadamente e, não lhe era, tambem, de todo indifferente. Aquella carta, entretanto...

Aquella carta, branca como a alma de um justo, abrira-lhe n'alma as mais dolorosas lembranças de seu passado cruento.

E' que "elle", sabendo-a enferma physica e moralmente, por sua causa, vinha, naquella missiva branca, aconselhal-a que o olvidasse.

"Não te importes commigo... — dizia. Deixa-me entregue á grande dôr que me fizeste brotar n'alma. Deixa-me... Faze de conta que ainda estou entregue áquelle soffrimento em que me encontraste. Eu vivia sem amor, sem ser amado, não faz mal; pois, que assim continue."

Era mesmo verdade... Ella o encontrára em condições deploravel, abandonado pela sociedade, separado do mundo... e, com a virgindade de seus sentimentos, entregou lhe a alma pura, o coração joven que pulsava com o vigor dos seus 17 annos.

"Esquece-me, esquece-me para sempre, porque deve ser assim! "Elle" te ama muito mais ainda do que eu te amei... Tu deves, tambem, viver apenas para elle, que é bom..."

Oh! si o era! Ella bem que reconhecia tudo isto... mas não podia viver exclusivamente para elle, porque o seu pensamento estava todo inteiro voltado ao passado. Mas... Não! Regina Celia não podia crer que seu noivo a amasse mais que o "outro" o amára...

Não sacrificára, elle, tantas e tantas vezes a propria vida para ir vêl-a? E então?

Mais tremula, ainda, ella continuou a leitura:

"Não nubles o teu pensamento com a lembrança fatal do nosso passado desditoso. Esquece... procura banir da tua idéa a minha figura, que só te poderá causar asco. Sou um pobre infeliz, que veiu ao mundo unicamente para turvar com a minha infinita desventura os dias de sol de tua dourada mocidade. Abandona a tristeza! Não mergulhes o teu pensamento nas profundezas de um passado tão misero... Esquece-me, embora mesmo, eu te asseguro que de ti não mais me esquecerei, nunca mais!..."

Regina Celia estremeceu, mais uma vez. Esquecêl-o! Oh! Ironia! Acaso se póde esquecer o homem que pela vez primeira nos embalou nos braços do amor, que pela vez primeira nos enmagou, a bocca num beijo fervoroso?

A essas recordações angustiadas, Regina Celia chorava sem sentir.

Bem que ella queria sepultar nas trevas do esquecimento, os episodios do seu passado; mas nem mesmo o tempo conseguira tal fazer.

O Amor... o Amor!... Póde alguem afastál-o quando elle se approxima? Si é elle tão mysterioso... entra-nos n'alma como por encanto...

Si pudesse afastál-o... si pudesse... é certo que

A RAÇA

ELLE mostrou-me os seus cavallos, os seus cães, as suas gallinhas.

— Este cavallo, comprei-o em Buenos Aires. Doze contos, meu caro. Primeiro premio em duas exposições de Palermo.

— Inglez?

— Inglez.

— Tem corrido?

— Não o faço correr. Aquelle cão, paguei quinhentos mil réis por elle.

— Tem caçado?

— Eu não gosto de caçadas.

Estas gallinhas são Plymouth. Barradas. Veja as listas, — parecem feitas á pincel. Oitocentos mil réis o casal.

De Zelia Moreira

Regina Celia o teria expulso, ha muito, do seu peito.

Era preciso olvidál-o; elle proprio lho ordenara. Mas... seria mesmo verdade que elle desejava ser esquecido por ella?

Não! Porque ella, Regina Celia, queria, sim, que elle a deixasse de amar, sem esquecêl-a, porém.

E foi assim, mergulhada no abysmo profundo das scismas incontidas, dos estranhos pesares, que o noivo de Regina Celia foi encontrál-a.

— Ha lagrimas nos teus olhos, linda; porque? Já te não prohibi de chorar? Já te não disse que me aborreces muitissimo, quando encontro, assim, os teus olhitos, massacrados pelo pranto? Vamos... Sê fiel para teu noivo... Conta-me o que te faz soffrer assim, divina!

Regina Celia não respondeu. Aquelle "sê sincera para teu noivo" deixou-a pensativa.

Ficou alguns minutos mais scismarenta e decidiu-se, afinal.

Estendeu para o noivo a mão muito branca, onde tremulava, nervoso, o papel, e ordenou:

— Lê.

O rapaz correu soffregamente os olhos sobre a carta e, ao passo que ia lendo, seus labios se contraiam, o cenho sobre-carregara e todo o seu corpo vibrava de dor.

E assim foi até o fim.

Um silencio doloroso, um monstruoso silencio pairou entre ambos.

O olhar do rapaz relampejava de amargura. Elle soffria naquelle momento a mais hedionda das dores...

Regina Celia, os olhos lindos dançando dentro das lagrimas, olhava-o numa interrogação dorida...

— Elle te ama, Regina Celia... Elle te ama...

Ella não respondeu. Baixou o olhar, e approximou-se mais do noivo, tomando-lhe as mãos e osculando-as de leve, humildemente.

Esse gesto, porém, foi como si a ponta de um punhal se lhe cravasse no peito.

E, num grito angustioso, que nem era de dó nem de censura, elle exclamou:

— Tu o amas tambem! E' preciso agora que eu me vá... que eu desappareça da tua vida, porque penas tenho servido para augmentar mais ainda, o teu soffrer!

— Não...

— Queres negar, filha, mas eu leio nos teus olhos qual espelho de crystal a reflectir tua alma. Eu sei da agonia em que te debates. Oh! Regina Celia... Infeliz de mim que te quero tanto!

— Tende... piedade!

— E' preciso que eu me vá para toda a vida!

— Não Paulo! Si te fores o que será, então, de mim? Comtigo eu ia, aos poucos, adquirindo uma alma que perdi no passado — com as tuas caricias blandiciosas, ás quaes eu já me ia habituando, lentamente eu ia aprendendo a adorar a vida. Tens sido tão bom, Paulo... e eu gosto tanto de ti!...

— Como um irmão, talvez... Mas tu nunca poderás amar-me como eu desejava... A lembrança delle perdurará sempre no teu cerebro, e, de vez em vez, has de ter a impressão, dolorosa para mim, de que estás junto a "elle"... Deixa-me ir embora... E' preciso... Adeus, Regina Celia!... Felicidade... muita felicidade...

Levantou-se. As pernas tremiam-lhe horrivelmente. Uma pallidez de marmore espalhava-se-lhe por sobre o semblante triste e, nos olhos, as lagrimas balouçavam...

E elle se foi...

Lá fóra, no jardim, elle ouviu ainda os soluços abafados de Regina Celia, que murmurava num suspiro de dor:

— Foi-se a ultima illusão... Já não tenho ninguem que me queira bem...

— Vende os ovos?

— Não, não vendo.

— Mas, si não faz correrem os cavallos, si não leva os cães á caça, si não vende os ovos das gallinhas, por que comprou tão caro esses bichos?

— E' a raça, meu amigo. São animaes que valem o que pesam. Todos elles valem pelo sangue que têm nas veias.

Um sujeito humilde veiu pedir-lhe algumas instrucções.

Comprehendi que era o encarregado da granja, o creado daquella aristocracia zoologica.

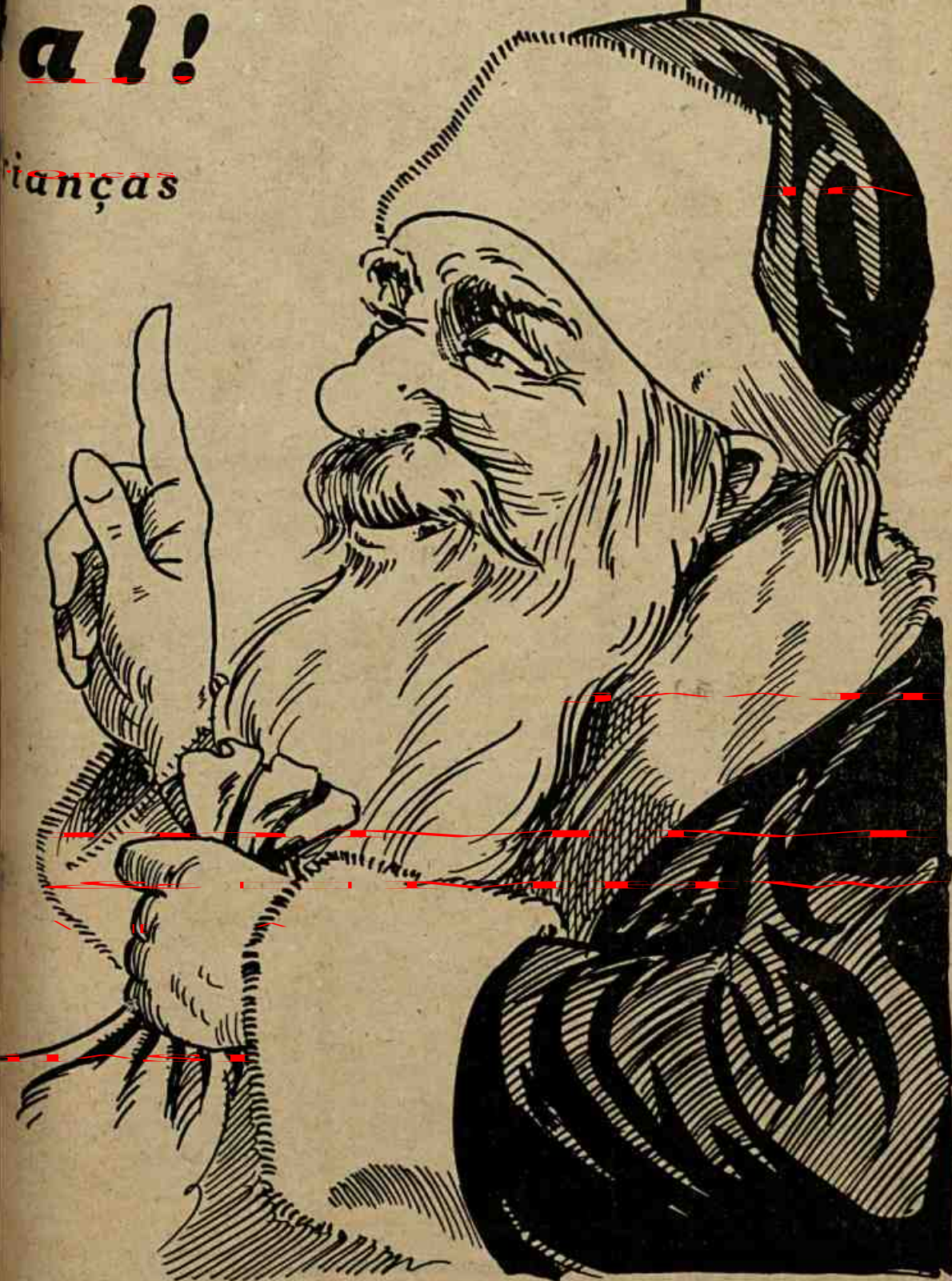
E perguntei, quando se retirou:

— Quem é?

— Meu irmão, respondeu, com indifferença.

PEDRO PAULO

* * *

Natal!
Mez das Crianças
O PAVILHÃO
OUVIDOR, 108
PROPÕE-SE A FORNECER
UMA ROUPA NOVA
PARA CADA CRIANÇA
BOAS FESTAS
TODOS AO PAVILHÃO
PARA COMPRAR BARATO

DIDA' (?) — Com muito prazer, faria o exame da letra que me enviou, por intermedio de um meu illustre companheiro, si os elementos que me forneceu não não fossem defficientes.

Para um estudo graphologico, é necessario escrever — no minimo — vinte linhas, com bôa tinta, utilizando-se de papel de linho e sem pauta. Tambem é imprescindivel a assignatura verdadeira da pessôa que escreve.

Ora, v. ex. me offereceu apenas um retalho de papel com tres linhas e sem assignatura.

COLOMBINA (S. Paulo) — A' falta de um endereço qualquer, sirvo-me desta pagina para lhe responder, não com a perfidia que me attribue, mas com essa consciencia serena de quem está habituada a dar muito da sua alma e do seu espirito, para receber pouco, ou melhor, para só receber ingratidões. Mas, que importa! Não chego ao messianismo christão, que manda offerecer a face direita ao que nos dá na esquerda. Direi, no emtanto, que para mim é muito mais grato vêr retribuindo, de modo evidentemente hostil, a somma de bem que distribuo a este ou áquelle, a não fazer bem algum — sentindo que ha uma alegria infinita em poder sorrir, tranquillo, — acima de certas miserias moraes — quando se pode fazel-o.

Depois dessa tirada philosophica, convém notar que, quem está habituado a ingratidões, como eu, uma que chega a mais não dá para causar surpreza.

E' verdade que os versos destinados ao *Fon-Fon* passam, na sua maioria, por esta banca. E eu mesmo, com grande espanto aqui dos collegas, já tenho pleiteado paginas e logares de destaque, para inimigos meus. Mais ainda: escrevo-lhes as legendas das photographias, cheias de adjectivos como no seu caso e no da senhorita Lyse Dorison. Mas, quando a minha consciencia diz que não devo applaudir mediocridades, — não tenho a covardia de agacharme, de fingir, de sophismar, etc, etc. Digo logo: "Sr. Fulano, os seus versos são infames. Foram para a cesta". Aquelles que são alcançados pela minha sinceridade, contumam dizer: "O Yves é um cretino, um invejoso, um despeitado, um perfido, um mesquinho". Mas a minha franqueza lá está — sem titubeios, nem agachamentos.

Dito isto — declaro que, desde o dia em que v. ex. esqueceu que tanto fiz pela sua arte — até á publicação do seu livro — e no tempo em que eu era um deus, na sua opinião — desde esse dia — repito — me considerei insuspeito

para julgar o que v. ex. escreve no *Fon-Fon*. Mesmo porque a sua collaboração não é dirigida ao "Saibam todos", e sim ao nosso semanario.

Ora, por que hei de metter o bedelho, onde não sou chamado?

LUIS NUNES BAPTISTA (?) — Ah! Eu logo vi! Deus não me daria o desgosto de vêr findar este anno sem que me apparecesse um poeta rococó, para deleite e alegria das leitoras bonitas. Aqui está o sr.

Ora viva!

O sr. começa a sua missiva dizendo:

"Illmo. Sr. Yves. Ha tempos que me sinto dominado pela idea de colaborar em vosso apreciado magazine, visto que seja elle mais dado á literatura, que muitos dos outros dessa metropole.

Provera a Deus que nunca haja de morar em mim a presumpção de receber elogios, sendo como sou, mediocre pesquisador da lingua e esposo amantissimo das musas que me alegram a vida e me enternecem a alma."

Começa mal a sua carta, porque esse "Illmo sr" que me dá me faz pensar que o sr. é algum negociante... de poesias, e não um poeta de facto. "Illmo sr." é introito de carta commercial.

O sr. me mette medo, ao confessar que é "esposo das musas". Pois olhe, além de poliandras, ellas tiveram mau gosto em casar com um homem que não é filho legitimo da Intelligencia...

POLICROMIA...

LUIZ NUNES BAPTISTA

O céu anda esfumado,
Em crispações, de enfado,
Com uma vontade louca de chu-
[ver...

A pouco
Aurigemante,
De nuvens ôco,
Andava a resplender!...

No entanto, o tempo, velho clau-
[dicante,
Revestiu-o de Nimbus,
Tornou-o crinisparso,
Fazendo-o então chorar,
Esparso,
Um longo muito frio,
Que foi varar
O coração da noite,
Rolando emfim no mar ou sobre o
[rio,

Que a aura em rijo açoite.
Encrespava de rio...

Meu caro, não se esqueça de que é "esposo amantissimo das musas", e, portanto, genro de Apollo.

Por menos do que o sr. fez escrever versos bôbos — elle, o deus das artes, pôz orelhas de asno em Midas... Cuidado!

Aquelle céo "ôco de nuvens" e aquelle "aurigemante" lhe valem dez castigos... Paremos aqui. E decifre o resto, caro poeta aurigemante...

JOSE' VENINO VIEIRA (São Paulo) — Oh! meu caro! Desta vez, o sr. não ficará sem resposta. Mas, do mesmo modo, não adeantou nada com a sua missiva.

Escreve o sr.:

"Illmo. Snr. Yves — Datada de 6 de Junho findo, enviei-lhe uma carta, acompanhada de alguns sonetos de minha autoria, pedindo a sua apreciação sobre o valor dos mesmos.

— Agora, lendo o ultimo numero de "Fon-Fon", encontrei uma alusão sobre os diversos motivos por que muitas veses um consulente fica sem resposta. Acontece porém, que, por mais que procurasse, não encontrei razões que coincidissem com os diseres de minha carta.

— Neste caso, tomei a liberdade de importunal-o mais uma vês, esperando merecer uma resposta á minha consulta, não tendo duvida em adiantar-lhe que acatarei por inteiro, o seu julgamento competente.

— Agradecendo-lhe sinceramente, passo a assinar-me,

V.ª At.ª admor.

José Venino Vieira".

Ora, o mais pratico era o sr. enviar-me os seus sonetos, e não perguntar por elles. Porque si os não recebi, é claro que só poderia responder negativamente; e si os tivesse recebido e não servissem para o *Fon-Fon*, eu lhe diria de uma vez: "Foram para a cesta".

Será possivel a sua simpleza de espirito admitta que eu me possa recordar de centenas e centenas de correspondencias que me chegam de toda parte do Brasil?

NYCE (S. Paulo) — V. ex. é literata, não? Si é, não m'o negue. Desejo render-lhe as homenagens que mereça... Isso de uma

joven fingir nas letras, como no amôr, é coisa muito velha.

Lemos uma carta e ficamos na duvida si a sua autora é ou não é mulher de letras. E isso somente porque ella não teve a bôa idéa de fazer um "post scriptum" esclarecendo as coisas: "Sou intellectual, e não uma senhorita como as outras"...

Espero que, de outra vez, v. ex. não me deixará na duvida. A sua missiva de hoje me leva a convicção de que v. ex. é literata. E si o não é, denota, pelo menos, que, para fazer um pedido de obras graphologicas, é capaz de fazer literatura pantheistica...

Vejamos a sua carta, para evitar as duvidas:

"Yves, meu talentoso poeta: E' noite e eu lhe escrevo á luz tremula de um candieiro de kerozene. Lá fóra, pelos campos, a lua

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

estende uma pallidez de morte; á beira do riacho, rãs entoam uma symphonia tristonha... E eu deixei, propositadamente, que a noite chegasse para escrever-lhe. Por que? Ora... está claro: sendo, como é, a primeira vez que me dirijo a um poeta como você, era necessario procurar menos corriqueirice no frazeado e, para tal, esperei que o dia agonizasse e nascesse a noite, linda como está, cheia de estrellas, e, assim, eu haveria, por certo, de, sentindo um pouquinho mais a belleza extasiante desta terra em que nasci, mandar-lhe um atomo, ao menos, do que se passa, muita vez, na minha alma... No entanto, não tenho, em absoluto, pretenções de fazer literatura nem poesia. Quero, tão sómente, que você não me ponha no rol das communs, das que não sentem a vida, e são futeis, e são banaes, e só sabem fazer elogios que nem sempre são espontaneos, ou tratar de assumptos que não comprehendem como o *feminismo*, ou falar de modas. Não, Yves, eu desejo, apenas, que você me tenha entre as suas bôas leitoras, das que o lêem com a alma e procuram adivinhal-o nas proprias entrelinhas. Entende?

Dahi o haver eu esperado que o dia morresse, para, desta reclusão longe da propria vida, escrever-lhe. Estou numa "Fazenda", bem distante da Capital, onde fui criada, embora nascida aqui. E vivo num isolamento profundo, não obstante estar cercada do que ha de mais bello, que é, pelas manhãs, o chilrear do passaredo nos galhos das arvores, e, á tardinha o cair do sol tingindo de vermelho, na tristeza do poente, o céu azul; e pelas noites de luar como esta em que lhe escrevo, o ranger de carros de bois, pela estrada, que, ao longe, parece com accordes de um violino. Neste mez, então, em que a Primavera vem chegando, as campinas se enfeitam de flores silvestres, e os malme-queres ornam de oiro os prados e os "beiraes" das fontes e dos riachos, e a natureza é como um poema que extasia.

E eu devo a vocês, poetas, os meus melhores momentos de extase, na solidão acabrunhante em que estou.

Peço-lhe, encarecida, e muito grata ficarei, se você me informar qual ou quaes os melhores autores de obras graphologicas, bem como os respectivos custos e livrarias encontradas.

Com um *shake hands*, subscreve-se a mais pequenina das suas admiradoras que é Nyce.".

V. ex. me chama "talentoso poeta". Ah! talentoso! Nunca pensei que eu fosse talentoso! Que horror! Todo mundo, neste Brasil, é talentoso! E' possivel que tambem eu o seja?

V. ex. até parece aquella senhorita que me chamou "talento precoce".

Precoce, meus senhores!

De onde se conclue que eu para ser mesmo alguma coisa em litteratura, só mesmo aos cem annos, ou na encarnação vindoura...

Era só o que me faltava, santo Deus!

Graphologia? Um tratado bom, a meu vêr? Desbarolles. Preço — 60$000. Crepieux - Jamin. Preço — 30$000. Qualquer obra desses mestres é notavel.

Si v. ex. morasse no Rio, eu lhe offereceria o meu curso de graphologia. Mas, em S. Paulo!... Só pelo radio...

MARTHA (Minas) — Para obter um estudo de physionomia é necessario enviar os detalhes do seu rosto, com precisão — de accôrdo com as indicações abaixo.

A physiognomonia nada tem com a graphologia. A graphologia revela o caracter através das letras. A physiognomonia, através dos detalhes do rosto, isto é, da physionomia.

Eis a formula a ser enviada a esta secção:

CONSULTE-ME, proporcionando-me os seguintes detalhes:

Si os CABELLOS são louros, sedosos, castanhos, negros, grossos. Cabelleira basta ou não? Os cabellos cobrem as temporas e parte da testa?...

FRONTE: Si é alta, larga ou estreita.

PALPEBRAS: Bem arqueadas. Si as pestanas são ralas ou não; sua côr; si são compridas ou curtas.

SOBRANCELHAS: Si são espessas ou não, juntas ou separadas; grossas ou finas.

POMULOS: Salientes, fundos; muito grandes, etc....

OLHOS: Grandes, médios, pequenos, salientes, dentro da linha do rosto; si o olhar é fixo ou indeterminado.

NARIZ: Largo e recto, largo e grosso em sua base, sem ponta, aquilino, pontiagudo, arrebitado.

BOCCA: Grande, pequena, proporcionada.

LABIOS: Grossos, finos, salientes (um delles ou ambos), pallidos ou rosados.

SORRISO: Si é forçado ou natural.

COLLO: Redondo, bem formado, delgado.

DENTES: Grandes, pequenos, separados, unidos, ponteagudos.

NUCA: Concava, delgada e alta, etc.

ORELHAS: Sua fórma, collocação (alta ou baixo), pequenas ou grandes, colladas ou separadas do craneo.

LINGUA: Curta, larga, grossa, fina.

VOZ: Baixa e forte, suave e débil, clara e sonóra, insegura, alta, rude, rouca.

RISO: Franco, egoista.

CILO' (Capital) — Oh, poeta! Escreve o sr.:

"Presado Yves.

Junto a esta dois meus trabalhos pequeninos, flores colhidas do meu jardim de sonhos, na esperança duma acceitação.

Confiado na sua intelligencia, a alma do progresso, e na sua sêde insaciavel de mais crescente ver a Luz que illumina o nosso povo, ajudando todo aquelle que te vem pedir auxilio, é que ouso bater a tua porta..."

Como se vê, pela sua carta não é preciso ir aos versos. A carta diz tudo.

YVES

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú. 62
Caixa Postal 97
Telephone 2 - 4136

FON - FON — 19 - 12 - 931

Data da consulta ....
Nome da consulta ....
....

CADA VOL. BROCHURA
5$
COLLEÇÃO PARA TODOS
CADA VOL. ENCADERNADO
7$
Quem era o Pimpinella Escarlate
VOLUMES JA' PUBLICADOS:
RAPHAEL SABATINI
(O Dumas moderno)
SCARAMOUCHE
O GAVIÃO DO MAR
CAPITÃO BLOOD
A VOLTA DO CAPITÃO BLOOD
O PRINCIPE ROMANTICO
BARONEZA ORCZY
A PIMPINELLA ESCARLATE
AS AVENTURAS DO PIMPINELLA
EU ME VINGAREI
O TYRANNO
A VICTORIA DO PIMPINELLA
ELDORADO
SIR PERCY
EDGAR WALLACE
O HOMEM DE MARROCOS
O COMMANDANTE DE ALMAS
O GABINETE N.º 13
O MILHÃO PERDIDO
O LEÃO DA BOLSA
UM PERFIL NA SOMBRA
O REI DA NOITE
A SERPENTE
O INTRIGANTE
C. P. WREN
BEAU GESTE
E. BARRINGTON
A DIVINA DAMA
E. M. HULL
O SHEIK
O FILHO DO SHEIK
EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL E NA
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
Rua dos Gusmões, 26 e 28 - SÃO PAULO
O MILHÃO PERDIDO
BARONEZA ORCZY
A DIVINA DAMA
E. BARRINGTON
O CABINETE Nº 13
BEAU GESTE
P. C. WREN
O SHEIK
E. M. HULL

MUSICA EM CONSERVA

LA' vae o navio gaiola, navio de pavor, rio Purús acima serpeando, margeando terras do Estado de Amazonas.

De quando em quando, uma surprêsa: aqui, em graciosas linhas, um bando de garças corta o espaço; alli, com indifferença, colossal felino joga-se á agua e mergulha e emerge mais adeante a nadar, a desdenhar dos olhares curiosos que lhe acompanham os movimentos, sem receio das armas disparadas por mãos atiradores; acolá, entregues ao desleixo, monstruosos jacarés, a modo dos fallecidos na beira do rio, não fazem o mais leve movimento.

Lá vae o navio gaiola, de onde se observa nas terras de alluvião, formadas pelas recentes vazantes, a fertilidade admiravel daquelles terrenos.

Aproxima-se o pôr do sol; vem o crepusculo num espectaculo flamante pomposo, notavel; e, por navegar á noite, pára o navio junto a uma quebrada, feita pelas enxurradas. Pára o pequenino navio, mas diversas nuvens de mosquitos volumosos, de pernas muito compridas, atacam ferozmente os passageiros que, aturdidos com o zumbido dos carapanãs e perseguidos e maltratados, solicitam ao commandante procurar ancoradouro menos inquietador. Esse accede, movimenta o barco e vae ancorar mais adeante numa enseada de pouca extensão, favorecida no momento por sudoeste algum tanto fresco.

A' margem do rio nota-se, perto, a existencia de uma palhoça isolada, em cujo interior tambem se nota a luz mortiça de um candieiro. De quando em quando figuras mal distinctas de pessôas lá dentro, passam de um logar para outro.

Toda a attenção dos quarenta passageiros converge só para alli. E vem o commentario mais ou menos lyrico, mais ou menos heroico, mais ou menos malicioso acêrca da maneira de viver dos moradores da palhoça.

Contentes os passageiros por não haver mosquitos, mais tarde procuram agazalhar-se do melhor modo, para desfructar somno tranquillo.

Não ha duvida, pensam, teem de dormir bem. Em hora bemdita mandára o commandante que alli se lançasse a ancora e ficasse o navio naquelle recanto, depois envolto nas trevas, mas delicioso por nada lhes causar incommodo.

E quando ninguém mais fala e nada mais se ouve senão, de longe em longe, o arrulhar de pequenina onda a modo para adormecer os que procuram levar o resto da noite em profundo somno, partem da palhoça os primeiros sons de velho gramophone, os quaes são recebidos a bordo como si fossem um aviso de guerra, declarada por algum genio selvagem, cuja crueldade já não permittiria o socego.

Estremecem todos; tremem de sobresalto por serem bem conhecidas as bôas intenções daquella gente da palhoça: certo distrahir quem deseja o silencio absoluto, ao invés de ouvir desprezivel gramophone com seus discos já muito surrados, já muito antiquados!

E durante toda a noite ninguem mais consegue léve-léve dormitar.

E amanhecem quasi todos com dôres de cabeça, dôres nos rins, mârs fígados! Só um mestiço peruano de olhos congestos, que não falava com ninguém, continua de modo impassivel a ler certo livro massudo, escripto em castelhano; porem um gaiato passageiro resolve dirigir-lhe a palavra:

— Noite horrivel passamos com o banzé de cuia daquelle gramophone chinfrim! Caramba! O senhor não se incommodou!

E o peruano fala então com a vóz rouquenha:

— *Aun no he dormido, señor. Esa és la cosa! Nada hay más molesto que la musica en conserva y alta noche, entonces.—*

Todos se põem a rir e dizem quasi a um só tempo:

— E' bôa!... Musica em conserva!

HORMINO LYRA

SALTA MOITA

AMANHECIA. O sol dava em cheio na copa do arvoredo, pondo scintillações nas folhas orvalhadas. Arapongas, aqui e alli, malhavam nos altos jacarandás. Cotovias, por entre palmas de Pindobas, assobiavam alegremente. Passarinhos saltitavam na confusão multicôr das suas pennas. Os fios dagua, puros e limpidos, se despenhavam de rocha em rocha, num cantico de poesia immensa. O coração da natureza pulsava em toda a plenitude. Os ventos frescos da manhã devassavam-lhe as entranhas, farfalhando nos ramos vigorosos, baloiçando as touceiras de capins caboclos, e acariciando as folhas longas das samambaias. Gaviões peneiras, em treme-treme de azas, lá de cima, nos espaços transparentes, faziam o milagre da estabilidade aerea, e desciam de quando em vêz á caça dos reptis que, sobre os barrancos ou sobre as rochas, se refestelavam á luz solar. Nada de humano perturbava o despertar da natureza magna e fecunda. Alli, tudo vivia e palpitava com amor e singeleza, tendo a multiplicação como bâse e a alegria como complemento.

Dahi a pouco o eco de um machado, ferindo um pequiá centenario, cortou os quatro cantos da matta sombria. Tres homens robustos derribavam a madeira rija. Esta, a cada golpe vibrado, soltava uma exclamação de dôr, que ia morrer nos cerros longinquos. E elles, os lenhadores, a despeito da brisa mansa que lhes fustigava os corpos semi-nús, tinham as frontes e os braços musculosos humidos de suor. De quando em quando paravam, cuspinhavam nas palmas das mãos ou accendiam o cigarro, e recomeçavam a ardua tarefa.

Somente á tarde, quando o sol se escondia na fimbria azul do horizonte e a terra mergulhando nas trevas cerrava as palpebras de uns e abria os olhos de outros, elles desciam a passos lentos em demanda do salario e da choupana.

E depois de haver comido, chupando grandes cachimbos de barro com cabos sêccos de taquára, formavam em tôrno do lume, evocando lendas da meninice ou falando dos seus projectos e das suas ambições. Eram reminiscencias quasi nigenuas ou desejos quasi infantis. Nos seus olhos de bons e leaes não fulguravam clarões de iras tempestades, nem raiavam relâmpagos de aspirações impossiveis. Era tudo natural e expontaneo.

Foi numa dessas noites de repouso que o velho Mané Thomaz, caboclo de rosto encarquilhado, sem dentes, mãos callosas, cabellos ralos e esbranquiçados, corpo franzino vergado como uma umbauba rachitica, sentado ao solo sob o calor das chammas, disséra do seu passado, dos seus amores e das suas esperanças, todas essas coisas que se foram e que eram para elle, noutros tempos, a dissertação dos melhores bens da vida, uma vez que, como dizia, só lhe restavam sete palmos de terra e um esquife publico, de madeira tôsca pintada de pixe com uma cruz amarella sobre a tampa, unico emblema de "luxo" que lhe legava a Municipalidade ou o patrão, como tributo á sua existencia sacrificada á prosperidade alheia e ao engrandecimento do torrão em que nascêra.

E assim, entre os lenhadores attentos, elle começou pausadamente:

— Quando era como vancês, moços cheio de força, não deixava qui ninguém me passasse a perna. Por dá cá aquella paia, levantava um baruião dos peccados. A muié qui me visse num dia de domingo cum a raupa de vê Deus, ficava cahida pra riba de mim mêmo qui sanharó perseguindo quem lhe fura a casa. Eu, porém, não ligava. Essa coisa de muié pra mim, era bestêra.

(Continua na pag. seguinte)

SALTA MOITA

(Continuação)

"No cumeço da minha vida fui sarta-moita. E passava dias e dias tangendo bois pulas estradas, debaixo do sol e da chuva, travessando os rio cheios qui inté metia mêdo. Naquelle tempo, — e suspirou! — a gente vivia muito mió qui hoje. O trabaio era mais ou mêno o mêmo. Mas, quando chegava dinoite, dava gosto vê como as viola gemia e os boiadêro dispois de cumê carne do sol fresquinha, intrava na guerra dos palavriado inté artas horas da menhã.

"Eu não sabia tocar, nem tinha gosto pra aprendê. Mas dizia meus verso bem direitinhos e não arreceiava quem me batesse em duas ou tres horas a fio.

"Uma noite nós arrecebemo ordes pra levá no outro dia um lote de nuvias tocadas da Fazenda Grande pra invernâ nas Cacimbas. Era perciso quatro dia de caminhada. Tivemo pouca sorte. Manheceu um dia chuvarento, parecendo qui S. Pedro abriu as nuve, despejando inriba da gente toda agua qui o arco-das-virge bebeu durante a sumana intêra. Mas, cumo ordes dadas tinha qui sê cumpridas, abalemo estrada a fóra dentro dum lamêro terrive. No fim do dia nós tava cahindo de cansados. E logo dispois de mastigar, pricurêmo os couros seccos e espaiêmo no chão pra drumi. Um dêdo de prosa e dahi a pouco ninguem mais falava. Os meus cumpanhêro ferraro no somno logo qui botaro as cabeça inriba dos braço. Eu tava cansado, mas tava alerta. Pru mais qui pricurasse esquecê a vida e a trabaiêra na morte dos pensamentos, sentia qui os óio tavam sequinhos qui nem rabo de teiú curtido. Biriquitei, virei dum lado pro outro e nada!

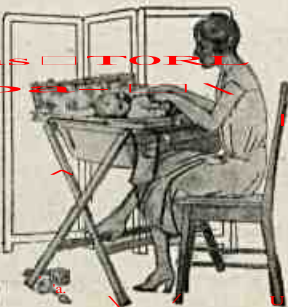
"Quando vi qui era impossive pegá no somno, já qui elle não queria garrá em mim, arresorvi ficá pensando nas coisas do passado e me alembrei da historia qui vou arrepeti pra vancês:

"Eu naci aqui nas matta, pras banda do Andarahy e fui criado na Fazenda do Capitão Pexôto, das Duas Barra. Desde cêdo o povaréo daquellas bandas dizia qui eu havéra de sê arguma coisa na vida. Quando fiquei taludinho, banquei pro sertão e fui tanger bois como sarta-moita, como já contei pra vancês. Nesse tempo eu tinha 16 annos. Nas caatingas aprendi a atirá e cheio de inthusiasmo cumecei a ajuntá o dinhêro qui ganhava inté chegá pra comprá o qui eu mais desejava: uma espingarda e um chapéo de couro, desses qui os vaquêro usa. Tive qui trabaiá muito pra consegui o qui desejava. Mas, como dizia o meu patrão, o querê é podê, sempre arranjei o dinhêro perciso.

"E foi a maió alegria da minha vida quando joguei nas costas a escopêta nova e interrei na cabeça o chapéo ainda chêrando a bizerro.

"Era um dia de domingo. E eu fui pulas estrada todo lampeiro e catita disafiando todo mundo, sem disafiá ninguém. O coração é qui pulava dentro do peito tal é qual um fiinho de ema perseguido de cachorro. Pru mais de uma vez incontrei no meu caminho uma perdiz ou um gavião. Levava a arma á cara e baixava sem detonar. "Era uma ninharia", — pensava commigo mesmo.

"E andei, virei, mexi, com a espingarda engaitiada a cada momento, sem tê corage de tirá a sua virgindade. Pra mim, dispois do premêro tiro, ella valia mêno. Era uma coisa qui eu não sabia dizê o qui era e meu chefe, tempos dispois, me ispricou qui era illusão. (Uma palavra e uma coisa muito cumpricada.) E fui andando, andando.... Quando dei fé de mim, era quasi á boquinha da noite. Uns passo mais eu topava a incruziada onde seu Zé Gome tinha venda. Pensei entonce: "Já qui tou aqui vou inté lã bebê uma talagada e fazê figa com a minha caçadeira novinha." Antes não tivesse ido!

"Quando fui chegando, toda gente qui tava ali fez um espalafato dannado! Minha arma briante

corria de mão em mão como uma mulhé perdida e todo mundo logiava o meu gosto e a belleza da cuja dita. Eu, mais cheio de ciume do que o nosso feitô pula Anna do Brejo, tava com os ólo inriba do sujeito que, de momento tinha a minha peça preciosa.

"Inriba do barcão tava uma manta de carne sêcca e uma faca junta, umas dez polegadas de comprido por umas duas de largura, qui servia pra retaiá a dita carne. Eu me alembro dessa passage pruque quando intrei levava muita fome e o chêro do alimento me chamou a attenção.

"A minha chumbadêra, como eu ia dizendo, não parava. Era daqui pra li e dali pra acolá. De repente, uvi uma voz qui dixéra: "Vou fazê um arvo naquelle bemtivi qui tá naquelle gaio, pra vê se a arma é mêmo bôa!"

"Ah meus fios, quasi perdi a rezão. Gritei, protestei! Pois a minha espingarda, o meu sonho de todas as noites, o motivo de eu tê passado fome e frio prumode a pudê comprá; a minha bunita arma qui eu deixei de estreá num passo grande com pena de tirá o fio do cachorro, ia, pula premêra vez matá um miserave bemtivi?! Um diabo dum passarinho qui véve de cumê carrapato e qui não ha chumbo qui mate num dia de sexta-feira?! Um bicho excommungado?! Não era possive!

"Garrei a lambedêra de cortá carne e abri! o jovarêdo inté João Coió, qui tava atirá mas não atira. Esse cabra era um nêgo de 35 anno mais ou mêno e simbó duma duza de morte. Toda gente se pellava com mêdo delle, e lhe tinha um grande pavô, um grande arreceio. E o bruto, sabendo disso, fazia o qui bem queria, martratando uns e discompondo outros, não artespeitando nem os véios com os seus cabello branco.

Ella. — Esta noite não vaes sahir, não é assim, maridinho?!...

"Quando me abêrei do bandido, elle já tava com a arma na pusição de atirá. Pedi, implorei! Me ôlôu com o rabo dos ôio e, dando um muchôcho de pouco causo, apertou o gatio do cão!

"Entonce foi qui eu soube o amô qui tinha pula minha fermosa escopêta!

"Quando o chumbo sahiu pula bocca da espingarda, zunindo como o vento nas parma do andaiá, intemei, cêgo de dô e de raiva, a faca nas costellas do nêgo criminoso qui robava o meu mió desejo...

"E ao tempo em que o porquêra do bemtivi cahia varado pulos carocinhos de chumbo em fôgo, João Coió tombava traspassado de lado a lado pula faca gordurosa do barcão do vendêro, tal e quá uma peroba que vancês joga no chão com a riqueza da força e a ajuda do machado..."

* * *

O lume como que acompanhando mêdroso a narrativa sangrenta, ou somnolento pela altitude da noite, baixou... baixou... e se extinguiu...

GILBERTO VEIGA

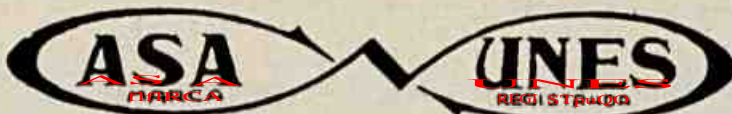
Notas de Arte

GIOCONDA CONTRUCCI — Discipula da prof.ª sra. Celina Roxo Eschmann, apresentou-se, num recital de piano, realizado no I. N. M., na tarde de 12 de dezembro, a menina Gioconda Contrucci, ou, melhor, Jocunda Contrucci, — pois se trata de uma brasileira, embora de ascendencia italiana — a qual, dizem e parece ter apenas 12 annos. Tocou a recitalista: *Chaconne*, de Haendel; *Toccata em si menor*, de Scarlatti; *Escossezza*, de Beethoven; *Alceste*, de Gluck - Saint - Saens; *Invatation á la valse*, de Weber; *Concerto em dó maior* (1.ª parte), de Beethoven; *Le petit ane blanc*, de Ibert; *Capricho* de H. Oswald; *O ginete de Pierrozinho*, de Villa Lobos; *Etude n.º 6*, de Sauer; *Romance*, de La Forge; *Fileuses prés de Carantec*, de Rhené Baton; *Fantaisie, Impromptu, Valse*, op. 34, n. 1, de Chopin, e, como extra, *Caixinha de musica*, de Rubikoff (?). O Concerto foi a 2 pianos, sendo acompanhadora d. Celina Roxo.

A simples leitura do programma revela desde logo o objectivo da mestra: demonstrar o valor da alumna através das varias escolas, desde o mais puro classismo até o mais caracteristico modernismo: de Haendel a Villa Lobos. E realmente o conseguiu. Jocunda Contrucci patenteou em todas as execuções invulgar talento artistico e bem apreciavel cultura technica. Era de ver-se o desembaraço, a expontaneidade, a segurança, o sentimento que imprimia ás interpretações, principalmente ás que mais se adaptavam á sua alma de menina, como *O ginete de Pierrozinho* e *Fileuses prés de Carantec*.

Mas não somente estas, ainda obras romanticas como a *Escossezza*, *Invatation á la valse* e *Alceste*, foram execuções que se podem classificar de primorosas, realizadas, como foram, por alumna e por uma alumna que ainda é criança. Toda a sala saudou com justo enthusiasmo a juvenissima pianista...

A' prof.ª Celina Roxo cabe parte das homenagens tributadas á recitalista, que talvez seja amanhã uma das notabilidades da pianistica brasileira.

MARIUCCIA IACOVINO — Desde que ha tres ou quatro annos surgiu em publico como discipula da notável virtuose e professora sra. Paulina d'Ambrosio, tornou-se fartamente conhecida a menina Mariuccia Iacovino, como das maiores vocações de violino que nos tem apparecido. Hoje que a menina se fez moça e a discipula, mestra, assiste-se á realização das esperanças de hontem. Commemorando os seus 18 annos de idade, deu Mariuccia Iacovino, no I. N. M., em a noite de 12 de dezembro, um recital de violino, a convite da Associação Brasileira de Musica, tocando, acompanhada pelo pianista Arnaldo Estrella, além dos *bis* e dos *extra*: I) Fried Bach — *Grave*. J. M. Leclair — *Tambourim*, Louis Cou-

Perin — *Chanson Louis XIII* e *Pavane*, Boccherini — *Allegretto*, J. S. Bach — *Preludio*, — Paganini — *Concerto* (1.° tempo e Cadencia); II) Glauco Velasquez — *Nostalgia*, H. Oswald — *Andante*, Villa Lobos — *Mariposa na Luz*, Szymanowsky — *Narcisse*, Blair Fairchild — *Mosquitos*, L. Boulanger — *Cortége* — H. Wieniawsky — *Polonaise*.

Na interpretação de tão diversas composições, Mariuccia Iacovino mostrou-se artista completa. A todas emprestou a rara sonoridade do seu violino e a notavel sensibilidade do seu temperamento. Embora seja o violino o mais vocal dos instrumentos, é preciso assignalar que o da recitalista tem ainda mais voz que muitos outros. A *Chanson* de Couperin foi verdadeiramente *cantada* e não apenas *tocada* pela grande pequena violinista. E que dizer do *Preludio* de Bach e da *Nostalgia* de Velasquez, primores de execução e de expressão? E ainda das outras peças, que, como essas duas, foram calorosamente bisadas: *Mosquitos* e *Cortége*?...

Mariucha Iacovino (permitta a joven e talentosa artista lhe traduza o prenome, para que se não pense ser italiana, a violinista brasileira) deu-nos a impressão de precisar apenas exercer continuamente a arte para attingir aos mais altos cimos. Quem como a distincta virtuose possúe os dotes naturaes que a distinguem e os conhecimentos technicos que revela, não se deve contentar em ser apenas violinista notavel; é preciso ser celebre, dentro e fóra do Brasil, como seria a sua eminente professora Paulina d'Ambrosio, se um máo destino não a tivesse algemado ao captiveiro do ensino, para ganhar a vida...

ALICINHA RICARDO — "Jeune encore, Alicinha Ricardo a la voix la plus exquisement timbrée qui se puisse rêver; la souplesse, la ductilité de ses inflexions et sa délicate intuition d'interprète sont des qualités qui ne peuvent manquer de la conduire très loin." — "La voix de Mlle. A. Ricardo est d'un métal si pur, si chaud, si prenant, d'une ductilité si remarquable, qu'on peut attendre beaucoup de cette jeune cantatrice.".

São estas e outras semelhantes, as criticas da imprensa parisiense, á fina artista que é a joven cantora brasileira, senhorita Alicinha Ricardo, ora em excursão artistica pelos Estados, a partir do E. de S. Paulo, onde já se acha ha alguns dias. Na Paulicéa Alicinha Ricardo cantará composições de Debussy, Respighi, Nin, Stravinsky, Villa Lobos, e outros applaudidos mestres da musica franceza, italiana, espanhola, russa e brasileira. Lá como aqui, o publico e a critica subscreverão com enthusiasmo e com justiça os juizos da imprensa de Paris. No minimo, repetirão com o chronista de *Comoedia*: *sa voix est ravissante et elle chante très intelligemment*.

Todos os acompanhamentos serão feitos pelo acatado pianista prof. José de Sousa Lima.

OSCAR D'ALVA

A Bordo. — A passageira (visitando as caldeiras). — E o senhor gosta do ar maritimo?...

DOUTOR

DE CLAUDE GEVEL

DESDE a vespera á noite que Urbain Griollet estava apaixonado, facto este que o enchia de espanto.

Havia chegado aos trinta annos vangloriando-se de nunca ter conhecido taes assomos sentimentaes que nos fazem commetter ás cégas, as maiores asneiras. Vangloriava-se sim, com isso, não se apercebendo que se orgulhava da propria mediocridade d'alma, simplesmente, na presumpção de que ella seria eterna...

Não lhes conto nada. O amor apoderou-se de Urbain Griollet, da maneira mais burgueza e mais banal: uma "brincadeira" familiar com uma batedeira de oculos sentada a um piano, alguns copos de laranjada, dôces sêccos, uns *brioches* sobre a mesa de jantar transformada em "*buffet*", uma joven creatura, vestida de gaze côr de rosa, á qual Urbain foi apresentado muito banalmente e com quem dansou muito correctamente, algumas phrases sobre a temperatura, a cordialidade dos donos da casa e o cinema falado, duas chavenas de chá bebidas aos pequeninos goles cadenciados, um sorriso á despedida, um aperto de mão ao mesmo tempo terno e energico, foi quanto bastou para Urbain Griollet se sentisse perdidamente apaixonado; era realmente para estar estupefacto.

O mais admiravel porém, era que não tentava reagir, a appellar para os recursos das bellas resoluções d'indifferença, ao contrario, entregava-se com delicia ao protocolo amoroso, regulamentado ha seculos e por seculos ainda, sem duvida: evocação da pessôa amada, enthusiasmo excessivo pelas qualidades physicas e intellectuaes que ella teve occasião de demonstrar, certeza de ser o primeiro no qual semelhante accidente acontece de modo tão inesperado, original e violento, orgulho de ser o objecto de tão grande favor do destino... Foi assim que Urbain Griollet, adormeceu, quasi a sonhar com uma moça cujo nome, caracter, existencia, elle ignorava, e demorava-se a compôr-lhe versos em que "belle inconnue" rimava com "nue", nuvem e não nudez, pois os pensamentos de Urbain são castos ainda. E' amor...

Durante a noite, Urbain Griollet despertou. Primeiro, ficou satisfeito pensando que era o arroubo de seus sentimentos que o havia despertado, mas teve que admittir logo, uma razão mais prosaica: um dente fazia-o atrozmente soffrer. A paixão, ainda que despontando, não resiste ao soffrimento physico. Urbain Griollet esqueceu a desconhecida para pensar só no molar.

No dia seguinte ás 8 horas telephonou ao dentista. Ficou sabendo que o homem egoista havia partido para os sports de inverno. Lembrou-se então que a tia havia soffrido recentemente de mal identico. Telephonou-lhe logo para obter o endereço do doutor que a havia tratado. A senhora dormia ainda, foi a creada de quarto que lhe deu o endereço desejado. Correu para lá com o classico lenço de encontro ao rosto. Só por ser o primeiro na sala de espéra, sentiu já as picadas se attenuarem. De repente abre-se uma porta. O doutor apparece, vestido de branco. Era a joven de gaze rosa...

Ella reconheceu-o immediatamente.

— E' o senhor Griollet!... Entre... por favor...

Em lugar de aproximar-se, Griollet recúa.

Pois elle lá ia mostrar-se n'aquelle miseravel estado á creatura de seus sonhos? Não pensa mais no soffrimento e só tem uma idéa, fugir.

Mas a dentista insiste:

— Vamos! Vamos! Não tenha receio.

Urbain quererá passar por uma gallinha molhada, prestando-se ao riso?

Resolve-se e entra, duplamente heroico, no gabinete luzidio de laca e nickel.

Com o gesto profissional, a joven indica a cadeira de tortura emquanto lava as mãos. Urbain Griollet olha-a: está ainda mais bella n'aquella brancura de enfermeira. Diz com vóz leve e musical que parece attenuar a dôr do cliente:

— Estou muito grata que o senhor viésse consultar-me... e que o seu par d'uma noite, lhe houvesse inspirado confiança...

Não ficava bem desilludil-a. De resto, ella está já perto d'elle, com espelho e pinça na mão.

— Onde lhe dóe?

Pousa sobre a face esquerda um dedo hesitante.

— Vamos vêr isso... Abra a bocca.

Mas Urbain fica de dentes serrados. De repente, tem a visão ridicula do espectaculo que iria offerecer á sua apaixonada. Uma careta horrivel que lhe enrugaria as faces, lhe abaixaria o nariz e lhe enrugaria os olhos, uma linha talvez, suja, uma dupla fila de dentes irregulares, dos quaes, a maior parte, obturados, enegrecidos ou dourados...

Como, algum dia, a joven de côr de rosa, poderia esquecer a d'Urbain Griollet, que terá impressionado ao doutor de branco? E como, Urbain Griollet, ousaria d'alli por diante murmurar pala-

vras de amor áquella que saberia tão exactamente, entre que dentes, lingua e véo palatino, ellas sabem...

A linda vóz tornou-se energica:

— Vamos... abra a bocca... Não precisa ficar assim nervoso!

Ao mesmo tempo, a fina mão de unhas brilhantes, apoia-se sobre o queixo inferior de Urbain... Cede elle á musica das palavras ou á pressão dos dedos, ou ainda á uma dôr mais aguda que desperta? Elle não sabe, fécha os olhos, abre a bocca, entrega-se...

Sabe bem que acaba de renunciar para sempre á esperança de repartir com aquella que o inspirou, o sentimento que enche o seu coração; sabe que deve esquecer as bellas esperanças que eram já projectos... Mas não duvida do supplicio a que se expõe: vêr [illegible] do proprio rosto, esse [illegible], respirar esse perfume, esse halito, sentir contra os labios os dedos que elle desejava cobrir de beijos e que são o instrumento de seu supplicio... ouvir finalmente uma vóz querida ordenar!

— Beba! Escurre! — E declarar em seguida!

— O dente que lhe dóe, está cariado. Aliás o senhor precisa d'uma limpeza completa...

E' o ultimo golpe. Urbain Griollet córa. Que prestigio póde pretender conservar um rapaz sciente de sua pouca limpeza? Ah! Fugir! Nunca mais voltar á presença d'ella!

Porém, risonha e cordeal, ella folheia um grosso livro de registro e diz com toda naturalidade!

— Vou marcar-lhe uma hora!

As palavras sôam como uma caçoada. Urbain acceita, jurando não comparecer...

Ai d'elle! Está de véras apaixonado, mais mesmo do que elle suppunha; a prova é que elle veio á hora marcada. Já que elle perdeu toda a esperança porque não se aproveitaria elle ao menos d'esses minutos em que ella fica perto delle, em que se occupa d'elle?...

Elle obtúra o dente doente... Põe duas ou tres corôas de ouro e depois chega o dia em que o seu queixo não mais reclama cuidados... Então, desespera-se e pretexta um soffrimento imaginario. Sacrifica por causa do amor o ultimo incisivo são que lhe restava...

O dentista procura em vão a causa do mal inexistente e conclue que só uma extracção permittirá descobril-o. Estoico, Urbain acceita. Um dente extrahido é um dente que precisará substituir, é uma serie de sessões em perspectiva.

— Impossivel a anesthesia, declara ella, si ha um abcesso...

— Faça, disse Urbain, e, cornelianо, abre a bocca.

O boticão avança, entra em acção.

— Está prompto! disse a dentista. Urbain fica boquiaberto. Não sentiu nada...

— Está prompto, continúa a vóz melodiosa... Pela sua coragem eu medi o seu amor...

Urbain pergunta a si mesmo si não estará sonhando... Elle ouve a formula consagrada, sublinhada por um riso:

— Póde fechar a bocca!

E sobre os labios, elle sente dois labios que se pousam.

* * *

O esposo (que insistiu em fazer a bagagem). — Aqui estão cem mil réis. Vae depressinha comprar mais duas malletas...

As élites das praias de Deauville

achavam o segredo da

BÔA APPARENCIA

nos trajes JANTZEN

NA brilhante praia de Deauville, onde desfilam os expoentes da moda, os trajes de natação Jantzen imperam como os grandes favoritos...

Jantzen é o traje de natação que revela as linhas esbeltas e graciosas de um corpo. E' de côr vistosa, de talhe distincto e cuidadosamente confeccionado de pura lã, pelo processo de tecelagem exclusivo de Jantzen, que faz realçar a elegancia de quem o veste.

Acompanhe a preferencia dos banhistas das praias mais famosas do mundo. Jantzen augmenta a bôa apparencia do seu porte e facilita os movimentos.

Todos os trajes Jantzen se distinguem pela mergulhadora em vermelho e se encontram nas cas de 1.ª ordem.

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 51

Rio de Janeiro, 19 de Dezembro de 1931

Director: SERGIO SILVA

SYMBOLO

FOI ha muito tempo, no Ceará...

O sol de fogo do sertão queimava os caminhos longos que se extendiam pelo campo sêcco, onde, a custo, repontava a fronde verde de algum joazeiro millionario de folhas...

Dezembro pompeava silencioso e escaldante dentro da natureza desolada da minha terra heroica. A casa grande da fazenda dormia, quietamente, a sua sésta de um plácido domingo de fim de verão. Ainda me lembro do oitão caiado que dava para o curral onde, á tarde, eu bebia o leite espumante da "Grafina"... Do pateo, sob uma latada de folhas de coqueiro, amarellecidas pelo tempo, meus olhos de menino insatisfeito contemplavam o pentágono branco lavado de sol e riscado ao meio pela linha vermelha do telhado do alpendre lateral.

Eu olhava, melancolicamente, a paizagem cinzenta daquelle meio dia estival. Via a casa do vaqueiro, mais distante... O rio sem agua, que passava lá em baixo, no sopé do morro, atraz da cerca de arame farpado... Areia só. Areia clara como o oitão da fazenda...

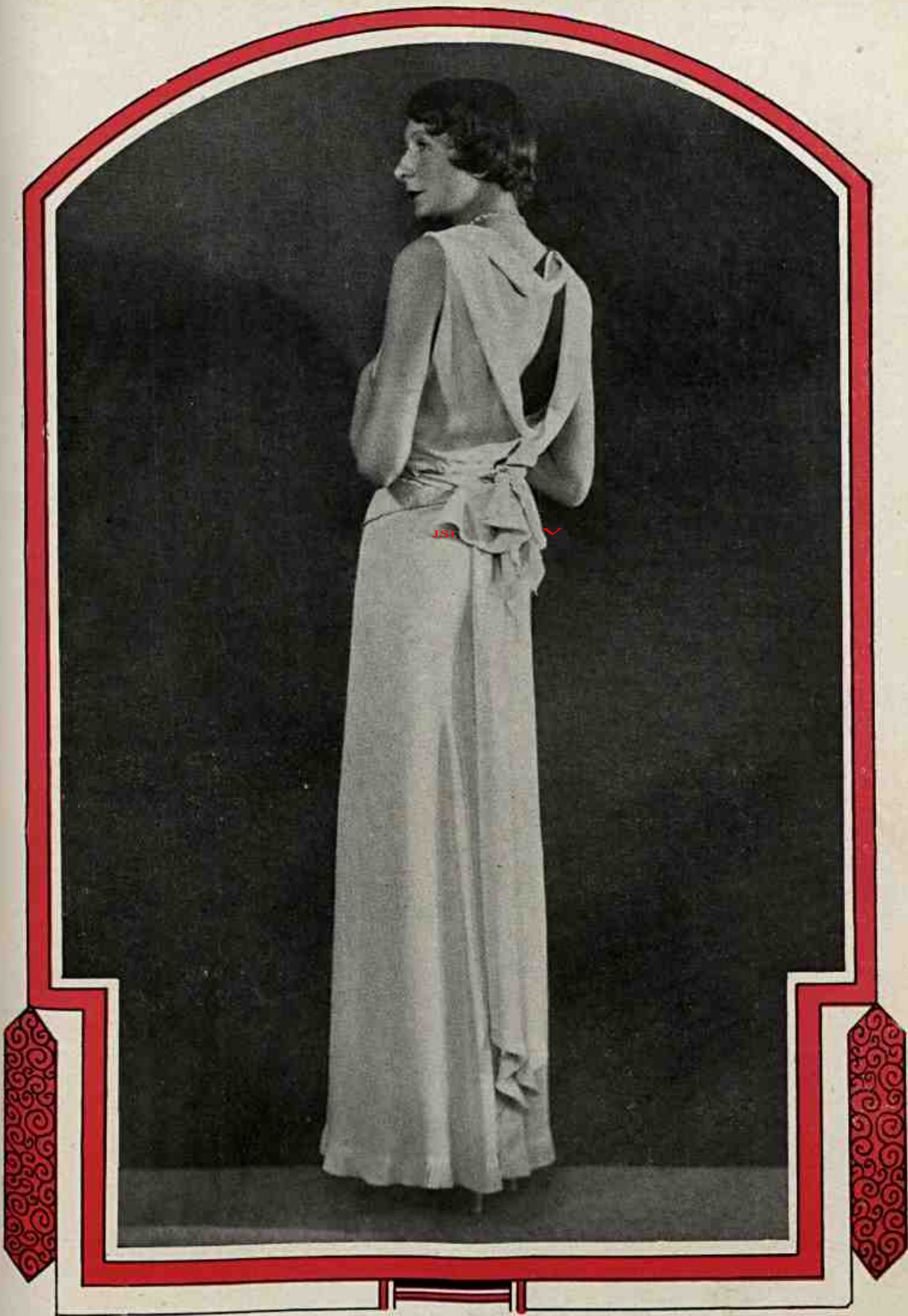
De repente, vislumbrei um pássaro voando: um pássaro da côr do campo sêcco. Era uma avoante solitaria, tonta de luz e de liberdade, que riscava o espaço aberto, á procura de outra avoante que lhe fizesse companhia naquelle deserto sem rumor de azas e de trinados. Mas, voando, voando, o passarinho agreste não encontrou o apoio amigo que buscava, e foi bater na silhueta desalentada de uma triste arvore sem folhas. Pobresinho! Cahiu perto de mim, vivo ainda, mas sem forças para voar... Cahiu como cahem os sonhadores impenitentes. Os sonhadores que morrem acreditando na illusão...

* * *

Esse episodio antigo tem sido um symbolo na minha vida. No espaço aberto do meu mundo sentimental, eu tambem voava, solitariamente, como o triste pássaro da minha adolescencia. Voava á procura de um sonho inattingivel: a felicidade. A' procura desse outro pássaro que sempre nos foge, desabaladamente, quando o queremos apanhar. Esse pássaro de azas vertiginosas, que só as azas da imaginação podem alcançar. Pássaro do sertão do destino, que não existe para o encanto da realidade.

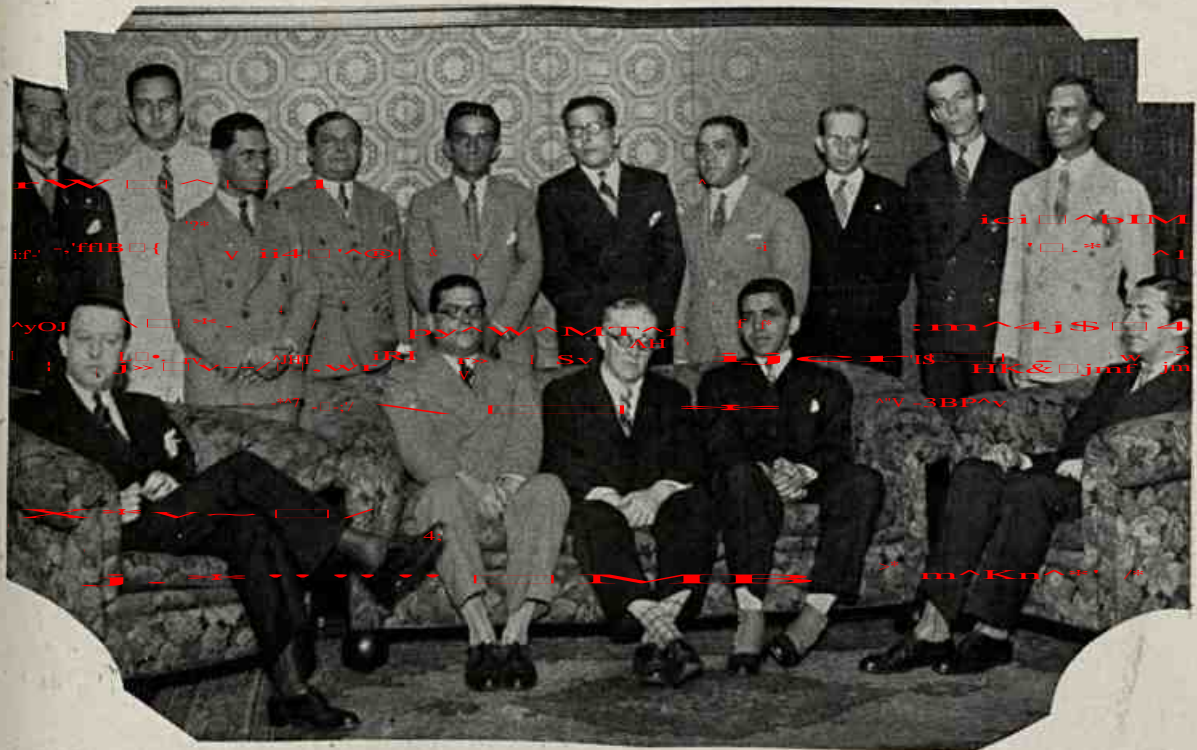
Ingenuamente, eu fazia, sob o sol de fogo do desejo, a tentativa inútil de encontrar, como aquella pobre avoante sertaneja, a companheira invisivel dos homens que não nasceram para a desventura. E voava, e voava, tangido pela esperança, que amparava lyricamente os anseios impetuosos da minha ambição. Mas não venci. E angustiado, melancolico, tonto de luz, fui bater na arvore sem folhas do destino, e cahi no pó do caminho, desilludido deante do impossivel...

MARTINS CAPISTRANO

SATIN MAT SOUFRE.

GEORGETTE ROSE BEIGE.

Creação Jean Patou. (*Photos especiaes para* FON-FON).

Tristeza de um sorriso
Talvez, um dia, esqueça que eras linda,
Talvez esqueça a tua formosura
E esta paixão, que acreditei infinda
E me deu tantos dias de ventura.
E quem sabe, talvez, esqueça ainda
que eras meiga, bondosa, suave e pura,
E que, em todo o romance, que hoje finda,
Nunca vi que hesitavas, mal segura.
Talvez nem lembre o aroma que espalhaste
Pela minha existência dolorida,
Como sobre jardins de um paraiso...
Mas nunca hei de esquecer que me ensinaste,
Para as horas amargas desta vida,
A tristeza sem par deste sorriso!
PAULO WERNECK
Paulo Gustavo

Organizado pelo Instituto dos Advogados, realizou-se na semana passada o almoço annual dos Juristas, em que se reuniram, para commemorar o dia da Justiça, advogados e membros da magistratura do Districto Federal. Presidiu ao ágape o desembargador presidente da Côrte de Appellação, que estava ladeado, á mesa, pelos drs. Astolpho Rezende, presidente do Instituto dos Advogados, e Goulart de Oliveira. Houve vários oradores, entre elles os drs. Bulhões Pedreira e João Neves da Fontoura. O «cliché» acima fixa um grupo dos convivas do almoço dos Juristas.

O Club dos Advogados festejou o quinto anniversario de sua fundação com uma solennidade que se realizou na noite de sexta-feira penultima, em sua séde social, e da qual foi orador official o dr. Linneu de Albuquerque Mello.

Diario de Navegação

DO RIO DE JANEIRO A BREMEN

II

DOMINGO, 16 de agosto — O vapor amanhece deante do presepio da ilha da Madeira. Desembarco e percorro a cidade e os arredores de automovel. Um jardim paradisiaco. Flores e parreiras por todos os lados. Alguns letreiros de vendas e tascas lembram pela sua chocarrice os do meu distante Ceará: «Viva a rapaziada!» — «Que a paz seja comvosco!» Subo ao monte e descortino a paisagem magnifica, toda a verde e florida ilha, assaltado embora por uma nuvem de mendigos e de pedintes. Desço á colina para ir ver numa velha igreja o corpo embalsamado do ultimo imperador da Austria, Carlos de Habsburgo, que ali acabou seus tristes dias. A meninada pedinchona persegue o auto aos gritos. Mal distingo os sons: — Um tostão! Um peany! Somente em Portugal e no Brasil esse deprimente espetaculo é possivel. Esqueço isso para gosar a deliciosa suavidade do clima e para contemplar o pinturesco dos aspetos. Os sinos do Funchal chamam os fieis á missa e os trenós deslisam rumorosamente sobre os escuros seixos rolados que calçam as ruas.

Na frescura da tarde, o «Sierra Ventana» se afasta da ilha afortunada. Barra o horizonte o vulto penhascoso de Porto Santo. Alguns ilhéus aridos cortam a planicie azul do mar. E o sol agonizante ensanguenta esses rochedos, mudas e misteriosas testemunhas dos cataclismas antigos.

Segunda-feira, 17 de agosto — De novo mar e céu. Passo o dia a jogar xadrez e golf. A' hora do chá, converso longamente com um diplomata austriaco que embarcou na Madeira, o barão Gauthier Conrad d'Eybesfeld, atual chefe do serviço de informações da Emigração no seu país. Ele serviu na Russia em 1925 e pormenoriza com fatos os horrores que testemunhou. Ouvindo-o, chega-se á conclusão de que tudo quanto a maioria dos livros relatam sobre o comunismo moscovita é verdade.

Nesta latitude e nesta época, a noite cai somente ás nove horas. A foice da lua brilha sobre o oceano. A cauda da Grande Ursa se arqueia no céu. E a estrela Polar fulge ao norte...

Terça-feira, 18 de agosto — Acordo no Tejo, com o navio atracado ao cáis de Alcantara. O sol nascente avermelha o casario em anfiteatro da velha Lisboa. As recordações tomam-me de assalto. Quantas vezes já por aqui passei! Uma feita, com a procissão na rua, como vulgarmente se diz, com o Monsanto a atirar para a Rotunda e com tiros da Rotunda para o Monsanto, cordões da Guarda Republicana fechando as ruas e metralhadoras pelas esquinas. Outra, no cruzador francês «Jeanne d'Arc», empavezado, a bandeira do Brasil a tremular no mastro, saúdada pelos vinte e um ribombos do forte de S. Julião. Outra.... Salto do ultimo degrau da escada e corro a um automovel. Vou fazer a minha peregrinação de sempre aos Jeronimos, a essa maravilha de pedra dourada pe... los séculos que representa a glori... e a fé duma grande raça e que co... memora o amanhecer da minha pa... tria. Vou a S. Roque, vou ao Mon... apreciar o panorama da cidade, ... S. Vicente de Fora e á velha Sé ro... mano-gótica, testemunha venera... dos terremotos do sólo e da soci... dade pelos centenários alem. Vou... estufa do parque Eduardo VII, ... Chiado, ás Janelas Verdes, tomo ... aperitivo no Nicola, ao Rocio, e em... a bordo ao soarem as doze bad... ladas.

Meia hora mais e desatracamo... Dia luminoso. Mar imóvel. Ao ... ge, no cocuruto da serra de Cintra, o castelo da Pena vigia o oceano, chora a gloria perdida das caravelas aventureiras. A torre de Belem ... ga-se na luz ofuscante. Para os ... dos de Cacilhas, fogem os barcos ... velas pandas e vermelhas. Depois do almoço, na coberta, por toda a tarde, vejo desdobrar-se a costa portuguesa, parduesca e semi-arida; cabo Roca, Torres Vedras, Ericeira, Peniche, o farol atalaia do cabo Carvoeiro.

Dr. Fernando Raja Gabaglia, illustre educador, que acaba de ser approvado com distincção no concurso para a Cadeira de Direito Internacional da Faculdade do Rio de Janeiro e que é um dos mais completos talentos do Brasil moço.

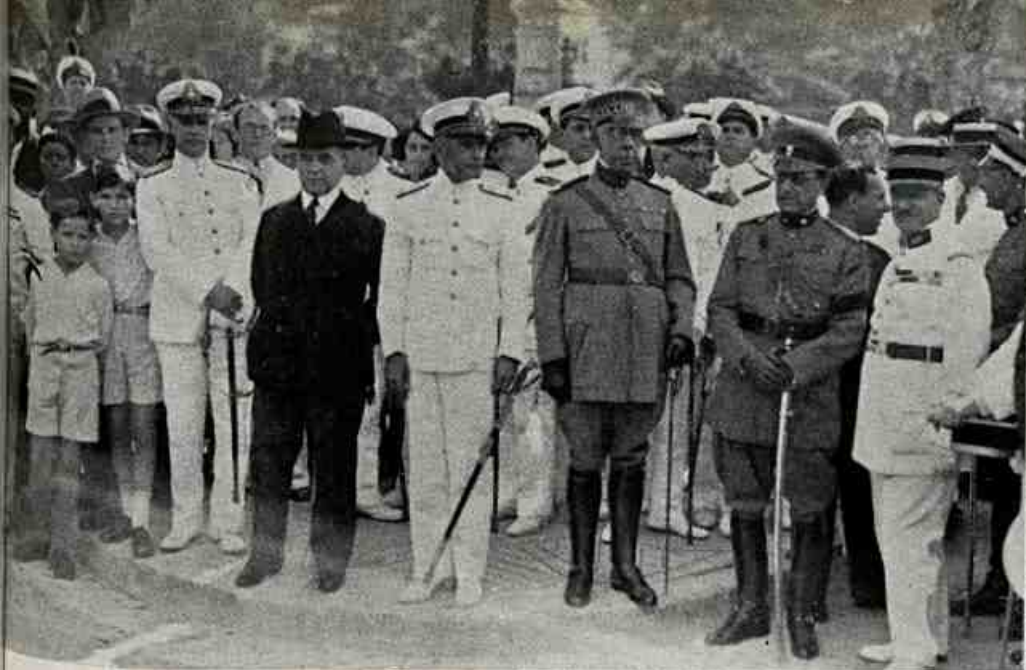
Quarta-feira, 19 de agosto — Ne... voeiro. Começou na noite de hontem, na costa de Portugal. Denso. De ... cortar com uma faca. O maior pe... rigo para quem navega. De dois em dois minutos, a sereia lançou o ... aviso enervante. Outros apitos lhe respondiam perdidos no mistério da bruma. Até dez horas da manhã o comandante se esforçou para encontrar a entrada da baía de Vigo e só o conseguiu pela radiotelegrafia, calculando o angulo do encontro da emissão de duas estações. Emfim, penetrámos no ancoradouro que foi outróra o refugio dos pesados galeões de Castela. Alguns, ... cheiados de ouro, jazem sepultos na lama do seu fundo.

O tempo vai melhorando. A paisagem lembra Niterói e Vitoria. Numa pequena canhoneira, vejo tremular a nova bandeira da Republica Espanhola. Feia. Uma das listas vermelhas do pavilhão antigo foi substituida por outra violeta, que ... nessa vizinhança. Por que se ... de mudar com os regimens os simbolos da nacionalidade? Mude-se unicamente os simbolos do regime. Bastaria, assim, tirar a corôa da velha bandeira e deixa-la como sempre foi e se cobriu de gloria. O mesmo devia ter sido praticado entre nós. Parece, porem, que republica é sinonimo de mau gosto e ... a razão de nos dotarem com um ... bo estrelado e letrado em lugar do nosso antigo brazão, e de empur... rem a horrivel faixa roxa na ... harmonia do rubro e do ouro de Espanha — sangue e arena.

A cidade arruma-se em degraus aos pés dum serro dominado por antiga e solene fortaleza. Os tombadilhos enchem-se de vendedores de boinas carlistas e de lindos chales espanhóis fabricados em Elbe... Um soldado espanhol, coifado com o famoso ros de couro de lustro, ... como um Sganarello, mantém a ordem entre eles.

Saímos á barra seguidos dum quadrão de gaivotas. O céu se ... pa e navegamos até o escurecer á vista da costa espanhola. O mar ... curo e zebrado de espumas ... sopé dos montes da Galiza e o ... do cabo Finisterra perfila-se ... um mastro branco no alto da ... falesia esborcinada.

GUSTAVO BARROSO

(da Academia Brasileira)

O «Dia do Marinheiro», que transcorreu no dia 13 do corrente, foi condignamente commemorado nesta capital. Houve uma formatura das nossas forças de mar e terra, que desfilaram deante da estatua do almirante Tamandaré, na praia de Botafogo, assistindo-a o chefe do governo provisorio e altas autoridades civis e militares. A nossa gravura focaliza os flagrantes mais expressivos das solennidades levadas a effeito em honra ao «Dia do Marinheiro».

O BRASIL EM HAVANA

O ministro Castello Branco Clark, diplomata que honra o seu paiz, acaba de commemorar, de maneira brilhante, na nossa legação em Cuba, a data da proclamação da Republica no Brasil. "El Heraldo", "El País", "El Diário de la Marina", "El Mercurió" e outros grandes diários havanezes recem-chegados ao Rio dizem do brilho excepcional de que se revestiram essas solennidades, a que estiveram presentes as altas figuras do governo e da sociedade de Cuba, bem como do corpo diplomatico estrangeiro, alli acreditado. O ministro Clark, que já exerceu, com grande relevo, o cargo de ministro do Brasil junto á Liga das Nações, é uma das expressões victoriosas da carriére.

A' MAIS ALTA EXPRESSÃO DA ARTE LYRICA BRASILEIRA NA "OPERA" DE PARIS

WALTER MOCHI, que foi o unico homem que conseguiu dar ao povo brasileiro uma enorme educação lyrica, póde orgulhar-se, hoje, do seu tino artistico, que o fez merecedor da estima e da gratidão de quantos amam verdadeiramente a arte brasileira. Quando elle affirmou que Bidú Sayão seria uma das maiores cantoras do mundo, o eterno descontente brasileiro sorriu com desdém e incredulidade: Era lá possivel que uma brasileira pudesse chegar a tanto! O tempo passou. Ingratidões, invejas, campanhas não o demoveram do conceito que fazia da nossa artista e da tarefa espinhosa que elle se déra, de mostrál-a ao mundo. Bidú Sayão, com aquella carinha linda e com aquelle olhar doce, cheia de talento e com uma admiravel vóz, soube comprehender a responsabilidade que lhe trazia aquella declaração, feita por um dos empresarios mais prestigiosos e experientes da arte lyrica. Estudou, não poupou esforços em educar a vóz maravilhosa que possuia e a sua grande sensibilidade artistica. Buenos-Aires, Milão, Roma, todas as grandes capitaes do mundo, em breve, acolhiam-n'a com os maiores applausos, e, si não attingiu ainda ao grão do genio lyrico (pois é muito moça), constituiu, segundo os julgamentos mais autorizados, "uma das maiores revelações destes ultimos 15 annos", na sua arte. A sua fama correu mundo e, mais depressa do que se suppunha, eis que a capital da França, esse Paris de sonho e de bohemia artistica, começou a reclamál-a em altos brados. Compromissos com o "Scala", de Milão, não lhe permittiram realizar o que só agora vem de constituir um verdadeiro acontecimento na capital do mundo: o seu contracto com a "Opera" de Paris.

Bidú Sayão é a unica artista brasileira que, até hoje, conseguiu transpôr, cheia de gloria e cercada da admiração de todos os grandes criticos musicaes da França, as portas da velha e respeitavel "Opera". O successo obtido pela nossa joven e gloriosa artista fala bem alto ao coração e ao orgulho dos brasileiros.

Hontem, durante o intervallo do 2º acto do "Rigoletto", fomos vêl-a no seu bello camarim da "Opera". Aquelle mesmo sorriso encantador, aquella mesma carinha linda, de expressão simples e cheia de bondade de antes. A gloria não conseguiu modifical-a, em nada.

— Como vê, — disse-nos ella, — os meus esforços começam a coroar-se de exito. A minha primeira recita agradou e parece que a de hoje agrada tambem. Isso me enche de felicidade, porque mostra bem que nós brasileiros, tambem somos capazes de realizar uma expressão de arte pura.

A gloria, o afan, o elogio não deturparam a sua simplicidade. Bidú fala naturalmente. Uma sombra de melancolia e saudade perpassa pela sua physionomia, quando lhe falamos do Brasil.

— O meu Brasil! — continúa ella, cheia de emoção. — O meu Brasil! Não póde calcular como desejo voltar, e cantar para os meus patricios! Como desejo revêr os meus amigos, que não esqueço nunca, e esse publico que foi o meu maior incentivo. Mas, infelizmente, isso não será para breve!... Diga, pelo *Fon-Fon*, que a todos envio as minhas saudades!...

Quando sahimos do camarim da illustre artista, encontrámos o velho Rouché, administrador da "Opera", ha longos annos, cheio de enthusiasmo e admiração pela nossa artista.

— E' admiravel! — disse-nos elle. — E' uma das maiores revelações que têm passado por aqui. E imagino já o enorme exito que será o seu concerto, na sala "Playel" com Tita Ruffo!...

Foi assim que ficámos sabendo que Bidú Sayão cantará com Tita Ruffo, no começo de dezembro, na sala "Playel".

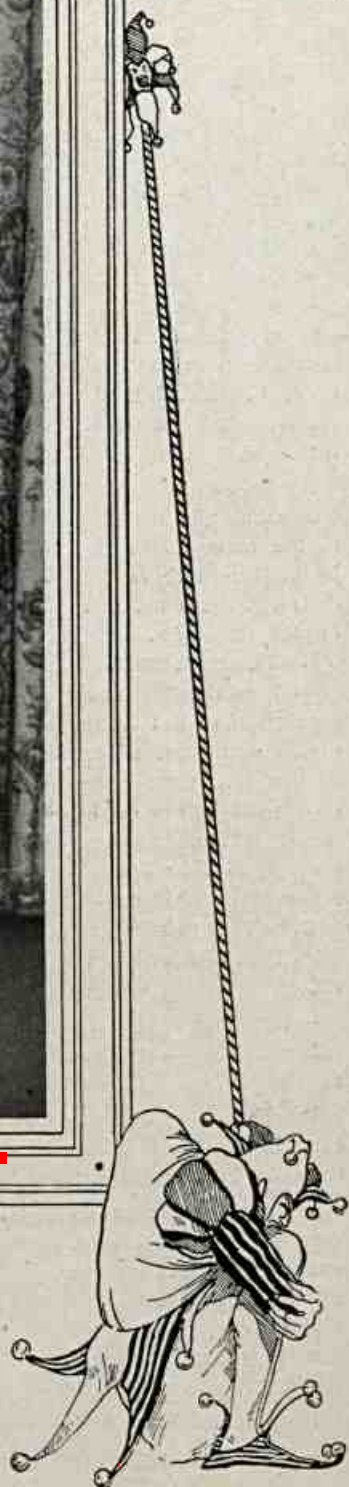
BRICIO DE ABREU

(Correspondente do "Fon-Fon" em Paris)

A grande artista brasileira Bidú Sayão.

Bidú Sayão photographada no seu camarim da Opera de Paris, na noite de 21 de novembro ultimo, quando interpretou, com immenso exito, o «Rigoletto» de Verdi.

(Serviço especial de FON - FOX, em Paris).

A CURA DO AMOR

ENCONTREI o meu amigo Léo prompto para tomar um transatlantico.

— Que é isso? — estranhei. — Vaes partir?

— Hoje mesmo.

— Qual o teu destino?

— O mundo. Não sei bem onde ficarei. Daqui, seguirei para a França... E, dahi, caminharei como um Judeu Errante.

Sabendo-o millionario e estroina, não achei difficil a execução do projecto. Mas tive curiosidade em saber o motivo de tal resolução.

E elle, num suspiro:

— O motivo? Curar uma paixão. Um ironista fez notar que o tempo era o melhor corrosivo para o amôr. Eu direi: o melhor corrosivo para amôr é outro amor mais intenso.

Gritei, suppondo que elle houvesse enlouquecido:

— Mas isso é uma incoherencia! É uma phrase louca!

Léo mudou de um braço para o outro o sobretudo de lã, e explicou:

— Quando se vem de uma paixão comburente, que nos deixou a alma numa só dôr, immensa e profunda, o que se faz é procurar outra mulher...

Inquietei-me:

— Não será aggravar o mal?

— Não. Na peor das hypotheses, será mudar de "padrão", de "especie", de "genero"...

— De mulher?

— Não; do mal, da dôr, da paixão. Pois não é desta que falamos?

Eu já estava me convencendo de que Léo, o millionario apaixonado, havia realmente perdido a razão, quando elle falou, novamente:

— Tu sabes. Quando se rompe com um affecto que foi o nosso mais lindo romance de um, dois ou tres annos, não é o isolamento que se deve buscar, mas os tres factores imprescindiveis para a cura da paixão ainda viva: o tempo, a distancia e outra mulher. Com o tempo e a distancia, esquecemos o soffrimento que nos causou a ruptura de hontem.

— E com a mulher?

— Com a mulher, a outra, a que ha de vir, a que se encontrará, certamente, — começamos a soffrer e a inquietar-nos de maneira diversa. Porque a "outra", a "substituta", a "seguinte", como queiras, tambem mentirá, tambem fingirá, tambem será insincera, mas agirá sempre de modo diverso da primeira.

Eu sorri melancolicamente, e disse por não ter coisa melhor:

— É interessante a tua psychologia. Mas, nesse caso, não curarás a paixão: adquirirás apenas o soffrimento de uma nova paixão.

— Em qualquer das hypotheses, ha um grande consolo.

E concluiu:

— As sensações, bôas ou más, que nos vêm agora de um amôr, se confundem com as que virão depois. No fim, temos a impressão de que não soffremos, nem por esta, nem por aquella. Do mesmo modo que ao entrarmos em uma perfumaria o que sentimos é a presença de um perfume suave, errando no ar, enchendo o ambiente; um perfume que é a synthese de todos os demais.

YVES

Laurenda do Instituto Nacional de Musica, onde deixou traços brilhantes da sua vocação artistica, a joven pianista mlle. Kylda Belem de Oliveira realizará no proximo dia 22 do corrente, no salão daquelle estabelecimento, um recital que está sendo ansiosamente aguardado pelos apreciadores da arte musical.

NOSSO NUMERO DE NATAL

MAGNIFICAMENTE illustrado pelo grande e inspirado artista que é J. Carlos, nosso numero commemorativo do Natal vae, estamos certos, agradar immensamente aos nossos leitores. Mantendo sua já longa tradição das edições especiaes do Natal, apesar da crise que mortifica todos os orgãos de publicidade neste momento, FON-FON fez um grande esforço e conseguiu organizar alguma cousa de novo, original e bello. A escolhida collaboração desse numero conta com muitos dos melhores nomes de escriptores e poetas brasileiros: Luis Carlos, Olegario Marianno, Adelmar Tavares, Gustavo Barroso, Martins Capistrano, Elcias Lopes, Bastos Portela, Mario Poppe, Oliveira e Silva, Povina Cavalcanti, Veiga Lima, Luis da Camara Cascudo, Edvard Carmillo, Osorio Dutra, Conchita Cid, Berilo Neves, Jorge de Lima e Mario Sette.

Brilhantes, sob todos os aspectos, foram as homenagens prestadas ao dr. Baptista Luzardo, chefe de policia, por occasião da passagem do seu anniversario natalicio. Nessas homenagens tomaram parte, não só as altas autoridades do paiz, mas tambem os seus amigos e admiradores. Entre ellas, se destacaram a missa em acção de graças, celebrada na Cathedral Metropolitana, pelo conego Alfredo Vasconcellos, e a recepção que s. ex. offereceu, em sua residencia, ás pessôas de suas relações. São os aspectos principaes dessas homenagens que offerecemos nesta pagina, e onde o dr. Luzardo apparece ao lado de sua exma. esposa e do dr. Salgado Filho, digno 4.º delegado auxiliar.

O SAMBURÁ

por Gustavo Barroso

(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

ERA ao morrer da tarde, quando as jangadas encostam, vindas da pescaria para que partem de manhã cedo. Mais de cincoenta, descansando sobre grossos rolos alinhadas no respaldo branco da praia, com as humidas velas ainda palpitantes, asas triangulares em cujo vertice o nome e uma figura alegorica desmaiam nas suas rudes tintas roidas pelo iodo e pelo sol.

O verde mar bravio franjava-se de espumas. As casas pardacentas do arraial, já estreladas de fogos, aninhavam-se sob altos coqueiros, pousadas num tapete de boas-noites floridas de rosa e branco, ao pé das dunas prateadas. E, para o poente, o céo era todo vermelho, como si estivesse pegando fogo.

Tanta gente na praia! Chusmas de mulheres e crianças, esperando os maridos e os pais. De quando a quando, chapeirão de carnauba desabado, roupa de algodão tinta de murici, côr de sola velha, um pescador deixava a faina e vinha falar instantes com pessoas da familia. Compradores de peixe, em volta das jangadas que descarregavam. Mãis, esposas aflitas á espera das embarcações retardatarias. Gritos soltos no ar:

— Agora, lá vem a *Tubarão!*

— Bicha ronceira!

— Tira a bolina *mode* ela andar mais depressa!

No recuo do horizonte, surgiam velas que a distancia tornava alvissimas. Um velho, que percorrera o alinhamento de jangadas, olhando com atenção figuras e nomes, dizia num grupo:

— Faltam somente tres, porque a *Estrela* e a *Sereia* fôram de dormida. O mais está tudo aí, graças a Deus! A *Tubarão* vai chegando e as velas, na *risca*, devem ser a *Papagaio*, a *Socó* e a *Sant'Ana*. S. José de Riba-Mar e Nossa Senhora dos Navegantes vão trazer a gente toda.

— Queira Deus! lhe responderam.

E havia mulheres que se benziam. E todos os rostos ficaram alegres.

Em cada jangada, o representante do dizimeiro assistia á contagem do peixe que os pescadores tiravam do fundo samburá e atiravam na areia. De dez em dez, um ia para um monte menor, que, depois, era avaliado e pago ao arrematante do dizimo. E ali se amontoavam, prateados, aureos, rubros, azulecentes, esverdinhados, negros, compridos e elegantes ou curtos e horrendos, os peixes das aguas verdes do Ceará. Os da *parede do fundo*, onde as jangadas chegam depois da *risca* e o *tauassú* somente toca na lama com cem braças de corda: cangulos, ciobas, carapitangas. Os das *pedras fundas*, das rochas submersas: pargos garoupas, sirigados, enxadas, paruns, pirambús. Os de cardume: carapeba, salema, sargo e golosa. O da flor dagua, que os anzois pegam na corrida veloz da jangada, ida e volta: a esguia cavala. E mais quantos, bons ou ruins, proprios para cozinhar ou assar, se arrançam daquele mar zangado: o pequenino coró, a rubra mariquita, o feio zoião; a sapuruna, o mercador, o batata, o gato, o papagaio, a guainba, o dentão. Havia os bijupirás saborosos, que, quando são fisgados, as jangadas arvoram uma bandeira vermelha em sinal de regosijo; os meros enormes, rotundos, pesadissimos; o xarel, que tem sempre uma especie de barata na bôca; o pacamon, que é horroroso como um demonio marinho. E ainda as pescadas, *que antes de ser já eram;* as xancaronas, as cururucas, as biquaras, as pilombetas, os xixarros, os agulhões-de-vela.

Ia escurecendo. Para lá, para cá, num cavalo preto, todo de branco, o dizineiro inspecionava seus prepostos na contagem do pescado. Tomavam já o caminho que levava á cidade as filas de homens acurvados ao peso das cambadas de peixe penduradas ás pontas dum pau que atravessavam ás costas. E recolhiam aos lares, famintos, ansiando pelo trago de caxaça e pelo cangulo com pirão, os jangadeiros. Levavam ao hombro os apetrechos de seu duro mister: anzois e linhas que se penduram nas pinambabas, a quimanga onde se guarda o alimento, a cabeça de agua, o bicheiro, o pau de matar peixe.

A noite chegou. Ao longe, pestanejou o farol do Mucuripe. Do lado oposto, escalonada nos seus outeiros, Fortaleza estrelejou-se de luzes. O vento gemeu mais forte nos coqueirais. Já as velas das jangadas não palpitavam ao seu sopro. Enroladas ao longo dos mastros recurvos, pareciam grandes cirios enfiados no areal. Foi quando chegou a ultima jangada que se esperava, a *Socó*. Os vultos negros dos pescadores, ao chegar á arrebentação, colheram a escota. A vela murchou sobre a retranca oscilante. A taboa da bolina repousava já de encontro ao banco-da-vela, encostada á carninga. O tauassú, enrodilhado, á poita, foi bem amarrado ao torno de prôa. O leme saiu dentre os calços e descansou debaixo do banco-do-mestre. Depois, aqueles homens empurraram a embarcação sobre os rolos até ficar fora do alcance da maré cheia. Então, uma velha correu para a jangada, de braços estendidos:

— Meu filho!

O mestre apontou para o samburá e disse:

— Tenha coragem, comadre Quiteria, muita coragem e fé em Deus! Nós fomos nas *trinta e tres* (1), atrás de cavalas e cações, mas demos com uma tropa de tubarões que Deus nos acuda! Peor do que no Maranhão! O mar fervia de bichos. Cousa medonha! Elles viravam-se de papo para o ar e vinham bater com os dentes nos bordos da jangada. A *Socó* é pequenina e mergulha um bocado com o peso da gente. Os tubarões vinham rabanando nessa pouca agua até o estrado. Nós, trepados nos bancos, batiamos neles com os bicheiros...

Tremula, lacrimosa, ofegante, a velha interrompeu-o:

— Mestre Cosmo, meu compadre, pare com isso pelo amor de Deus!... E o meu filho? O Damião?...

O pescador prosseguiu, calmo:

— Nós iamos já fugindo, graças a Deus! quando o Damião, puxando a escota, perdeu o prumo e caiu nagua. Demos, mais que depressa, volta com a *Socó*, mas só podemos pescar dele dois pedaços que veem naquele samburá sem peixe, porque a gente não teve mais coragem de fazer nada.

A velha correu para o ventrudo cesto de cipó amarrado á pinambaba e rodeado de pingos de sangue que manchavam os meios, as membruras e o embono da jangada. Abraçou-se com ele, soluçando, uivando. E, no negror da noite, o mestre e os dois companheiros do morto, de chapeus na mão, balbuciavam um Padre-Nosso...

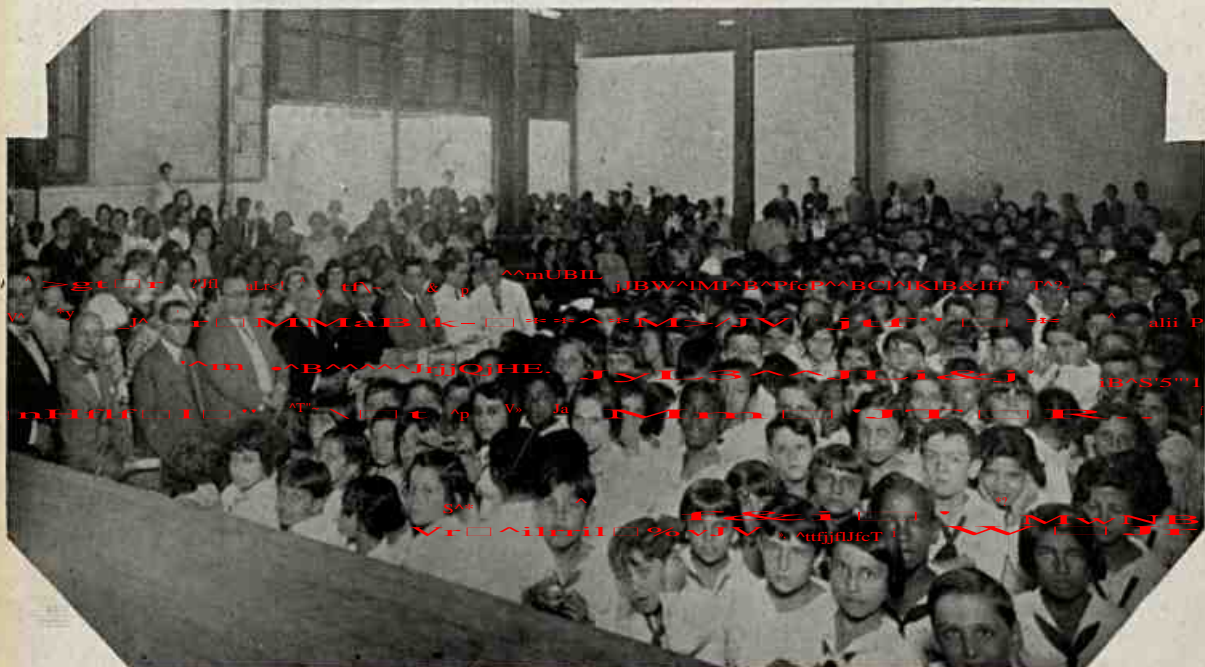
Eu conheci muitos anos mais tarde a velha Quiteria louca varrida no Hospicio de Porangaba. Andava sempre ninando nos braços um pequeno samburá vazio.

(*) Trinta e tres braças de profundidade.

O professor dr. Chrysto Fontes, que regeu a cadeira de Prothese bucco-facial nas Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e Fluminense de Medicina, foi duplamente distinguido pelos seus alumnos desta capital e de Nictheroy, que o collocaram nos respectivos quadros, como homenageado especial e como paranympho.

(Photo Annunciato).

O dr. L. G. Novelli Junior, que foi o orador official da turma de 1931 da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo defendido brilhante these sobre «Pathologia dimidial», acaba de ser nomeado assistente da mesma Escola onde se formou e onde fez um curso dos mais honrosos, pelas distincções que o corôaram.

O dr. Cincinato Americo Lopes, professor da Escola Nacional de Bellas Artes, recentemente fallecido nesta capital. Era filho do marechal de campo barão de Mattoso e da baroneza de Mattoso, e contava 76 annos de idade. Muito viajado e com vasta illustração, foi clinico de nomeada, e gosava do maior conceito e das melhores relações no nosso meio social, graças aos seus altos dotes de espirito, de caracter e de coração. Membro effectivo da Junta de Hygiene Publica no Imperio, antigo adjuncto da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, exerceu tres vezes, interinamente, o cargo de director da Escola Nacional de Bellas Artes. Sua morte, muito sentida nos nossos circulos sociaes, onde contava numerosos e fieis amigos, encheu de fundo pesar sua illustre familia. O dr. Cincinato Lopes era um bom e um puro, figura rara, em verdade, pela nobreza de sua vida, consagrada aos estudos, ao lar e ao ensino.

Decorreu brilhante a festa de encerramento das aulas na Escola José Pedro Varela, realizada sabbado ultimo, com a presença do ministro do Uruguay, dr. Ramos Montero, do consul desse paiz, altas autoridades municipaes e muitas familias. O «cliché» acima fixa um detalhe dessa grande festa escolar, vendo-se convidados, professores e alumnos que assistiram á cerimonia.

Realizou-se terça-feira, á tarde, na Escola Naval de Guerra, a cerimonia do encerramento dos cursos no presente anno lectivo e entrega dos diplomas aos officiaes-alumnos que acabam de terminar os seus estudos naquelle estabelecimento. Compareceram pessoalmente á solennidade o chefe do governo provisorio, o ministro da Marinha e outras altas autoridades da Republica.

«FON - FON» EM PARIS — Sotero Cosme é um dos artistas brasileiros que mais se têm evidenciado em Paris. Violinista de grande merito e pintor de rara sensibilidade, obteve, ha pouco, no «Salão dos Humoristas», um logar de destaque nas innumeras columnas que os jornaes dedicaram ao grande acontecimento que empolga Paris todos os annos. Infatigavel trabalhador, eil-o que vem de inaugurar uma exposição de desenhos na «Galerie Coltson et Leger». Na photographia acima, tomada pelo serviço especial e exclusivo do FON-FON em Paris, o artista appareco entre as pessôas que assistiram á inauguração de sua interessantissima exposição, destacando-se, no primeiro plano, o embaixador Sousa Dantas.

Balcão Florido

O AMOR E' ASSIM...

— Se tu, realmente, me amasses... Se eu pudesse crêr em ti, confiar no teu amor...

— Porque estas reticencias? Fala. Completa o teu pensamento. Sê, mais uma vez, injusto e máu!

— Injusto e máu. Vives, sempre, a accusar-me, sem razão.

— Sem razão, achas?

— Sim, porque nunca procuras comprehender-me. Se te digo alguma cousa, se te abro meu coração...

— Para dizer-me sempre que duvidas de mim, que não podes crer no meu amor... Para insultar-me, emfim...

— Insultar-te? Eu, insultar-te?

A senhorita Leopoldina Bello, com a sua belleza serena e os traços da sua nobreza de descendente de fidalgos de Vizeu, é bem a legitima representante da graça da mulher portugueza na terra carioca. Intelligente, bonita, prendada, ella se destaca entre nós por um conjuncto de qualidades que realçam ainda mais os encantos da sua seducção pessoal e da sua sympathia envolvente. Dahi a grande estima que desfructa no circulo dos seus compatriotas aqui residentes, os quaes estão cerrando fileiras para tornál-a sua rainha no concurso promovido pela imprensa portugueza desta capital. Porque Leopoldina Bello já é, de ha muito, pelos seus dotes de intelligencia e de belleza, a rainha da colonia a que ella se ufana de pertencer e que proclama, com justificado orgulho, os predicados physicos e moraes dessa deslumbrante filha de Portugal.

— Sim, tu, ouviste? Estou cansada de tudo isto. Já comprehendi a inutilidade dos meus esforços no intuito de fazer-te sentir toda a sinceridade da minha affeição por ti, todo o meu louco devotamento. Mas, é assim mesmo. Os homens nunca reconhecem os sacrificios que uma mulher faça por elles e pagam a loucura da nossa dedicação com a peor das ingratidões...

— Escuta, não sejas injusta. Sabes, bem sabes que te amo, que te quero loucamente. Mas... Perdôa-me. Prometti-te não falar mais sobre o que, sem querer, ia dizer-te...

— Se eu pudesse confiar em ti, no teu amor...

— Estás a repetir o que te disse... Não tens razão de pôr em duvida o meu amor. Tenho-te dado as maiores provas de affeição, de extremada dedicação. Desde que te amo nunca te enganei e sinto que seria incapaz de fazel-o, tanto te quero. Não tens, assim, motivo para ferir-me, duvidando do amor que te consagro. Infelizmente, dei-me, logo, de corpo e alma a ti... Fiz mal, muito mal a mim proprio...

— Mal, porque? E, porque, tambem, esse "infelizmente"? Se estás arrependido...

— Que queres dizer? Um rompimento, é o que desejas propôr? Andas ansiosa por isso, eu o sei...

— Eu?... Tu, sim, tu é que o desejas... Já desconfiava ha muito... Outra mulher, talvez... Sim aquella tal...

— Que... "tal"?

— Aquella cara de bolacha com quem te encontrei, um dia...

— Uma mulher velha...

— Velha... Sei...

— Sim, velha e feia...

— Eu tambem sou velha e feia...

— Tu, velha, tu feia?

— Não achas, não que

ridinho? Tua mulherzinha agradante, hein?

— Muito, muito quando não dá para brigar...

— E amas-me muito, muito?

— Muito... Loucamente...

— Dá-me um beijinho, então...

— Toma...

— Assim, não... Um bem longo, bem gostosinho...

— Louquinha!

— Meu amor!...

No Palacio Tiradentes installou-se domingo passado a Quarta Conferencia Nacional de Educação, promovida pela Associação Brasileira de Educação, sob o patrocinio do governo da Republica. A solennidade realizou-se sob a presidencia do dr. Getulio Vargas, que tinha a seu lado o ministro da Educação e Saúde Publica, dr. Francisco Campos, e o reitor da Universidade do Rio de Janeiro, dr. Fernando Magalhães, vendo-se ainda na mesa o interventor do Districto Federal, dr. Pedro Ernesto, e o director geral do Departamento Nacional do Ensino, dr. Aloysio de Castro, e os drs. Miguel Couto e Antonio Carneiro Leão. Os principaes discursos foram proferidos pelo ministro Francisco Campos e pelos drs. Fernando Magalhães, Miguel Couto e Antonio Carneiro Leão, este como presidente da Associação Brasileira de Educação. Tambem o chefe do governo provisorio disse algumas palavras encerrando a memoravel sessão de domingo á noite, no edificio da Camara dos Deputados. Esta pagina focaliza dois aspectos da cerimonia inaugural da Quarta Conferencia Nacional de Educação.

— Minha queridinha...

— O amor é uma coisa doida, não é?

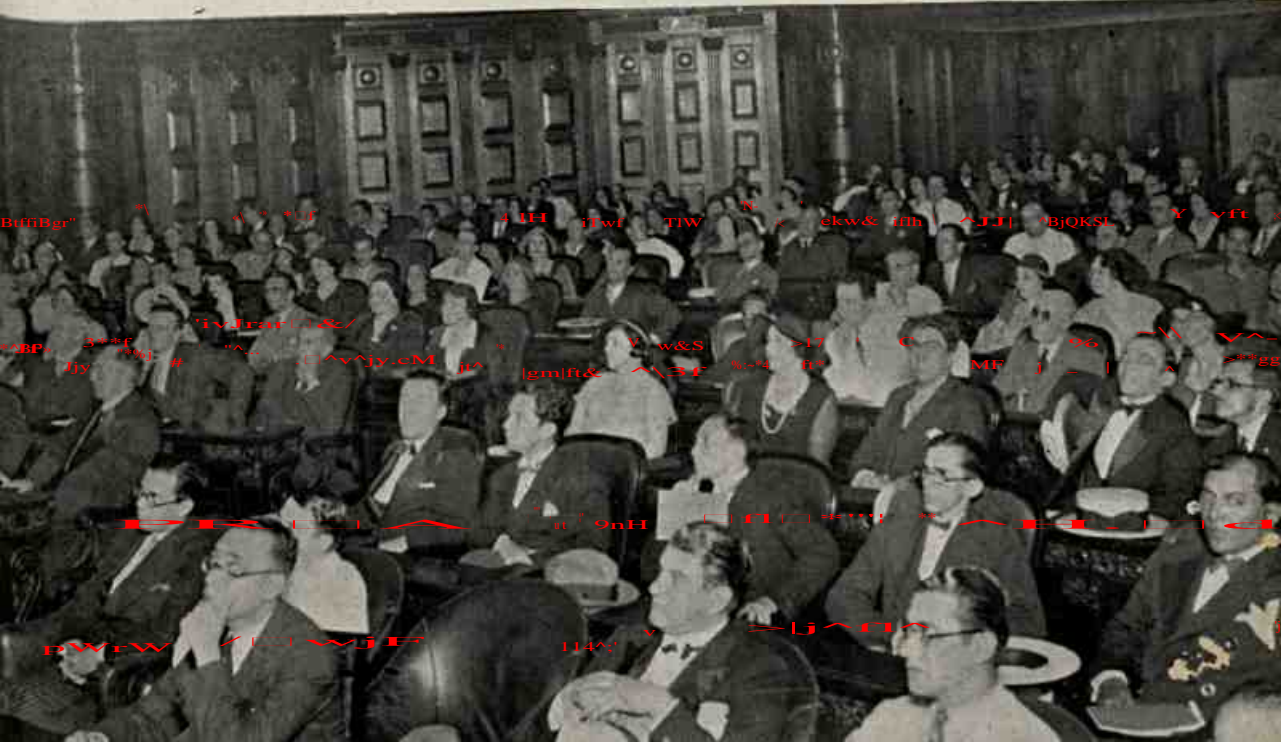
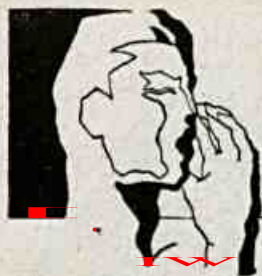
— Completamente maluca...

— Brigamos atôamente...

— Mas sempre fazemos as pazes...

— Sim, e é bom isso, mas não deixa de ser maluquice...

— Mas, queridinha, o amor é assim... Põe a gente maluca...

HELIANTHO

Alto-Falante

"O BRASIL NAÇÃO"

Uma Santa Therezinha que tem a pureza e a graça divina da sua protectora celestial. Maria Carlota, filhinha do dr. Nilo Britto e de d. Nena Nogueira, de Therezina, e sobrinha do nosso confrade dr. Aurelio Britto, está compenetrada de que é, mesmo, uma Santa Theresinha do Piauhy...

ENCERRANDO a série dos magnificos estudos que vinha realizando sobre a formação da vida brasileira, acompanhando e analyzando o desenvolvimento da nossa nacionalidade, o professor Manoel Bomfim acaba de publicar — O Brasil Nação. *Dois excellentes volumes de mais de 300 paginas cada um constituem a nova obra do illustre e venerando historiographo e sociologo patricio, cuja autoridade nessa ordem de estudos é justamente acatada nos meios culturaes do paiz.*

No prefacio do novo trabalho historico, em que estuda a realidade da soberania brasileira, diz o professor M. Bomfim que essa obra, que é uma continuação das outras que a precederam — O Brasil na America *e* O Brasil na Historia — *"sendo o desenvolvimento de um mesmo pensamento quebra, no emtanto, a perspectiva social e politica antes projectada" por isso que "não foi mais possivel devisar os destinos desta patria nos plainos da normalidade."*

Essa derivação, porem, no plano primitivo da obra, determinada pelos acontecimentos de ordem politica e social que vieram imprimir á vida brasileira as novas directrizes do seu condicionamento historico, não lhe perturbou a unidade conceptual, nem o amplo schema dentro de cujas linhas o notavel escriptor traçou o quadro da formação historica da nossa nacionalidade.

Todo o vasto periodo, comprehendido da data da independencia aos nossos dias, é o que estuda, nos dois volumes de O Brasil Nação, *o professor M. Bomfim. É fiel com a independencia que caracteriza o seu espirito, focalizando os factos, os acontecimentos na sua feição mais positiva, mais real, mais concreta.*

Aqui e alli, o seu ponto de vista em contraste com o geralmente acceito sobre determinados acontecimentos da nossa vida politica e social, faz resaltar certos aspectos, e detalhes dos mesmos, numa agudeza de observação e de critica movimentada e interessante.

Trabalho para eruditos e estudiosos das nossas coisas, O Brasil Nação *é, fundamentalmente, uma obra dictada pelas inspirações de um elevado e nobre espirito de patriotismo.*

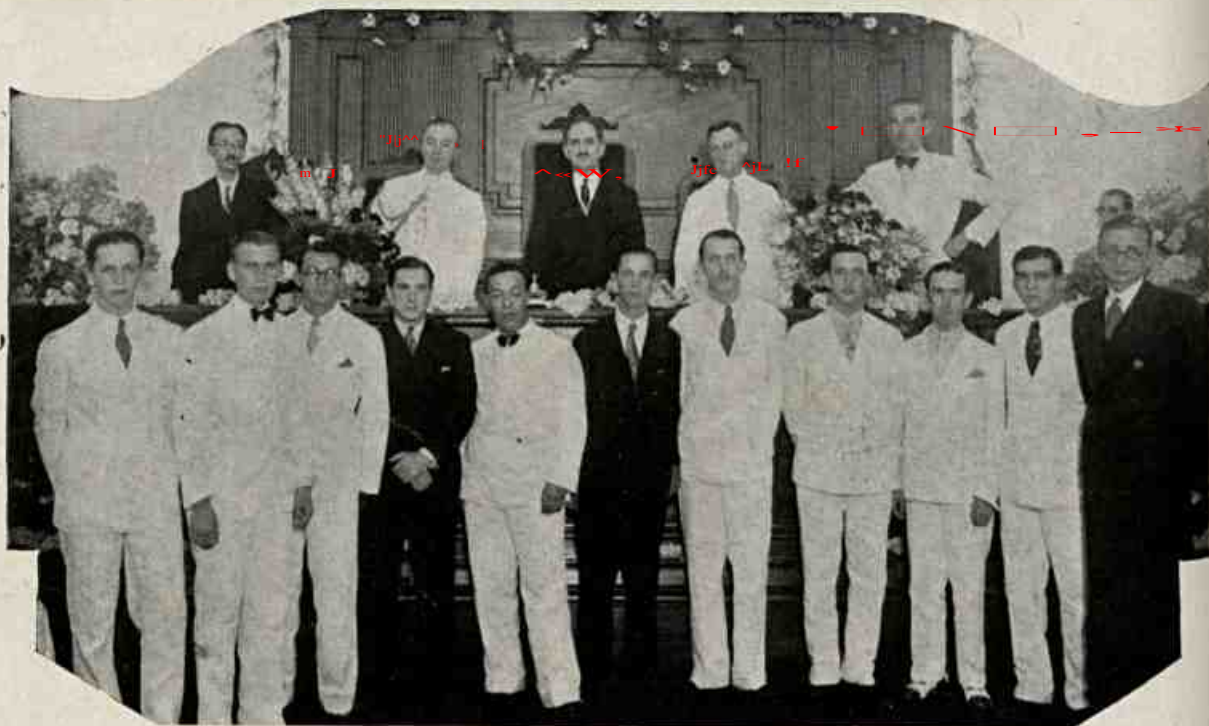
E obra do mais alto patriotismo é, realmente, a que vem realizando o velho e consagrado escriptor, cuja capacidade de trabalho e devotamento aos estudos de investigação da nossa historia tanto o recommendam á nossa admiração.

Max Linder

O dr. Enéas Lintz é medico e escriptor. Tem talento e cultura. E sabe observar os phenomenos sociaes com penetrante visão e argucia pessoal. Autor já de varias obras de sociologia e philosophia, entre as quaes se destacam: «A Unidade da Materia», «Divino Mal», «Ha dez mil seculos», «Um crime da lei», «Ultimos dias de Humaytá», o dr. Enéas Lintz acaba de publicar «Evolucionismo ou Selecção Natural na Sociedade», livro em que consubstancia o seu ponto de vista sobre os complexos problemas que estuda dentro da sua especialidade. Trata-se de uma obra de profunda erudição e do mais alto interesse humano, destinada, sem duvida, por isso mesmo e pelo assumpto que focaliza, ao mesmo grande successo dos trabalhos anteriores do dr. Enéas Lintz.

Maria Lygia Breves, filhinha do sr. José Breves Junior, no dia de sua primeira communhão.

A propaganda do Brasil na Europa

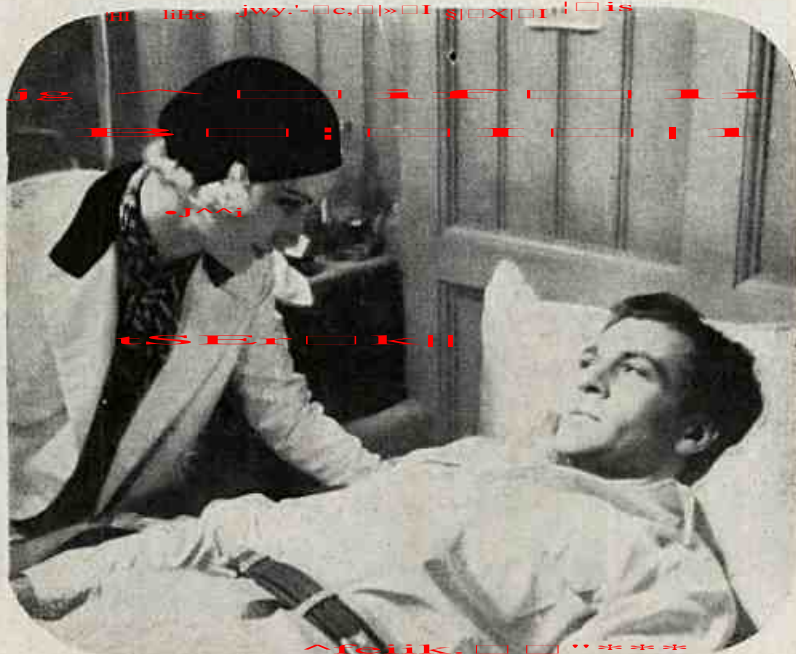
Os "Etablissements Vercasson" de Paris, indiscutivelmente, são, hoje, em toda a Europa, os maiores creadores de cartazes para reclame e os detentores de todas as propagandas mais populares do velho continente. Os melhores artistas de Paris, como J. D'Ylen, Dransy e outros, são de sua exclusividade, produzindo annualmente milhões de cartazes, cujos desenhos originaes são, hoje, vendidos a alto preço, tal a sua arte. Encarregados da propaganda do "Café do Brasil", os Estabelecimentos "Vercasson", realizando uma obra verdadeiramente util ao Brasil, muito concorreram para a enorme venda e popularidade do nosso principal producto na Europa, creando um cartaz, hoje popularizadissimo, que é uma notavel obra de propaganda commercial. Damos, aqui, um aspecto interessante do principal Boulevard de Paris, onde os "afiches" do *Café do Brasil* formam uma interessante propaganda, aliás espalhada profusamente por toda a cidade. A' direita, o sr. Pierre Vercasson, chefe dos Estabelecimentos e o maior publicista commercial de cartazes da França, e ao centro o sr. Ruy Santos, director da publicidade estrangeira, figura de alto relevo no commercio parisiense e que se occupa, com enorme desvelo, da Propaganda admiravel do *Café do Brasil.*

Um flagrante da solennidade da collação de grão dos odontolandos de 1931 da Universidade do Rio de Janeiro, realizada sabbado ultimo, na Faculdade de Medicina, sob a presidencia do respectivo director, dr. Leitão da Cunha.

PARABENS A'S DONAS DE CASA!

Foi agora lançado no mercado o «Fermento Bhering», em pó, producto que Maria Thereza, a grande doceira paulista, autora de tratados culinarios, considera «um excellente producto nacional, similar aos melhores estrangeiros», porque com elle os doces crescem mais e são mais saborosos! Como producto nacional, o «Fermento Bhering» é vendido mais barato, custando apenas 2$500 a lata. A photographia representa um aspecto da inauguração da fabrica, que é uma secção da Bhering, Companhia S. A., proprietaria do afamado Café Globo.

"A mulher que Deus me deu"

Da Paramount

com Gary Cooper e Carole Lombard

O seu dôce olhar mitigou-lhe o soffrimento.

A maior preoccupação do capitalista Dowling não é o mercado de titulos, nem as altas transações commerciaes da firma de corredores de que elle faz parte, como chefe, mas unica e exclusivamente a sua filha Kay, uma creatura adoravel a quem deve o pae as prematuras cãs que lhe prateiam, aqui e ali, a basta cabelleira. Kay, aliás, não póde ser culpada das preoccupações do pae. Rica, mimada, extravagante e, sobretudo, creada sob os carinhos de uma tia que lhe faz todas as vontades, muito para admirar seria se ella não se désse ao agradavel sport de gastar os bilhões paternos e, de vez em quando, expôr o seu nome nas columnas das gazetas que exploram os escandalos sociaes.

Ora, depois de duas vezes noivar e duas vezes romper o compromisso, facto que os jornaes amarellos glosaram em letras rubras, resolve o pae, para retirar a filha do ponto de mira de um novo escandalo, mandal-a passar uns mezes na sua vasta fazenda de gado, no interior. Kay, como logo se vê, oppõe-se terminantemente a essa medida paterna, mas deante das ameaças de um noivado com Herbert, o seu chronico apaixonado, prepara as malas e vae para a fazenda com a tia Bessy, sua verdadeira mãe de criação. Ao che-

Ella era sua prêsa.

Estendia-lhe a mão lealmente.

gar á estação da via-ferrea onde devem tomar um auto para a propriedade, lá encontram o carro á espera. Mas onde se teria mettido o chauffeur ou coisa que o valha, que deve levar Miss Dowling e sua tia á fazenda? Ninguem lhes sabe explicar o desapparecimento do moço. Por fim, o velho chefe da estação, aproximando-se das senhoras, acalma-lhes o desassocêgo:

— Esperam pelo Tom MacNeri? — pergunta-lhes.

— Sim, esperamos por alguem que nos leve á fazenda, e se MacNeri é o seu nome, sabe o senhor onde elle está? — perguntou Kay, chispando de raiva.

— Tom está p'ra lá, a jogar os dados... E apontá para uma casa do outro lado da estrada. Depois, continúa o velho: — Tom é um bom rapaz: mas tem esse defeito de perder a cabeça pelos dados...

"Ah! A menina é Miss Dowling? pergunta a Kay. Eu conheci o seu avô, quando vivia aqui na fazenda... Era um homem de acção, o velho Dowling"...

Dahi a pouco, zingando de um lado para outro, chega Tom. Bate no chapéo, a modo de cumprimento ás senhoras, e senta-se na boléa do carro.

Kay olha para o rapaz. E' um pedaço de homem que a faz pensar nos gigantes da lenda. Alto, de rosto moreno, chapéo de abas amplissimas, e dono de umas pernas enormes. Depois de alguns minutos, Tom, sem mais preambulos, põe o carro em marcha, e aos saltos e puxavões, sob os protestos de Kay, segue a comitiva para a fazenda.

Na manhã seguinte, depois de uma noite de somno recuperador, vae Kay ter ao curral das criações. O administrador, ao vêl-a, vem cumprimental-a. Em seguida, percebendo que a rapariga, em traje

(Conclúe nas pags. 52 e 53).

Carinhas filiaes.

A Patrulha do Mal

Grandiosa super-producção da Columbia, direcção de Harry Joe Brown.

Com:

Jack Holt
Dorothy Revier
Davey Lee
Matt Moore
Zazu Pitts, etc.

Odio que não se domina.

CHARLIE HART vivia envolvido em altos negocios, mas, abaixo do disfarce offerecido pela sua respeitavel posição, elle dirigia um lucrativo commercio de contrabandos de bebidas.

Hart era uma força no baixo mundo. Seus subordinados eram leaes. Não tinha piedade para com um delator. Tanto que, quando Ratface Edwards passou para o lado de Valletti — rival de Hart e seu inimigo de morte — o rapaz pagou com a vida a sua traição. Mitter Davis, o braço direito de Hart, dirigiu o serviço.

O negocio de contrabandos era uma fonte de innumeras questões entre Hart e sua esposa — Margaret — apesar do grande amôr que se dedicavam mutuamente.

John Sheridan — advogado de Hart e seu melhor amigo — habitualmente surgia alli como anjo da paz. Sheridan, guardava em segredo, no mais intimo de seu coração, um amôr intenso e devotado, por Margaret, porém, coração leal e nobre, incapaz de uma traição ao amigo confiante, afastava-se, procurando esquecer aquella que para elle representava o sonho irrealizavel...

Hart encontrou a esposa profundamente nervosa, uma tarde. Discutira com elle. Desejava ir, com o seu filhinho Bunny, passar o dia seguinte no campo. A viagem estava planejada.

Hart soube mais tarde que Valletti convidára Mitter Davis para um jantar. Aquillo não poderia significar senão uma coisa: — o italiano ouvira falar da morte de Edwards e pensou em vingar-se immediatamente, procurando eliminar Davis porque este tomára parte naquella aventura. Hart decidiu salvar o capanga de confiança.

Observando...

Quando Hart chegou ao "cabaret" de Valletti,

Perante a Justiça.

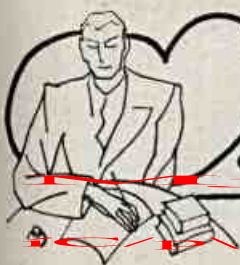
o suave proprietario convidou-o a entrar no seu escriptorio "particular". Emquanto os dois homens se esgrimiam com palavras, Hart viu que Red Majors, o guarda-costas de Valletti, lhe apontava uma arma, através de uma pequena janella aberta. Hart teve um máo minuto, até que notou Mitter Davis, o qual encostava o cano de sua arma nas costas de Red, forçando-o a retirar-se. O que se passou depois disto, no escriptorio, ninguem soube, mas, depois que Hart e Davis sahiram dali, Valletti foi encontrado morto. Hart partiu, sosinho, para o campo.

Crente de que Hart poderia estar mais seguro nas mãos da policia do que nas dos homens de Valletti, Margaret recusou-se a dizer o refugio de seu marido, até que soube que tres homens estiveram em sua casa e arrancaram a confissão do pequeno Bunny.

Hart foi preso e condemnado a sete annos de penitenciaria.

Mitter Davis, mais tarde, conta-lhe que a culpa é de Margaret. Hart estava magoado com isso e, quando finalmente conseguiu livrar-se da prisão — por meio de uma revolta de todos os detentos — seu primeiro pensamento foi a vingança. Sheridan estava incluido nos seus planos e Mitter Davis foi apontado para liquidar o advogado naquella noite em logar já designado.

Entretanto, quando Hart conseguiu entrar no appartamento de Margaret e surprehendeu a conversa della com Sheridan, comprehendeu que ella e seu filhinho estariam melhor, mais protegidos, sobre a protecção daquelle nobre advogado do que da sua. Então, tomando o chapéo e o sobretudo de Sheridan, deliberadamente enfrentou a armadilha que estava preparada para o outro, para o seu melhor e particular amigo...

Não temia os seus inimigos.

Rubey Wanderley — VIDA AMOROSA E JORNALISTICA DE MARIO HAFNER — Ed. A. Coelho Branco F.º — Rio — 1931 — 4$

O sr. Rubey Wanderley póde se gabar de ter escripto um dos livros mais interessantes deste anno. Ha, nas paginas do volume que acabamos de fechar, a marca de originalidade da sua maneira de compôr, e o brilho de uma intelligencia scintillante, que prende, domina a curiosidade do leitor.

Espirito sceptico, ironiza pessôas e coisas, ora emocionando, ora fazendo aflorar um sorriso aos nossos labios, pois o autor sabe manejar a penna com elegancia e arte.

E' um livro que ficará na historia literaria do Brasil, diz o seu prefaciador. E' possivel.

Apenas temos uma restricção a fazer, no que diz respeito a uma sátyra do sr. Wanderley ao se referir a certa traducção do *Cyrano*.

Rostand, escrevendo o seu formidavel poema, no terceiro acto *le baiser de Roxane*, fixou uma phrase que cahiu no gôto do publico, logrando desde logo a immortalidade: *Un point rose qu'on met sur l'i du verbe aimer...*

Cyrano teve alguns traductores e, entre elles, Porto Carreiro, cujo trabalho é uma joia de alto valor.

Pois bem; na pagina 76 do livro, o sr. Wanderley escreve:

"Uma senhora respeitavel, de oculos, perguntou-lhe si conhecia o Cyrano, traducção de Porto Carreiro, professor das senhoritas alli presentes. Mario não conhecia, nem a traducção nem o original:

" — Pois lá tem um verso muito bonito que diz que o pingo do i do verbo amar é como um beijo..."

Ha engano. Não foi Porto Carreiro o autor de tão grande barbaridade. A necedade pertence a outro que pensou poder traduzir *Cyrano*, ao pé da letra...

O seu ao seu dono.

Por uma questão de decencia literaria, cito o erro, pois, si o sr. Wanderley tivesse lido o trabalho de Porto Carreiro, havia de respeitál-o, porque é digno disso.

A obra do sr. Wanderley, admiravelmente iniciada, não deve ser interrompida. O autor possúe todos os requisitos para vencer no terreno das letras.

O genero do livro não é para *jeunes filles*; entretanto, nada tem que escandalize.

O escriptor não fez senão seguir a tendencia literaria da época, certo de que o genero é o unico que reune maior numero de leitores...

Edgard Wallace — O MILHÃO PERDIDO — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1931 — 5$

O genio inventivo do famoso novellista patenteia-se neste volume de 320 paginas, cuja traducção foi confiada a Gulnara de Moraes. Aventuras que prendem o espirito do leitor.

Amadeu Amaral — POESIAS — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 1931 — 6$

AMADEU AMARAL, que occupou, na Academia de Letras, a cadeira cujo patrono é o magestoso genio da poesia brasileira, Gonçalves Dias, succedendo ao immortal Bilac, foi um dos mais bellos espiritos da ultima geração intellectual paulista. Na terra dos Bandeirantes, dedicára-se ao jornalismo, destacando-se, sem esforço, na pleiade de rapazes desse formidavel orgão que é *O Estado de S. Paulo*, á folha de Julio Mesquita, penna fulgurante, inesquecivel.

Mas, Amadeu Amaral não foi apenas um grande jornalista combativo. Foi, tambem, um dos maiores poetas da minha terra, gloria que não lhe póde ser recusada. Ainda tenho bem viva a sua apresentação no seio da Academia, quando surprehendeu a assistencia com o bello poema em prosa, recordando, exaltando a bohemia de Bilac, através da sua palavra quente, sonóra, de tonalidades e cambiantes raras. A sua serenidade, a doçura do olhar dominaram desde logo os presentes, e, desde então, o Rio, ficou sabendo quem era o successor de Bilac, o embaixador de São Paulo enviado á Academia.

Porém, numa tarde tranquilla, Amadeu Amaral cerrou os olhos, para sempre, os seus olhos de infinita doçura, deixando em nosso coração a magoa de uma torturante saudade.

O volume que ora apparece reune as melhores poesias de Amadeu, cujo talento se reflecte no soneto *Rios*, colhido ao acaso, para fecho deste simples registo.

.. ..

Almas contemplativas! Vão rolando
por esta vida, como os rios quietos...
Rolam os rios, — arvores e tectos,
céus e terras, tranquillos, espelhando.

Vão reflectindo todos os aspectos,
num serpentear indifferente e brando.
Espreguiçam-se, limpidos, cantando,
no remanso dos sitios predilectos.

Fecundam plantações, movem engenhos,
dão de beber, sustentam pescadores,
supportam barcos e carreiam lenhos...

Lá se vão, num rolar manso e tristonho,
— cumprindo o seu destino sem clamores,
e sonhando comsigo um grande sonho.

O LIVRO DAS NOIVAS — Editor Castorino Mendes — S. Paulo — 8$

NO genero, é um livro dos mais perfeitos editados até hoje. Trata-se de um repositorio de preciosas informações para a vida do lar, indispensavel para as bôas donas de casa.

Mario Hafner [signature]

GOTTAS...

TUDO é amôr; fóra do amôr nada existe. Aos seus raios magicos desvendam-se os mysterios do céo, da terra e da humanidade e penetram-se às profundezas da vida.

* * *

Amar é esquecer. E a mulher que se esquece e se abysma em seu amôr, que aniquila o proprio eu para que viva em si o Amado, e lhe immola a vontade e a intelligencia, sublima-se, diviniza-se. Esse aniquilamento e essa immolação tantas vezes dolorosos são a sua corôa de luz.

* * *

O homem e a mulher unidos pelo amôr no matrimonio formam uma miniatura do universo. O homem representa o principio e o espirito divinos; a mulher symboliza a natureza.

* * *

A mulher, para ser digna da admiração e do respeito do homem, precisa fazer de sua alma e de seu corpo um templo em que só se adore um deus.

* * *

O amôr é a varinha de condão que opéra maravilhas, que transforma em sorriso o mais amargo pranto, em prazer a dôr mais pungente, em ventura os mais duros sacrificios. E' o sol radioso que doira de alegria as mais tristes e humildes vidas e illumina e aquece os sitios mais sombrios.

* * *

A alma que ama é o vento que espalha todos os nimbus; o nivelador que aplaina todos os caminhos; o facho que afasta todas as sombras e illumina todos os recantos; é a mão que arranca todos os espinhos.

* * *

A vida é uma bençam ou uma maldição, conforme o uso que della se faz.

* * *

A nação que se arma é um desafio ou uma suspeita em relação ás outras nações.

* * *

Quem se põe em colera, trae-se a si proprio.

* * *

Os pessimistas são como abelhas que sugam apenas no calice das flôres o que ellas têm de amargo.

* * *

A missão do artista é embellezar a vida com a sua arte e, tornando-a mais bella, tornál-a melhor e mais nobre.

* * *

Muita gente ha que tem, quanto aos proprios méritos, a moral dos negociantes: comprar o mais barato possivel para vender o mais caro possivel.

* * *

O livre arbitrio! Não serão sempre as circumstancias, o meio, a educação e a herança moral ou physica que nos levam a agir desta ou daquella fórma?

* * *

Poderá alguem, em pleno uso da razão e de todas as faculdades intellectuaes, agir contra a verdade, a justiça e o dever?

* * *

A maldade consciente não existe. A maldade não é mais do que uma fórma de loucura.

* * *

Equidade é o sentimento de justiça e igualdade que aplaina todas as pequenas differenças e desigualdades.

* * *

Julga os outros com a mesma benevolencia com que julgarias teu irmão.

* * *

O amôr é o oleo santo que alimenta a lampada da alma.

* * *

Assim como o grande silencio é feito de pequenos ruidos, a grande felicidade o é de pequenas dôres.

* * *

Pela dôr torna-se a consciencia mais lucida, pela luta intensifica-se a vontade.

* * *

A timidez na mulher póde ser predicado; no homem é sempre defeito; e em todos os casos uma fraqueza.

* * *

Uma grande idéa profunda e triste é como a lampada que só illumina o que lhe está proximo. O menor pensamento de confiança e enthusiasmo é como o pharol que projecta a sua luz a grande distancia.

* * *

Deve-se acceitar o soffrimento inevitavel. Mas acceitál-o com optimismo. No mais, reagir, reagir sempre. A acceitação de um sacrificio desnecessario é inutil e depressora.

* * *

E' prejudicial tudo o que concorre para diminuir o fervor do pensamento e o fervor do sentimento.

* * *

Muito mais que a dôr sabe a alegria consolar.

* * *

A presença e as lagrimas de um amigo sempre nos confortam em meio de uma grande dor. Mas esse conforto é depressor. Muito mais faria aquelle que nos elevasse acima da propria dôr, ensinando-nos a reagir e a lutar.

* * *

Creaturas ha que, em vez de encorajar e confortar, augmentam a desolação e o abatimento daquelles a quem desejam consolar.

* * *

A importancia dos acontecimentos depende de nós.

* * *

A felicidade está em nós mesmos. Ella nunca nos vem de fóra. Somos nós que a creamos.

REGINA RIZIERI

PAPAE NOEL APRESENTA o BOLO de NATAL

O BOLO de NATAL, cuja receita segue abaixo, é explendido, principalmente quando feito com a insuperavel farinha *Buda Nacional*, que se vende em qualquer armazem, em saquinhos de cinco kilos.

1 chicara de manteiga fresca, 2 chicaras de assucar, 3 chicaras, de farinha BUDA NACIONAL, 1 chicara de leite, 2 chicaras de nozes, 6 claras, 2 colherinhas de fermento "Dr. Oetker" e 1 colherinha de casca de limão ralada.

Bate-se a manteiga fresca, junta-se o assucar batendo-se até ficar como um crême, addiciona-se o leite, a casca de limão e as claras bem batidas. Peneira-se a farinha com o fermento e, finalmente, picam-se as nozes bem miudo. Assa-se em fôrma untada com manteiga e polvilhada com farinha de rosca. Depois de assado cobre-se o bolo com massa de suspiro e volta ao fôrno por um minuto só para côrar.

Exijam do seu fornecedor a insubstituivel FARINHA EM SACCOS DE 5 KILOS

DESTINOS OPPOSTOS

De Walter de Sequeira

DILSA LOBO esperava completar vinte e um annos, a idade que ella marcára em sua vida reclusa de moça para seguir o destino que sempre imaginára, ir para outras terras tornar-se uma celebridade no cinema e ter o mundo a seus pés, sem jamais importar-se seriamente com elle, ou deixar-se prender numa armadilha humana.

Desde que a sua educação moderna lhe permittira conhecer a vida a fundo, Dilsa desprezára e resolvêra viver só para si, independente de qualquer outra ceratura. As delicadezas e concepções subtis de sua alma, ella as guardaria comsigo, porque ninguem saberia comprehendel-a. Os devaneios de seu talento, junto da vibratilidade de seu temperamento de artista, eram a base segura de sua victoria.

Os annos foram passando, já ia longe a meninice de Dilsa, chegava ella aos dezoito annos, quando namorou, apenas por achar muito bello, um rapaz que conhecêra ao acaso. Aquelle namoro foi se prolongando, e havia da parte de ambos uma grande sympathia; apesar de tudo, Dilsa encarava Almenio com certa animosidade: elle era igual aos outros homens e como tal devia ter as idéas de devassidão que ella não poderia admittir.

Mas, convivendo com elle, conhecendo-o melhor, Dilsa começou a descobrir uma certa delicadeza, uma certa subtileza de alma que elle possuia e teimava em esconder por pensar que ella fosse uma creatura como as outras. Então, Dilsa se revelou e Almenio, surprehendido, teve deante de si uma moça como nunca elle pensára encontrar na vida. Enterneceu-se. Dilsa estava encantada; uma amizade perfeita os estreitava agora. Elles poderiam trilhar a vida juntos, indifferentes ás maldades do mundo, tendo como escudo a sinceridade daquella affeição.

E assim a sympathia de principio se integralizou na vida de Dilsa. Almenio tornou-se todo o seu amor.

E passaram-se dias, mezes, dois annos...

O que ella suppuzéra acaso fôra parte do seu destino, pois Almenio já não podia ser afastado de sua vida. Elle não era para ella como os demais homens! Aquelle affecto alliado á emotividade da moça tornára as interpretações artisticas perfeitas. Agora, já não eram artificiaes, mas admiravelmente sentidas as suas creações. Quando representava, esquecia quasi sempre o galã e via deante de si apenas Almenio. O seu amor existia ao lado de sua vocação.

Agora, não podia contar com a sua liberdade, pois desejava casar-se com Almenio. Bem depressa, no emtanto, comprehendeu que elle, ciumento e rigoroso, traço que ella não deixava de admirar, jamais desposaria uma artista, que pertencesse ao publico e tivesse de permittir certas liberdades em suas representações. Almenio desejava para sua esposa a creatura que se dedicasse ao lar, aos filhos e a elle.

Dilsa, depois que o amára, tivéra tambem taes anseios, mas como sacrificar seu talento e renunciar aos sonhos de gloria e renome mundial para ser apenas uma bôa esposa como muitas, perdida completamente no anonymato? Apesar de tudo, sem saber porque, ella desejava ser somente a esposa...

Aquella vida lhe seria tão banal, tão vulgar, mas teria o doce prazer de renunciar a tudo por elle.

Almenio não era um nome illustre, um nome de destaque na sociedade; no emtanto Dilsa o achava superior aos outros homens. Embora humilde, para a moça elle era mais que todos, porque era o seu amor.

Mas Dilsa hesitava...

Mereceria tão grande renuncia, o anonymato completo de sua vida, o sacrificio de seu talento, tornando-se apenas uma modesta dona de casa, quando toda a humanidade poderia murmurar enlevada o seu nome?...

E seria o seu casamento tão feliz, tão perfeito que tudo a fizesse esquecer? Dilsa lembrava-se que, apesar da comprehensão e da confiança mutua entre ambos, nem por isso haviam deixado de surgir momentos de desintelligencia, momentos que se repetiriam naturalmente após o casamento e ella como qualquer outra esposa teria que perdoar. Lembrava-se que Almenio, exteriormente, para os outros era um homem banal, igual, sem aquellas subtilezas que só ella reconhecia; elle mesmo gostava de apparentar ser um leviano.

Durante aquelle tempo do seu namoro, fôra obrigada a reconhecer que o lado humano a que toda creatura é sugeita, se cança-se, ás vezes, de uma perfeição completa e assim, em diversos momentos, para manter o seu amor, precisava apparentar ser uma creatura frivola, tola, quando na realidade era tão perfeita.

Dilsa sabia controlar-se ás seducções da vida devido a uma grande força de vontade. Humana, comprehendia que Almenio pudesse fraquejar um dia em alguma infidelidade. E por saber controlar-se poderia ella exigir o mesmo delle. No emtanto, o seu amor jamais o perdoaria num erro. E si isso acontecesse após a sua renuncia?...

Não. Era preciso que seguisse o seu destino, que fosse para a America do Norte como sonhara desde menina.

Aproximavam-se os vinte e um annos de Dilsa, que ella tanto desejára, para com elles poder romper os preconceitos da familia. Mas agora como quizera que elles custassem a vir!

Ella iria partir e talvez para sempre, talvez para nunca mais ver Almenio.

Tempo depois, um rompimento, um adeus... e a moça abandonava o amor para seguir a carreira artistica.

*

ANNOS correram: rapidos, febris, aventureiros. Emoções novas e trepidantes, luta de um cerebro contra a multidão. O anonymato... o talento... a gloria... mas sempre, sempre a saudade...

Dilsa Lobo era um nome já celebre de artista! Não custára muito para vencer; o seu talento não era dos que desapparecessem entre os outros. Havia brigado com as pessoas de sua familia e viéra só, sem ninguem. Embora desamparada, nem um momento a abandonaram os seus sonhos. Lutou algum tempo e elles agora se ha-

viam realizado de maneira brilhante.

Dilsa obtivéra tudo quanto desejára: fama, applausos apotheoticos, o nome em cartazes luminosos e toda uma multidão de admiradores; mas não se sentia feliz...

A sua vida era erma. O amor a entediava. Regeitára diversas propostas de casamento. O affecto daquelles homens que a cercavam lhe parecia banal, frio, sem conseguir penetrar-lhe a alma. Sentia-se distante delles e de todos. Nem um momento esqueceu Almenio e a harmonia de idéas e sentimentos que entre ambos houvéra. Vivia odiando os affectos felizes que lhe lembravam o seu e por vezes tinha a impressão de que era apenas uma machina a produzir bellos trabalhos, tendo estancado toda a emotividade de sua alma.

Os annos talvez já lhe tivessem deixado vestigios na sua esplendente formosura, si não fossem os recursos que tivéra de usar para mantêl-a.

Muito tem passára realmente.

Um dia, a artista teve o desejo insopitavel de voltar á sua patria, de ver a sua gente, abraçar a familia, que agora lhe escrevia continuas cartas, e de tornar a ver, talvez pela ultima vez, Almenio.

* * *

Os jornaes annunciavam com espalhafato a visita da festejada patricia que tanto os orgulhava.

O cáes se achava apinhado de gente, á espera do transatlantico que devia atracar em breve. Preparavam-se grandes manifestações. Era a primeira vez que uma artista brasileira voltava da America do Norte tão coberta de gloria.

A multidão, pouco a pouco, augmentava. Ouviam-se apitos de sirene, de envolta com o marulhar das aguas e o sussurro das vozes. Os commentarios fervilhavam. Um ou outro inventava um caso que dizia saber sobre a vida de Dilsa, antes da sua partida do Brasil. Gritos aqui e alli "Vivas" á artista. O povo já se comprimia na ponta dos pés, com o desejo de conseguir ver pessoalmente a creatura que tanto os maravilhára na téla.

No meio do povo, só, modestamente, procurando occultar-se, um desconhecido para todos tambem procurava rever a festejada *estrella*. Envolto em um sobretudo, que tapava parte do rosto levemente moreno, o chapéo enterrado até os olhos castanhos, elle demonstrava grande emoção. Felizmente para elle, passava completamente despercebido. Era um homem no meio dos outros, mas um homem que era todo o amor da creatura que homenageavam.

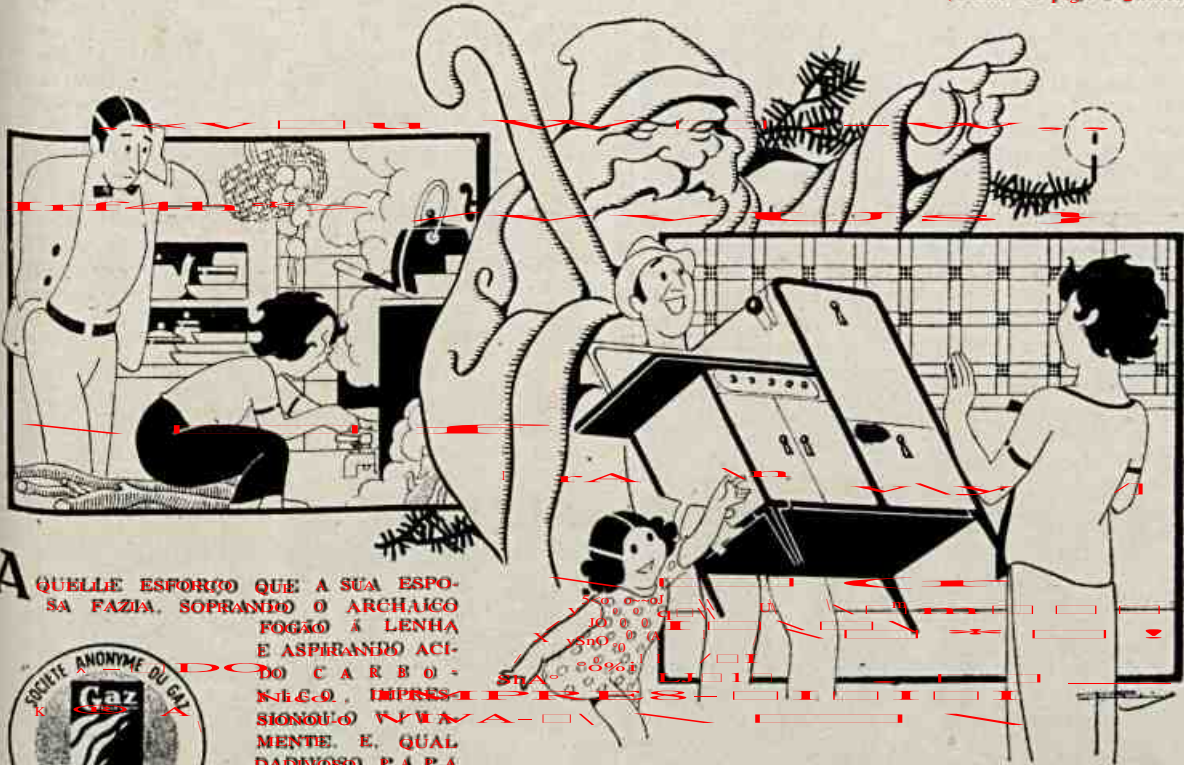
Gritos, vivas, delirio na multidão; o vapor avistado ligeiramente já se aproximava do cáes. Maior eram o aperto e o borborinho. A curiosidade augmentava.

A sirena apitou. O navio atracára. Pouco depois, começaram a sahir os primeiros passageiros, que se misturaram com o povo. Houve ainda longa espera e emfim... Dilsa Lobo, mais bella do que nunca, afogueada pela emoção, num maravilhoso vestido de passeio, sob um "manteau" elegantissimo de arminho branco, appareceu na escadinha do vapor.

Ouviu-se uma reboada frenetica e louca de applausos. Chapéos, flôres foram atirados ao ar. Gritos ensurdecedores. Somente um homem não a applaudiu, mas os olhos delle pela primeira vez na vida se turbaram.

Dilsa, tremula, sorrindo, enleiada, ante a commoção de sentir-se entre gente sua e em sua terra, buscava, no emtanto, somente descobrir, no meio daquelles milhares de cabeças, a cabeça de alguem por quem viéra alli.

Não a percebeu; notou

(Cont. na pag. seguinte)

"A mulher que Deus me deu"

(Continuação)

de montar, quer dar um passeio a cavallo:

— Miss Dowling póde ir esperar lá fóra. Vou mandar preparar-lhe um rozilho que temos aqui... e Tom MacNéri poderá acompanhál-a, porque elle conhece bem esses caminhos...

* * *

A' sombra de uma arvore, estando alto o sol, apeiam-se os dois para uns minutos de descanso. Os cavallos, esbranquiçados do suor espumante das longas correrias, pastam calmamente á beira do lago, onde Tom os puzera a beber. E os dois jovens, agora feitos bons amigos, conversam como se de ha muito se conhecessem.

— Então quer dizer que nunca amou alguem? pergunta Kay a Tom, cheia do maior assombro, ella que em questões de amor era peor do que as borboletas.

— Não, nunca me deixei levar pelas labias de mulher alguma, resmunga Tom pelo canto da bocca, preguiçosamente. Não vale a pena, accrescenta depois de um instante.

— E você? Menina da cidade, ha de ter muitos namorados...

— Têm-se *alguns*, confirma Kay com o verbo no impessoal...

— Alguns? Mas pelo que ouvi dizer, seu pae mandou-a para cá porque você tinha brigado com o seu noivo...

— Ah, sim, o meu noivo... Já quasi o tinha esquecido, diz ella, subindo os olhos aos olhos de Tom.

— E o casamento... acabou-se? pergunta-lhe o vaqueiro, como quem não tem outra coisa com que desviar a conversa.

— Eu sou muito inconstante, Tom. Por isso não quero casar. Herbet adora-me, mas eu não lhe tenho amor... Elle vive a pensar no nosso casamento e eu creio que isso nunca se realizará. Depois que vim cá para a fazenda... então...

— Kay deixara a phrase suspensa, bem a proposito. Tom, meio ingenuo, levanta-lhe o cartel de desafio:

— Depois que veiu para cá, que se deu?

— Aqui foi que vim a comprehender que o meu amor não era para Herbert... Para dizer-lhe a verdade, estou encantada com a vida bucolica destes campos, com os nossos passeios, com tudo emfim... E entregando-se aos braços fortes do cow-boy: E você sente-se mais feliz agora?...

* * *

— Fala mais alto! não comprehendo uma palavra do que dizes. Era o pae de Kay Dowling que em communicação telephonica com a filha, não podia atinar com o que a garota queria dizer, a falar-lhe desde a fazenda.

— O' Phillip, vê aqui o que esta menina quer dizer! brada o sr. Dowling ao seu criado de confiança, passando-lhe o receptor telephonico.

— E' Phillip, Miss Kay... Pode falar... um pouco mais alto...

— De véras?! Ah, sim... (e para o pae, que o olha cheio de impaciencia):

— Miss Dowling está casada, senhor!...

— O senhor seu pae quer saber com quem, Miss Dowling...

— Sim, comprehendo... (— Diz que com um tal de MacNéri, vaqueiro da fazenda, explica Phillip ao pae da garota.) — Pois dize-lhe que a desherdo e não me appareça mais aqui! estruge o patrão fazilando de raiva.

— Diga-lhe que o não leve a mal, Phillip... Mas, se não me quer ver mais, não me verá...

* * *

Um anno já se passára... Chegára o Natal e em torno á casinha

Destinos oppostos

(Continuação)

apenas um homem de sobretudo sahir de entre a multidão e afastar se.

Triste, Dilsa, desceu a escadinha do vapor, viu-se cercada com effusão pela familia, pelos amigos, que lhe offereciam ramalhetes de flôres, pelos reporters, a pedir-lhe que pousasse para alguns retratos, tudo em grande confusão. Os curiosos faziam circulos em torno della.

Dilsa, no emtanto, não desejava abandonar o cáes. Aos grupos, a multidão foi se dispersando. Ella ficára com os da sua familia, suppondo que elle ainda viesse, atrazado. Mas foi em vão. Tristemente, olhou a ultima pessôa que se afastava, lembrando-se que todos queriam ver a sua belleza, os seus encantos, a sua elegancia, mas ninguem se preoccupava com a sua alma, o seu coração e aquelle caso de amor.

Em casa, Dilsa veiu a saber que Almenio se casára quatro annos após a sua partida e tinha agora um lar, uma esposa e uma filha adoptiva.

Elle realizára os seus desejos. Os desejos que talvez custassem a carreira artistica de Dilsa, si ella os tivesse seguido. A moça levou a mão ao peito, sentida, vendo que elle conseguira esquecer o amor que ella jamais olvidara.

Almenio casára-se com Ogarite, que fôra amiga de Dilsa, e que com ella se assemelhava pelos tregeitos adoraveis e pela vocação artistica que tambem tivéra.

Dilsa desejou ver Almenio no lar, no destino differente que o rapaz sonhára. E foi... Então poude notar Almenio com ares já de senhor e as cans embranquecidas.

Sentiu-se muito feliz quando o viu estremecer ao apparecimento della, dando uma prova irrefutavel de que aquelle amor não fôra esquecido assim...

Notou o aconchego, o carinho, a candura que

onde Tom e Kay viviam reinava a desolação branca das pesadas neves do inverno. Para ella, acostumada á existencia alegre e livre de menina rica, mimada, que tem o que quer, essa vida numa cabana de páus tôscos, desabrigada, tendo uma unica habitação que lhes serve a um tempo de sala de jantar, cozinha e dormitorio, atordoa-a, — vida para a qual não se formára a sua alma doidivana de ornamento social. Tom, é verdade, adora a Deus no céo e a sua Kay na terra, mas nem por isso sente-se feliz a filha de Thomas Dowling. Uma força irresistivel attrae-lhe os passos dali para fóra... Contempla as mãos caleijadas. As suas mãos que alguem comparára a petalas de lirios — hoje causam-lhe dó e desespero! Ah! pudesse ella refazer o passado!...

Tom chegara do villarejo, onde fôra comprar mantimentos e ração para o pequeno gado em que tem posto todas as suas esperanças. De lá traz uma carta para Kay.

A mulher de MacNéri rasga o envelloppe com verdadeira ansia de lhe conhecer o conteúdo. A missiva é de Bessy, a sua sempre amavel e boa Bessy: "Teu pae persiste na loucura de não querer ver-te mais... Mas não te mortifiques por isso querida Kay. eu hei de demovel-o desse intento... Estimo que tu e o teu marido passem um feliz Natal"...

Aquella ultima phrase deixa-a com os olhos innundados de lagrimas. "Feliz Natal" que felicidade poderá desfructar ella, ali, naquelle ermo, numa cabana atufada na neve, longe de todos, tendo por unica musica o mugir das rêzes, que tiritam de frio no estábulo, parede-meia á casa?...

Kay toma uma resolução. Vira-se abruptamente para o marido:

— Preciso ir, Tom... — Ir para onde, Kay? pergunta o rapaz. — Para casa, vêr, meu pae... está muito doente, e pede-me nesta carta que o vá vêr...

Tom conforma-se com a resolução da esposa. No dia seguinte, tendo com difficuldade arranjado o dinheiro da passagem, vae leval-a á estação da estrada de ferro. Kay despede-se do marido, affetando sempre um grande amor por elle e promettendo que a separação não ha de ser longa... O trem parte, e á beira da linha, sozinho, a dizer-lhe adeus com o lenço, fica Tom MacNéri, solitario e alto como um poste telegraphico...

* * *

Em casa, Kay, tendo feito as pazes com o pae, volta outra vez á vida luxuosa dos *teas*, das *foot-ball*, das regatas... Herbert, sempre ao seu lado, trata de a convencer que deve divorciar-se de Tom para casar comsigo.

Mas, nesse meio tempo, Tom, tendo recebido uma carta da mulher, na qual ella lhe dizia estar tratando do divorcio e que não mais a esperasse vêr, resolve ir á cidade para tirar a limpo todas as suas duvidas.

Chega á casa do sogro. Kay fica assombrada ao ver o marido. — Mas, Tom... eu escrevi-te uma carta explicando tudo...

— Já sei, Kay... porém quiz vir até cá para saber de fonte limpa o que ha. Se não gostas de mim, está tudo a c a b a d o... Se a vida no campo não te agrada, havemos de encontrar um meio de sahir de lá... Se preferes o divorcio, eu a isso não me opponho. De ti só quero uma coisa: a tua franqueza. Kay fica a pensar. E depois de um instante: — E' melhor que nos separemos, Tom... O nosso casamento foi uma loucura... Eu ainda gosto de ti, mas é preferivel que nos esqueçamos um do outro...

Tom engole o trago amargo e estende-lhe a mão: — Adeus, Kay; estimo que sejas feliz...

---

havia em torno de tudo, e achou-se diminuida, com vontade de fugir dalli, como si ella fosse perturbar aquella felicidade.

— Oh Almenio! — disse-lhe a moça. Alegro-me de vêl-o com os seus anseios realizados.

Elle a fitou, indifferentemente.

— Você: bella e esplendente de mocidade como nos tempos passados! Nada mudou! E' bem feliz! Curvo-me ante a artista celebre!

Dilsa sentiu os olhos turvos pelas lagrimas, apertou as mãos convulsamente e sorriu para elle, triste, indefinivelmente. Por algum tempo, ficaram assim; depois Almenio, num arranco dalma, tomou-a nos braços e a estreitou de encontro ao coração.

Horas após, Ogarite, só com Dilsa, dizia á amiga de outrora:

— Seguiste o destino opposto ao meu. Como te invejo, como invejo o teu nome em jornaes e manifestações! Bem sei que amaste Almenio, mas fizeste bem em não renunciar a tua carreira artistica, pois serias como eu uma creatura sem nomeada.

Então, soluçando, afogueada, Dilsa não se poude conter:

— Você é muito, muito mais feliz! Si eu me casasse com Almenio, não teria o renome da gloria, mas seria bem grande na minha pequenez!...

* * *

Dilsa voltou aos Estados Unidos. Triste, desesperada.

Mezes depois, teve a surpresa de rever Ogarite.

A moça se desquitára de Almenio e explicára a Dilsa que o que houvéra entre elles fôra apenas uma sympathia, um desejo que passára; queria agora seguir o mesmo destino da amiga, ser uma grande artista. E si ella, Dilsa, amasse Almenio, que se casasse com elle pelas leis americanas e tomasse conta da filha adoptiva de ambos.

Então Dilsa, ufana, feliz, esqueceu todos os applausos e acceitou, radiante, a troca de destino.

O DESTINO DA IMPERATRIZ ZITA

É infinitamente triste a existencia desta princeza que a má sorte de uma união com um archiduque austriaco levou ao desespero.

No anno de 1891, nasceu na Toscana, no castello de Pianore, uma menina a quem o pae, o duque de Parma, deu o estranho nome de Zita. O duque teve uma verdadeira familia patriarchal: nove filhos de seu primeiro casamento com a princeza Borbon, de Sicilia, e doze em suas segundas nupcias com Maria Antonia de Bragança.

Entre estes ultimos, se encontra a princeza a que nos referimos. Zita passou sua infancia na Toscana, na Sicilia, na Austria, na Suissa e na França. A menina manifestou logo uma intelligencia muito viva, uma grande energia unida a uma piedade que soube conservar através de suas penas. Tres de suas irmãs são monjas benedictinas e ella mesma tivéra vontade de professar durante um momento de sua juventude.

Assim cresceu feliz, lendo muito, pensando. Era encantadora, com seus cabellos ondulados, seus olhos cheios de compaixão e seu modo voluntarioso. Seu pae morreu quando ella regressava do internato; e chegou logo á idade de casar-se.

Em 1910, durante um baile em Vienna, a princeza encontrou-se com o principe azul... Foi o joven archiduque Carlos, herdeiro da corôa austriaca, que pediu sua mão. O archiduque tinha vinte e quatro annos.

O casamento foi celebrado no castello Thwenertzau, em 21 de outubro de 1911. O velho imperador, então com 80 annos assistiu, em pessôa, á união, que se apresentava sob os melhores auspicios.

Os esposos permaneceram longo tempo ausentes de Vienna, correndo a Croacia e o Tyrol e pouco se occupando com as questões da politica. Em 20 de novembro de 1912 nasceu um menino, que recebeu o nome de Francisco José Oton.

Mas, ai!, aquella vida feliz e tranquilla começou então a desapparecer. O archiduque foi nomeado commandante do 30 regimento de infantaria, em Vienna, e teve que fixar a sua residencia no castello de Hetzendorf.

E a 28 de junho a noticia do drama de Saravejo cahiu sobre aquella familia como uma catastrophe. Logo veiu a Grande Guerra e a morte de Francisco José; chegou a derrota, e o joven ex-imperador e a sua esposa marcharam para o desterro melancolico.

Ninguem ignora que Carlos morreu nesse desterro e todos sabem que a infeliz ex-imperatriz é uma das figuras mais dolorosas que restam na Europa, como documento vivo da conflagração mundial.

CRITICA

A critica é, mais que tudo, um dom, um tacto, um olfacto, uma intuição. Não se ensina nem se demonstra: é uma arte. O genio critico é a aptidão para distinguir o verdadeiro, no meio das apparencias e da confissão que o escondem; para descobril-o, apesar dos erros do testemunho, das fraudes da tradição, do pó dos tempos, da perda ou da alteração dos textos. E' a sagacidade do caçador que sae de repente da emboscada e a quem nenhum estratagema póde despertar. E' o talento do juiz de instrucção que sabe interrogar segunda as circumstancias, e que faz brotar um segredo desconhecido de entre um conjuncto de mentiras. O verdadeiro critico sabe comprehender tudo isto, não consentindo, jamais, em ser ludibriado, e não sacrificando o seu dever a nenhuma conveniencia — dever esse que se resume em encontrar e dizer a verdade.

A erudição sufficiente, a cultura geral, a probidade absoluta, a rectidão no golpe de vista, a sympathia humana, a capacidade technica, — tudo isso é indispensavel ao critico.

E. F. AMIEL

UMA HISTORIA

POR solidariedade, Sylvio Montreal acquiesceu em acompanhar-me a um dancing, após nossa ida ao theatro.

Vinha elle ao Rio, de raro em raro, já esquecido do grande centro cosmopolita que o attrahira quando moço.

Vivia agora em uma das calmas cidades de São Paulo, onde clinicava.

Fôra para lá, após sua formatura.

Casára-se, decorridos dois annos...

* * *

Havia uma algazarra carnavalesca, no salão illuminado. Para mim o ambiente se tornára conhecido. Os *garçons* e as mulheres eram quasi meus amigos; recebiam-me com alegrias e perguntas cordeaes. Eram quasi amaveis! Os *garçons*, por causa das gorgetas; as mulheres... por causa dos *garçons*. Tambem, eu gastava como um lord. E tinha amigos. Tinha! De todas as raças. De todas as côres, que, nesse meio onde as gargalhadas espoucam a par da champagne, a gente vae se conhecendo mutuamente. Porque a desgraça não cala; conta, diz tudo... ás vezes com exaggero, o que torna o soffrimento ridiculo.

* * *

Margôt puxou a cadeira e sentou-se entre nós. Abriu a bolsa e, deante do espelho pequenino, retocou o coracão que trazia na bocca...

— Char[illegible]ase?...

— Absyntho!

O *garçon* attendeu-nos pressuroso.

Notei que Sylvio estava contrafeito. De temperamento calmo, concentrado, aborrecia-o a algazarra tola, no ambiente falso, de delicadeza remuneradas.

Margôt olhou-o; fez um muchocho. E, dirigindo-se a mim:

— Seu amigo faz-me lembrar a Lúlú, que tinha a volupia da tristeza. Era o mesmo ar sorumbatico! Disse-me o medico que era mal congenito. Que nada! Paixão por você.

E, gritando para o *garçon*:

— Um absyntho, aqui, para este moço!!

Sylvio agradeceu-lhe. "Que não tomava alcool. Que nós nos divertissemos. Não nos molestassemos por elle. Ouviria nossa palestra e divertir-se-ia apreciando nos brincar".

* * *

Foi depois de um tango, quando nos sentámos cansados, que a Margôt, sempre espalhafatosa, balançando-se na cadeira, ao rythmo da musica, pediu ao *garçon*, batendo com a unha polida no calice:

— Mais um!...

E para mim:

— Ah, não sabe! Naquella noite em que você sahiu daqui, depois de pedir á Lúlú que o deixasse, porque você ia casar-se, ella bebeu um litro deste licôr. Quasi morreu! E depois, quando você lhe mandou aquelle cheque, a pobresinha... Mas, valeu! Porque ella se regenerou! Eu não posso fazer assim. Nunca tive uma grande paixão; os homens me disilludem, sempre... Pobre Lú! Feliz! Fugiu para esquecer esta vida... para esquecer você... e casou-se... com um doutor "não sei que", prefeito de Campinas. Ella escreveu-me contando-me sua ventura e pedindo-me que a afastasse de tudo que a pudesse fazer lembrar seu passado. Tive desejos de vêl-a, sem lhe falar... de longe. Mas, receiei: talvez fosse imprudencia... Eu devia respeitar sua felicidade... Soube que o marido a venerava; um homem bom...!

* * *

E' interessante como factos, observados áquella noite, hoje se me apresentam como solução de uma incognita: Sylvio, que a principio evitára beber, bebeu muito, de modo singular, sem, comtudo, quebrar a seriedade; aliás, meu amigo sempre foi assim; não com a sisudez exagerada deixando-lhe sulcos na testa, como o vi no fim daquella noite.

E sua volta rapida a Campinas?!...

A sequencia dos acontecimentos, coordenados com a revelação involuntaria de Margôt, poz-me, nitida, a verdade deante de meus olhos starrecidos, presos na estupidez daquelle telegramma synthetico e laconico:

"Rio — (C. P.) *Suicidou-se, em Campinas, o ex-prefeito dr. Sylvio Montreal*".

CARLOS MADEIRA

Poema da saudade

A vida é uma eterna canção de saudade.

Tudo passa. Tudo se modifica. Tudo se resume em uma unica palavra, em uma unica lagrima... saudade!

Amor... felicidade... mocidade... são poemas bonitos, poemas escriptos com as estrellas do céo e com as lagrimas da terra, cuja palavra final é sempre... saudade!

Hoje, felicidade lindas sorriem para nós deslumbrantemente.

Amanhã, só resta a sombra do dia de hontem. A sombra de tudo quanto passou e fugiu, transformada na visão etherea do passado. A sombra da felicidade, que nada mais é senão a saudade.

O coração é o rouxinol que canta para a alma, para o mundo, os seus ideaes, as suas ambições. São cantos de gloria, de victoria, de amor, de ventura. Canticos azues como o infinito. Canticos esverdeados como a esperança. Canticos gloriosos como o triumpho. Canticos plangentes originados num sorriso e finalizados na lagrima, silenciosa e triste, de uma felicidade perdida na bruma do passado.

A vida é uma eterna canção de saudade.

A vida tem sempre um amanhecer ensombrado, um dia nublado, onde a alma da gente, na solidão do pensamento, fica recordando o dia radioso, aquelle dia azul, cheio de sol e encantamento.

Na vida ha sempre o soluço que, vindo d'alma, se espalha no coração, trazendo a lembrança do sonho irrealizado, do momento inesquecivel perdido para sempre, do "sim" ambicionado que não se ouviu...

A vida é um harpejo de lutas e de dôres tangido em nosso coração pela mão do destino, e a saudade a monja que em preces fica pedindo aos céos resignação e uma benção para os nossos soffrimentos.

A felicidade perdida, a ventura não alcançada, os instantes alegres e dourados, a hora, o momento, o minuto em que se viveu todo um grande ideal, toda uma grande felicidade têm sempre como final glorioso e torturante a saudade.

A felicidade faz cantar e sorrir, soffrer e chorar o poeta da vida — o coração.

A saudade vem suavizar o soffrimento, vem acariciar as lagrimas doridas, trazendo no presente solitario a recordação adoravel do passado primaveril.

A felicidade, muita vez, levamos longos annos a esperál-a. Na sua chegada, a glorificamos com a nossa ternura e carinho.

A saudade entra em nossa vida, sem nunca a esperarmos. Abre as portas de nossa alma. Lá se agazalha eternamente. E sempre revive em uma recordação, para nosso prazer unico, o momento, o minuto inesqueciveis.

Saudade... lyrio perfumado do amor orvalhado pelas nossas lagrimas.

Saudade... taça espiritual que contem, muita vez, nosso desespero, nossa renuncia.

Saudade... grito do nosso "eu" a clamar por outro "eu".

A vida é uma eterna canção de saudade.

Recordar é o destino glorioso do coração.

Recordar é haurir, com prazer ou com desespero, gotta a gotta, alguma coisa que no passado foi um anseio, foi um momento, teve vida.

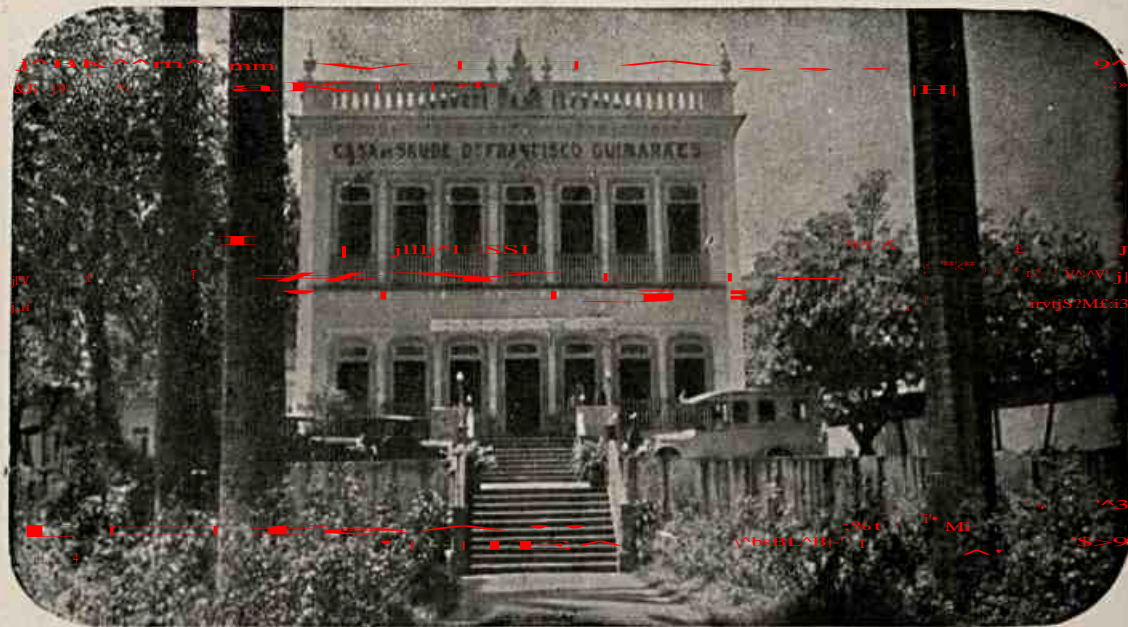
Recordar é murmurar no altar do passado a prece da saudade, a prece da saudade que revive, no silencio d'alma, tudo quanto se foi e gravado ficou nas paginas da mocidade.

A vida é uma eterna canção de saudade.

A vida tudo tem, mas tudo perde.

Todas as suas alegrias, todas as suas venturas, todos os seus deslumbramento se despetalam nas muralhas do mundo.

E das flores emmurchecidas, das flores que representam o ocaso da felicidade, surge adornada com as petalas já sem perfume e belleza, petalas revividas no milagre espiritual, a saudade... A saudade que é a reliquia bemdita e santa das almas que conheceram a ventura... o amor... a felicidade...

MITS.

Seara alheia

O azar O conjunto de phenomenos chimicos e de aventuras sentimentaes que chamamos vida é dominado por uma especie de tyranno invisivel, invencivel e omnipotente. Este despota de nossas acções, de nossas peripecias, este imperador de todas as vidas é o ... Azar.

Em vão, o homem, depois de seculos e seculos de experiencias, de raciocinios, de philosophia e de religião, tem tentado installar no terreno ethico dos dias a republica livre da Vontade. Esta apenas obteve ephemeras e intermittentes regalias para proceder por conta propria, emquanto o Azar continuou a manter o seu prestigio de todo-poderoso.

Definil-o é difficil, ou, melhor, impossivel, mesmo.

Delle apenas se poderá dizer que é uma força mysteriosa que faz cahir sobre o 17, e não sobre o 19, a bolinha saltitante da roléta; que põe uma taboa salvadora junto ao naufrago que não sabe nadar; e um tubarão faminto ao lado do que o sabe perfeitamente; faz que as andorinhas esvoacem sobre a caravella de Colombo, etc., etc.

O que chamamos *as circumstancias*, favoraveis ou desfavoraveis, não são senão disfarces de alta fantasia que o Azar veste á meúdo para melhor circular no baile de mascara da vida.

Basta fazermos o inventario das nossas proprias recordações para nos convencermos de que todo o mal e todo o bem que nos foi proporcionado devemos ao Azar e nunca á nossa vontade. — ALBERT WILLEMETZ.

Reflexões O silencio reina nos rosaes de Oboian. Se quereis embriagar-vos com o perfume das flôres passai por alli lenta, lentamente. E cada rosa vos revelará uma emoção. — NICOLÁS NIKITINE.

Sobre o amor Os homens dizem das mulheres o que bem lhes agrada. E as mulheres fazem dos homens o que bem querem. — SEGUR.

* * *

O amôr mais simples e perfeito é o que nasceu sem causa. — SAINTE-BEUVE.

* * *

O amôr é, talvez, a expressão mais natural do egoismo. — NIETZCHE.

* * *

O ciume daquelle a quem se ama é uma homenagem; o do marido, porém, é uma offensa. — CARMEN SILVA.

OS DANSARINOS

(SHERLOCK HOLMES) — POR CONAN DOYLE

(Continuação)

De que appello se poderia tratar? Havia quatro letras na palavra que precedia Elsie, e esta palavra terminava por um E. Esta devia, pois, ser Come (1).

Estudei todas as outras acabando por E, mas nenhuma formava palavra tão apropriada ao caso. Eu conhecia as letras C-O e M e podia reconstruir a primeira missiva, separar as palavras e pôr pontos nos signaes ainda ignorados.

A phrase apresentava então o seguinte aspecto:

.M .ERE ..E SL.NE.

"A primeira letra só podia ser A; era a descoberta mais importante; porque, nesta missiva tão laconica, o signal lá estava trez vezes, e a letra H estava apontada na segunda palavra. A phrase era a seguinte:

AM HERE A. E. SLANE.

ou substituindo os pontos:

AM HERE ABE SLANEY (2)

"Tinha já obtido um tal numero de letras que podia esperar descobrir a segunda missiva, que com as precedentes descobertas, dava o seguinte resultado:

A. ELRI. ES.

"A phrase não podia apresentar sentido algum senão com T e um G que faltavam (3) e logo vi que estava alli o nome da hospedaria ou casa aonde fôra hospedar-se o desconhecido correspondente."

O inspector Martins e eu, haviamos escutado com o maior interesse as explicações dos surprehentes resultados obtidos pelo meu amigo, através de tanta difficuldade.

— E então que fez o senhor? — perguntou o inspector.

— Eu tinha todas as razões para ver que Abe Slaney era um americano, visto Abe ser um diminutivo americano da palavra "Abel", e visto que uma carta com a estampilha deste paiz, tinha sido o ponto de partida de toda esta meada. As allusões da mulher ao seu passado, a sua falta de confiança para com seu marido, tudo confirmava esta hypothese. Telegraphei então ao meu amigo Watson Hargreave, da policia de Nova York, que por muitas vezes se servia dos meus conhecimentos em materia de crimes. Perguntei-lhe se conhecia o nome de Abe Slaney. Aqui está o telegramma: "O maior e mais perigoso patife de Chicago." Na mesma noite que recebi esta resposta, mandou-me Hilton Cubitt a ultima missiva de Slaney que consistia nisto:

ELSIE. RE. ARE TO MEET THY GO.

A addição de dois P e dum D completou a missiva (4) que me demonstrou que o velhaco tinha passado da persuasão ás ameaças, e, conhecendo eu os bandidos de Chicago, comprehendi que não tardaria em as pôr em execução. Parti logo para Norfolk com o meu collega e amigo o dr. Watson; mas desgraçadamente já estava consummado o crime.

— E' uma grande felicidade estar associado com o sr. Holmes neste caso — disse com enthusiasmo o inspector — mas permitta-me uma observação: o sr. Holmes não tem superiores, emquanto que eu tenho contas que dar aos meus. Se Abe Slaney, habitando em casa de Elrige, é realmente o assassino, e foge emquanto eu estou aqui muito descançado, com certeza vou ter grandes semsaborias.

— Não tenha medo, não pensará em fugir!

— Como o sabe?

— A sua fuga provaria a sua criminalidade.

— Então só temos que proceder á sua captura.

---

(1) Vem.
(2) Estou aqui. Abe Slaney.
(3) Nunca.
(4) Vem.

— Estou á espera da sua chegada dum instante para o outro.

— Por que motivo ha-de elle vir?

— Porque lhe escrevi chamando-o.

— E' incrivel, sr. Holmes! Como pode uma carta sua obrigal-o a vir aqui? Creio que não poderá ter outro resultado senão despertar-lhe a desconfiança, e activar-lhe a fuga.

— Parece-me que achei maneira de evitar isso na minha carta — disse Sherlock Holmes — e a proposito julgo que lá vem justamente o nosso homem subindo a alameda.

Effectivamente, vinha um homem que se dirigiu a toda a pressa para a porta. Era alto e gentil; côr um pouco bronzeada, vestia fato de flanella cinzenta e chapéu de panamá, usava barba preta emaranhada, sob um nariz aquilino, e vinha fazendo molinetes com a bengala. Quem o visse avançar assim, julgaria que toda a propriedade era delle.

Tocou com toda a força á campainha da entrada.

— Creio, meus senhores — disse Holmes muito tranquillamente — que o melhor que temos é pôr-mo-nos em posição atraz da porta. Todas as precauções são poucas com um figurão destes. Inspector, vá preparando as algemas, e deixem-me falar-lhe.

Esperamos calados, um minuto destes que marcam epoca na nossa existencia. Por fim abriu-se a porta, e o homem entrou. Holmes encostou-lhe immediatamente o revolver a uma das fontes, e Martin algemou-lhe os pulsos. Fizeram isto com tal destreza e rapidez que o sujeito ficou inutilizado para fazer mal, antes mesmo de comprehender o que se passava. Os seus olhos dardejavam olhares furiosos sobre cada um de nós; depois pôz-se a rir estrondosamente.

— Está doido! — exclamou Abe — foi a elle, Senhor; arrisquei-me contra quem é mais forte do que eu.

"Eu vinha cá chamado por uma carta de Mistress Hilton Cubitt; não foi ella que me armou esta cilada, não é assim?

— Mistress Hilton Cubitt está gravemente ferida, está ás portas da m^rte!

O homem soltou um grito que se ouviu em toda a casa.

— Está doido! — exclamou Abe foi a elle que eu feri e não a ella! Quem havia de fazer mal á nossa querida Elsie? Eu posso tel-a ameaçado, Deus me perdoe! Mas nunca tocar-lhe sequer num cabello da lindissima cabeça. Não é verdade? Digam-me que não é verdade que ella esteja ferida!

— Foi encontrada perigosamente ferida ao lado do cadaver de seu marido!

Deixou-se cahir numa cadeira, soltando um profundo gemido; apertou a cabeça nas mãos, e ficou alguns minutos em silencio; por fim levantou a cabeça, dizendo com a serenidade do desespero:

— Não lhes occultarei nada, meus senhores. Atirei sobre o marido porque foi elle o primeiro a atirar sobre mim, foi pois em defeza propria. Se pensam que eu queria fazer mal á pobre senhora, é porque me não conhecem nem a mim nem a ella. Nenhum homem no mundo amou esta mulher como eu a amei. E estava no meu direito porque era minha noiva ha muitos annos. Quem era este inglez que veiu intrometter-se entre nós? Quem tinha primeiro direitos a ella era eu, não fiz senão vir reclamar o que me pertencia!

— Pois ella esquivara-se á sua influencia, quando soube quem o senhor era — disse serenamente Holmes — Deixara a America para lhe fugir, e casara com um inglez muito respeitavel. O raptor perseguiu-a tornando-lhe a vida insupportavel, no proposito de coagil-a a abandonar o marido, que ella amava e respeitava, para fugir com o senhor, a quem ella odiava, e desprezava.

(Continúa na pag. seguinte)

(3) Em casa de Elrige.

(4) Elsie, preparava-se para apparecer diante de Deus!

"Finalmente, acabou por matar este homem de bem, e levar a mulher ao suicidio. Aqui está o que fez Abe Slaney, e vae responder á justiça.

— Se Elsie morrer, pouco me importa a minha sorte! — disse o americano.

Abriu uma das mãos, e passou pela vista o bilhete que tinha amarrotado.

— Vejamos, senhor, disse elle com uma sombra de desconfiança na physionomia, não estarão querendo assustar-me! Se esta mulher está tão seriamente ferida como dizem, quem me escreveu então este bilhete?

E atirou-o para cima da mesa.

— Eu, para o obrigar a vir aqui!

— O senhor é que o escreveu? Mas se ninguem no mundo, a não ser a quadrilha de Joint, conhece a cifra dos dansarinos. Como poude o senhor escrevel-o?

— O que um homem pode inventar, outro pode descobrir, disse Holmes. Vem ahi uma carruagem para o levar a Norwich. Emquanto esperamos que chegue, tem bastante tempo para reparar um pouco o mal que fez. Sabe que se tem desconfiado muito que Mistresse Elsie assassinasse seu marido, e que só a minha presença aqui, e o conhecimento que eu tinha dos factos anteriores a puderam salvar? O menos que o sr. Slaney lhe deve, é provar deante de toda a gente que ella não tem directa ou indirectamente a minima responsabilidade no tragico fim de meu marido.

— Nem eu peço outra coisa! disse o americano, e em meu proprio interesse, o melhor que tenho a fazer é contar toda a verdade.

— Devo prevenil-o que isso servirá contra si, exclamou o inspector com aquella soberba lealdade exigida pela lei ingleza.

Slaney encolheu os hombros.

— Que me importa! disse elle. Em primeiro logar, tenho a dizer-lhe que conheci esta senhora ainda pequena. Pertenciamos a uma quadrilha de malfeitores, e o pae de Elsie era nosso chefe. Era um homem muito esperto o velho Patrick! Foi elle quem inventou esse processo de escripta que póde perfeitamente passar por umas rabiscas infantis, não se conhecendo a chave.

Elsie foi iniciada na nossa vida, mas nunca poude supportar, e como tinha algum dinheiro ganho honestamente, fugiu, e veio para Londres.

Acceitara-me como noivo, e sem duvida teria casado commigo, se eu consentisse em mudar de profissão, porque não queria ter nenhum contacto com a nossa quadrilha. Só depois do seu casamento soube onde ella parava. Escrevi-lhe e não tive resposta.

Parti então, e como não fazia caso das minhas cartas, comecei a collocar as missivas em logares bem visiveis para ella.

Ha um mez que me encontro aqui; tenho vivido alem, naquella herdade, onde aluguei um quarto no rez-do-chão, para poder sahir de noite sem que ninguem désse por isso.

Cheguei a fazer impossiveis para raptar a Elsie. Estava certo que lia as minhas missivas, porque uma vez respondera por debaixo de uma dellas.

Perdi a cabeça, e comecei a ameaçal-a.

Escreveu-me então uma carta, supplicando-me que partisse, que o escandalo de que a ameaçava lhe dspedaçaria o coração, accrescentando que ás tres horas da madrugada, durante o somno de seu marido, viria falar-me á janella se eu promettesse partir em seguida e deixal-a em paz.

De facto veiu, trazendo comsigo dinheiro que me offereceu.

Fiquei como doido; agarrei-lhe no braço e tentei arrastal-a pela janella fóra. Foi neste momento que o marido entrou com o revolver na mão.

Elsie estava cahida por terra e ambos nós nos encontramos frente á frente. Estava apanhado; para

o amedrontar, levantei o meu revolver, elle disparou e falhou, eu atirei, cahindo elle.

Fugi pelo jardim, e na fuga ouvi que a janella se fechava.

Eis aqui a verdade pura, meus senhores, toda a verdade. Não ouvi falar de mais nada até receber o seu bilhete, e vir em seguida aqui entregar-me nas suas mãos, como um imbecil!

Um carro com dois policiaes chegara durante a narração do americano.

O inspector Martin poz a mão no hombro do preso.

— São horas de partir.

— Posso vêl-a antes?

— Não: está sem sentidos. Sr. Sherlock Holmes, espero que se algum dia me apparecer outro caso assim tão grave, terei a fortuna de o ter por guia.

Ficamos á janella, Holmes e eu, vendo partir o carro. Tendo desapparecido o carro, chamou-me a attenção o pedaço de papel que o prisioneiro atirára para cima da mesa. Era o bilhete, graças ao qual Holmes o tinha attrahido.

— Veja se o póde decifrar, Watson — disse-me sorrindo.

Não continha uma unica palavra, mas sim uma pequena linha de bonecos dansantes.

— Se você se servisse do codigo de que já lhe dei a explicação — disse Holmes — veria que isto significa simplesmente: "Come here at once." (1) Tinha a certeza de que não deixaria de vir, porque elle nunca poderia suppôr que o convite viesse d'outra pessôa que não fosse essa pobre senhora. E aqui está, meu caro Watson, como por uma vez nós nos servimos, para uma boa acção, d'estes bonequinhos que tão frequentes vezes foram agentes de crimes; parece-me ter cumprido a minha promessa, dando-lhe uma historia interessante para o seu livro de notas. Temos comboio ás tres e quarenta, e estaremos em Baker Street para jantar.

. . . .

Ainda uma palavra para terminar. O americano Abe Slaney foi condemnado á morte pelo tribunal de Norwich; mas foi-lhe commutada a pena em trabalhos forçados por toda a vida, em vista das circumstancias attenuantes, e na certeza de que Hilton Cubitt fôra o primeiro a disparar.

A respeito de Mistress Cubitt, tudo que sei é que, tendo recuperado a saúde, deixou-se ficar viuva, consagrando a sua vida a obras de caridade, e á administração da fortuna de seu marido.

(1) Venha aqui immediatamente.

FIM

No proximo numero do mesmo autor:

A luneta de aros de ouro

SERENATA

Ary Kerner

Desperta, meu amôr... Escuta o canto
daquelle que deixaste muito além...
Desperta... Vem ouvir o triste pranto
daquelle que te quer como a ninguem...

Desperta... Tu pensaste que eu não vinha,
embora crendo bem no meu amôr...
Eu tenho a simples alma da andorinha
e canto pelo mundo a minha dôr...

Desperta! Vem commigo ver a aurora
surgir atraz dos montes verdejantes...
desperta, pois a vida vae-se embora,
e como a madrugada... dura instantes...

Desperta... Vem sentir tambem o açoite
das queixas que minh'alma tem de ti...
Que importa a mim perder mais uma noite,
si tantas, por te amar, eu já perdi?

Desperta, pois si um dia adormeceres
e fôres no Empireo despertar,
ainda cantarei, só para veres
que alguem ficou no mundo a te chorar...

e triste, desfolhando uma por uma
as ternas illusões da minha vida,
O Etereo alcançarei, rompendo a bruma
do pranto que em meu peito fez guarida...

Desperta... pois que a morte anda escondida,
e um dia ha de pôr fim ao meu cantar...
e nunca mais, talvez, minha querida,
terás um trovador pra te acordar!

A Arte e o Amor

"A arte é um processo de continuidade e não de isolamento; de evolução e não de revolução".

Calzini

A verdadeira arte é aquella que a gente sente e comprehende sem necessidade de malabarismos mentaes. Porque belleza é equilibrio, harmonia, simplicidade e correspondencia entre a inspiração e a obra.

Para que um artista possa crear alguma coisa grandiosa e bella, é necessario que elle primeiro se ponha á altura dessa grandeza e belleza.

No terreno da intelligencia, como no do coração, os valores da obra e do creador se correspondem.

Um grande livro só póde ser produzido por uma grande intelligencia; um grande sacrificio só póde ser consummado por uma grande alma.

Toda a obra de arte tem uma particula do artista que a creou.

Involuntariamente, elle, ao produzil-a, lhe imprime alguma coisa do seu caracter, de sua alma.

Em toda a creação fica o signal, a marca do creador.

E todo o artista deve ser verdadeiro isto é, sincero na emoção e na emoção e na expressão.

Nossas almas são convivas esfaimados para o banquete do amor.

Ellas accorrerão ao primeiro signal que uma outra alma lhes fizér.

Mas o que acontece quasi sempre é que, por muito timidas, ellas não têm coragem de fazer um gesto, de dar um passo para a alma irmã que lhes passa junto, para a alma gemea com quem cruzam no caminho da vida.

E é por isso que ha tanta gente infeliz ahi pelo mundo...!

Vem dia em que todos nós temos frio e temos sêde, e então vamos para a primeira creatura que nos agazalha e dá de beber — embóra saibamos que essa não é a alma que a nossa esperava e desejava.

E não ha receio de engano. Ellas se conhecem e se revelam mutuamente, as almas nascidas uma para a outra.

A alma que tem medo de se enganar não deve acenar á outra alma, porque a não ama.

O amor não hesita, não trepida: elle se lança, elle se atira.

Regina Rizzini

A PRIMEIRA DERROTA

(Continuação do num. anterior)

(Conto de Lauro Mendes)

Mendes Moreno soube reprimir o instincto. E respondeu, com naturalidade:

— Escreva, por exemplo: "Rio de Janeiro, 31 de março, sabbado de Alleluia".

E o teclado gemeu, sob a pressão delicada dos dedos finos, e a data biblica appareceu rapidamente sobre o papel, borrado de tinta azulada e Alleluia...

Domingo de Paschoa. Uma chuva incommoda e miuda como que avivava o verde esperança das arvores. Um véu denso de melancolia affrontava deliciosamente as almas.

Mendes Moreno acordára com o instincto alvoroçado pela modesta empregada que na vespera despertára a sua sensibilidade masculina. Subiu lentamente a rua do Ouvidor, a trautear um tango da moda, e entrou numa confeitaria elegante.

Apesar da noitada alegre com que commemorára a entrada da Paschoa, não tinha ainda conseguido esquecer a formosa dactylographa, e acabou reconhecendo que o seu coração lhe ficára pertencendo. E não podia esperar pela segunda-feira para demonstrar-lh'o indiscutivelmente. Na sua impaciencia, succediam-se os sorvetes, que um *garçon* apalermado servia com espanto, na hora matinal e clara.

Subito, lembrou-se de algo. Porque não mandar-lhe uns bonbons? Pagou a despesa, e ali mesmo adquiriu custosa caixa de "marrons", e, com gesto galante, escreveu num cartão de visita, mesmo ao lado do "Commissões e Consignações":

"Offerece á gentil Mariluiza, para que se lembre delle num sombrio domingo de Paschoa..."

Foi ao mensageiro e mandou levar o embrulho em casa da menina. E este gesto elegante de trovador enamorado devolveu-lhe a paz de espirito, acalmando-lhe o instincto que lhe queimava o sangue...

MENDES MORENO entrou na pensão justamente quando sahia Lovelace. Roupa preta, "plastron" escuro, sapatos de verniz, "[illegible]" nortista, o inspirado vate entretiasse certamente em compôr mais algum soneto, que naturalmente seria roubado pelo Mendes Moreno, em proveito do seu primeiro e verdadeiro enlevo.

— Então, até onde é o passeio, don Lovelace?

O melodioso vate compoz uma physionomia de infinita doçura, e respondeu compassadamente, como quem recita:

— Vou ver o Christo resuscitado nos olhos de Magdalena...

E afastou-se, embrulhado na capa romantica do seu ingenuo lyrismo.

Roberto Mendes subiu rapidamente para o quarto, e, quando entrava, percebeu Amparito que collocava algumas flôres na sua jarra. Sempre galante, beijou-a longamente no pescoço, e, para não esquecer o delicado pensamento do poeta, sussurrou, baixinho:

— Até parece que Jesus Christo resuscitou nos teus olhos, Amparito...

Amparito estremeceu, plena de alegria e gozo, ferida em cheio pelo retumbante galanteio. Agitou-se, como flôr de estufa, magoada pela ligeira caricia da aza da borboleta. Mas ainda teve forças para replicar, com modestia:

— *No digas heresias, chiquito...*

O relogio da sala pingou, dolentemente, tres gottas de som na tarde mormacenta e entorpecente.

Mendes Moreno fechou a porta mansamente, deslisou o reposteiro e correu o store. Fez-se no quarto doce penumbra e mysterioso silencio, cortado apenas pelo rumor feliz de duas sombras que se beijavam...

FORA numa Sexta-Feira da Paixão que Mariluiza, inesperadamente, conhecêra aquelle rapaz. Finda a missa, sahira do templo, lindissima no seu vestido preto, muito simples, trazendo os olhos humidos das lagrimas derramadas pelo pae.

Olhou-o, por acaso, por intuição. Elle olhou-a tambem. E os olhares reciprocos fundiram-se em ternura.

Que seria para ella a vida, si não houvesse encontrado aquelle rapaz?

Que seria para tantas mulheres o penoso viver, si não encontrarem um dia uma illusão de amôr? Andam pelos caminhos ingremes da vida, como pobres borboletas, tontas, em risco de queimarem as azas frageis, ao contacto de uma luz que anda dentro das almas

A PRIMEIRA DERROTA

(Continuação)

como a hostia sagrada dentro do sacrario.

No longo caminho da existencia temos, caminhando em sentido contrario ao nosso, um sêr de sexo opposto, que nos comprehenderá, que nos fará vibrar as cordas mais sensiveis da alma. E, insensivelmente a procuramos, temos a imagem ideal dentro da alma, como a hostia no tabernaculo. Mais felizes, alguns chegam a adivinhar. Outros, desditosos, cruzam com o ideal sem o perceber.

Os grandes romances nascem do silencio. Quando não são dois olhares que se buscam, ansiosos, são duas mãos que se tocam ao de leve. Duas mãos que estremecem, e que se desviam, sobresaltadas. Entretanto, ha muito que se buscam... Objecto que cáia, as duas rojam-se a levantál-o num mesmo impeto que as irmana. Objecto que uma entregue á outra, é pretexto para que se encostem, uma á outra, soffregas — a feminina, num carinho, a masculina, num aperto... A maior cobre a menor, apaixonadamente, e esta, enlanguescida, deixa que a outra o faça. E vae deixando, para subitamente arrepender-se, e, por vexame, esquivar-se, medrosa... A outra mão vae-lhe no encalço, afogueada. Descobre-a escondida entre as rendas da manga, agarra-a com arrebatamento e prende-a. Tremula, a mãozinha deixa-se ficar toda aninhada dentro da outra, a palpitar! E aquietam-se as duas, tremulas de volupia, a menor empalmada pela maior, e ambas amorosas vivas, presas, palpitantes e quentes...

Nasceu assim, do silencio, o doloroso amôr de Mariluiza. E foi sob o tecto abençoado do templo, que elles cimentaram a sua amizade. Era um humilde procurando uma humilde. Elle era quasi que um nada, um ser obscuro, um modesto obreiro. Era operario joalheiro, e chamava-se Marcos Fonseca. Não tinha pae nem mãe, e esta condição tristissima de irremediavel abandono commoveu até o intimo a ingenua alma da romantica donzella. Pungia-a a lembrança do amado não ter um carinho materno que o consolasse nos embates da vida. E desejou ser para elle mãe ao mesmo tempo que noiva, num quasi impossivel desdobramento de attitudes, que tinha sua natural explicação na ingenuidade com que ella encarava o mundo, até então desconhecido para ella. E, entregues á deliciosa illusão do amôr, poderia cahir sobre aquellas pobres esperanças em botão toda a neve do céo, que mesmo assim haveria de florescer o mysterioso encanto dos seus labios.

CHEGARA maio. Primavera em flôr nas almas. Perfume de rosa nos jardins. Mariluiza não faltou um unico dia ao escriptorio. Mendes Moreno, cada vez mais enamorado, chegou a esquecer Amparito, esqueceu Lovelace, esqueceu até mesmo uma nova marca de automoveis que o empolgava. Teve mesmo uma violenta scena com a empregada, que permanecia resistindo, sempre fechada na alcova impenetravel e sagrada de sua honestidade, forte como aquelle amôr que a reduziu a uma deliciosa escravidão.

Um bello dia, tocou o telephone. Mendes Moreno attendeu-o. Era um incidente commum, uma conversa que Mariluiza ouviu, alheia ao movimento exterior.

— Sim, sou eu.

— ...

— Não. Não sei.

— ...

— Que? Desappareceu? Que eu encommendei?

— ...

— Mas, o ladrão. Sabem quem é?

— ...

— Ora... a policia... reze por alma...

— ...

— Dez contos! E' verdade. Uma ociosidade. E eu precisava delle...

— ...

— E confessou?

— ...

— Pois si não ha prova, como podem obrigal-o a confessar?

— ...

— Tem um lindo nome. Marcos Fonseca...

Mariluiza, que neste ponto seguia o dialogo com ansiedade, sustou a respiração ao ouvir o nome adorado. A ultima tecla em que batêra gemeu, agonizou e morreu sobre o papel. Sentiu a garganta offegante; um raio de luz illuminou-lhe a razão, e cahiu desmaiada.

Quando abriu os olhos, estava no divan. Torpemente, Mendes Moreno tinha-lhe descoberto o collo e beijado com ardor sua carne immaculada. E seus dedos descobriram a alvura delicada de uma renda. Uma branda respiração fazia arfar levemente o collo da divina inconsciente. E quando elle se lhe revelou, numa imprevista e adoravel exposição de rosa e jaspe, de luar e de pudor, os seus olhos viram, suspenso de pequeno fio doirado, e aninhado entre as rendas, um adereço de brilhantes do qual pendia uma cruz no centro. Não poude reprimir um grito de surpresa. Era um Christo em miniatura, uma maravilhosa concepção do martyr do Golgotha, incrustado numa cruz de prata, preso por cinco chagas resplandecentes, cinco brilhantes raros. Era o mesmo Christo que o enamorado patrão encommendára para offertar á deliciosa e inattingivel empregada. Comprehendeu então a razão do delicioso desmaio, mas não conseguiu alcançar a belleza do gesto de quem o furtára...

ESTAMOS no gabinete do delegado de policia. Scenario marcado a rigor, como numa peça "á Pirandello". Uma sala mal illuminada, onde se fazia baixa justiça. Por uma porta entreaberta percebia-se-lo vozear do mulherio infame, num cacarejar obsceno de vieila excusa. Encostado a uma porta, o reporter policial de um jornal confabulava com o photographo, farejando um escandalo e consequente "furo" que o habilitasse a metter um "vale" no secretario. Um ou outro "promptidão" somnolento; e, completando o quadro, a figura mansa e suave do "rabula", farejando um cliente rendoso. Sereno, impassivel, o delegado interroga:

— Seu nome?

— Marcos Fonseca.

— Idade?

— Vinte e dois.

— Trabalha em...

— Joalheiro.

— Estado civil?

— Solteiro.

— Por que roubou a joia?

— Eu não roubei...

Por uma delicadeza, Mendes Moreno assiste ao interrogatorio. Devido á solennidade forçada do acto, não pronuncia palavra. Encostado á janella, fita o detido ironicamente, sentindo por elle uma indifferença, que, bem estudada, não é mais do que "ciume". Pensa: "E dizer-se que foi por isto que ella me trocou!..."

Psychologicamente, Mendes Moreno era apenas um producto doentio de quem, com alguns annos de clausura monastica, sahiu com a obcessão da mulher. Todas as mulheres lhe agradavam. A mulher, para elle, tinha apenas o interesse carnal, de momento. Não era romantico, e nunca nenhuma o prendêra pelo espirito. Um bello dia surprehendêra-se seguindo, pela rua do Ouvidor, uma linda mulher. Seguiu-a com fervor e impaciencia. Ella entrou numa joalheria. Elle esperou-a. Demorou. Elle contou até cem. Ella não veiu. Mendes Moreno foi-se embora, e nunca mais se lembrou do incidente.

O delegado tocou um timbre. Appareceu um guarda.

(*Conclue na pagina seguinte*)

— Mande entrar essa senhorita...

Fez-se silencio. Silencio e ansiedade. Pallida de emoção, Mariluiza, sentindo fugir-lhe a coragem, procurando manter uma attitude digna, fez a sua entrada. Um rumor de passos apressados, attitudes que se concertam, charutos boçaes atirados ao chão, fez-se ouvir. Quando a moça, com os olhos vermelhos de chorar, pousou o olhar sobre os olhos do noivo, prorompeu em pranto.

Imperturbavel, o Scarpia continuou o interrogatorio:

— E' parente, amiga ou inimiga do accusado?

Mariluiza corou, mas não respondeu.

— Vamos, responda.

— Não sei.

— Promette, sob palavra, dizer a verdade?

— Prometto.

— Conhece este homem?

— Conheço.

— Quaes eram suas relações com elle?

— Era meu noivo...

— Foi elle então que lhe deu aquella cruz?

Pela primeira vez, desde que entrára, os seus olhos procuraram os do noivo. E a confissão nasceu, expontanea, daquelle olhar. Sem uma palavra, baixou tristemente a cabeça. O delegado sorriu, gozozo daquella confissão muda.

— E... sabia que a joia tinha sido roubada?

— Não.

— Elle não explicou a sua proveniencia?

— Não.

O delegado voltou-se para o preso:

— E confessa agora que roubou?

Marcos levantou os olhos. Chorava. Havia grandeza e nobreza na sua derrota:

— Confesso. Roubei...

Mendes Moreno estava emocionado. Para disfarçar, tapou o rosto com a mão.

— Que o levou ao roubo?

— Não posso responder.

A PRIMEIRA DERROTA

(Conclusão)

— Roubou por amôr — disse alguem, ao fundo da sala.

O delegado procurou, espantado, quem assim falava. Habituado ao crime e ás tragedias, achava que a mulher não compensava o sacrificio da liberdade. A Lei não podia transigir num caso romantico de Amôr.

Mais meia hora durou o interrogatorio. E quando o Scarpia mandou recolher o desventurado ao carcere, Mariluiza bebeu-lhe pela ultima vez a caricia do olhar, e viu-o sahir, sem uma palavra, envolto no manto velludoso de sua gratidão.

Mendes Moreno olhou-a, consternado. Via assim perdida a ultima esperança de levar a termo tão bella conquista. Via fugir assim a primeira pomba que lhe fugia sem que lhe fosse dado provar o mel dos labios. Era a sua primeira derrota...

ESTAMOS no mesmo gabinete discreto da florescente casa de commissões e consignações, a mesma secretária repleta de catalogos coloridos, o mesmo divan forrado de cretone berrante, as mesmas cadeiras estylo inglez, o mesmo espelho que reflectia o seu perfil de sonhador, a mesma machina de escrever, cujo teclado dormia sob a capa de oleado, viuva de caricias femininas. E Mendes Moreno, que esperava uma mulher. Estava eternamente condemnado a esperar uma mulher.

O mesmo continuo metteu o bigode, onde havia dois cabellos brancos a mais, pela porta entreaberta, e annunciou uma senhora.

— Mande entrar só quando eu tocar a campainha.

— Foi ao espelho, e notou alarmado que lhe haviam crescido alguns cabellos brancos, e uma leve ruga sorria-lhe, ironicamente, ao canto da bocca. E, com medo de que aquella mulher se arrependesse, mandou entrar immediatamente a annunciada.

O reposteiro afastou-se, e appareceu uma joven. Sorriu com coqueteria. Como sempre, Mendes Moreno indicou-lhe o divan, e pediu licença para accender um cigarro. Fez-lhe uma pergunta banal e não obteve resposta.

Convidou-a a experimentar a machina, e, com o eterno pretexto de lhe ensinar a trabalhar com a mesma, approximou-se da moça.

— Eu já sei trabalhar com ella. No City Bank eu usava uma da mesma marca...

— Trabalhou no banco? E por que sahiu?

— Ora. O gerente era um velho cacete que gostava de agradar a todo mundo...

— E agradou-lhe?

— Não gosto de velhos...

— Então, de mim, que já tenho cabellos brancos...

— Não diga isso. Está muito novo ainda.

A rapariga sorriu, galante. Elle pegou-lhe na mão e beijou-a, sussurrando-lhe ao ouvido:

— Sabe que sympathiso muito comsigo?

— Obrigada.

Elle beijou-lhe novamente a mão. Ella fingiu-se zangada. Para disfarçar, perguntou:

— Que hei de escrever?

— Escreva, por exemplo: ainda hei de ser muito feliz nesta casa...

As teclas estremeceram, despertas pela delicada pressão dos dedos suaves. O papel immaculado manchou-se rapidamente de tinta azul e felicidade. Mas a phrase não poude ser terminada. Mendes Moreno beijava com frenesi o torneado pescoço da sua nova conquista, sentindo ainda na bocca o travo amargo do desengano que lhe lançára na alma o seu primeiro e verdadeiro amôr, que elle não merecêra, e via bailar-lhe na frente o phantasma doloroso de sua primeira derrota...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno....	(52 ns.)	48$000
Semestre	(26 »)	25$000

(Registada)

Anno....	(52 ns.)	65$000
Semestre	(26 »)	35$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno....	(52 ns.)	60$000
Semestre	(26 »)	35$000

(Registada)

Anno....	(52 ns.)	95$000
Semestre	(26 »)	50$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa	1$000
Numero atrazado	1$500

Presentes de Natal
Westinghouse
ANTES DE DECIDIR A COMPRA DE SEUS PRESENTES REFLICTA SOBRE:
— o bem estar que proporciona a brisa suave de um ventilador silencioso e moderno;
— a commodidade de uma torradeira electrica que, automaticamente, vira a torrada e dá signal quando a mesma está prompta;
— as vantagens de um aspirador de pó que, ao mesmo tempo, é enceradeira e que, além disso, espalha a cêra electricamente;
— a segurança de um ferro electrico que desliga automaticamente quando está sufficientemente quente, tornando a ligar quando precisa mais calor.
UNICOS DISTRIBUIDORES:
BYINGTON & C.º
São Paulo - Rio de Janeiro - Santos - Porto Alegre - Curityba - Recife - Bahia
W